

GAZETA

VALSASSINA

abril 2026
número 91



Aprender com Tempo

Índice

Editorial 1

O Tempo da Madeira: Construir o Futuro no Jardim de Infância 2

O Tempo que Voa e o Tempo que Demora a Passar 4

Aprender com Tempo 5

És Tu Quem Dá Sentido ao Tempo 6

Consciência de Cidadão 7

Educação Inclusiva: Romper com a invisibilidade pedagógica 8

Um Tabuleiro. Quatro Jogadores. Diferentes Pontos de Partida:
Uma conversa sobre desigualdades sociais 10

Educação Relacional: Uma chave para o futuro 12

Os Alunos Não Se Importam com o Quanto os Professores Sabem,
Até Saberem o Quanto Eles Se Importam 13

O Verdadeiro Valor do Tempo 14

Pare, Escute, Olhe! 16

Parlamento dos Jovens, Edição 2025/2026 17

Dia da Mulher: Tempo para partilhar experiências 20

Aprende-se a Gostar de Ler? 23

Leitura de Obras na Disciplina de Português: Integral ou por
fragmentos? 24

Náutilo 25

Segredo do Relógio que Parou o Tempo 26

Aldeia Varda 27

Aprender com Tempo: A Matemática como construção ao longo da
vida escolar 28

Da Canção ao Debate: O tempo na sala de aula de inglês 30

Entre Preguiças, Rios e Sombras: Pensar o Tempo e dar tempo ao
pensamento 31

Dar Tempo ao Mundo 34

Pontes de História: Da Idade Média aos Descobrimentos, entre
Nantes e Lisboa 35

Em Bolonha, Aprende-se a Ensinar Melhor 36

Aprender com Tempo e em Diálogo com o Mundo: Intercâmbio
Erasmus+ com a escola *Zespół Szkół Samorządowych w
Sułkowicach – Łęgu* 37

Viagem Cultural: Florença e Siena 38

Semana das Artes 2026 40

O Tempo das Artes no 1.º Ciclo 44

Mãos à Obra: Dimensionar o presente 45

Fios do Tempo: Entre linhas e lembranças 46

Pensar o Museu, Criar uma História 48

Entrevista a Susana Mendes Silva 50

School Public Speaking: From speeches to debates 52

O Contributo do Debate para a Formação Integral dos Alunos 53

Projeto: O tempo das borboletas 56

As Saídas de Campo e os Ciclos Naturais como Metáfora
Educativa 58

O Valor do Tempo na Aprendizagem por Projeto 61

Colégio Valsassina Vencedor na Competição NEXT BET 2026 64

Entrevista a Joana Magalhães da Silva 66

Tempo de Questionar Caminhos: Fórum das Profissões 68

Aprender Música Leva Tempo 70

Quadro de Honra 1.º Período 2025/2026 72

Colégio em Ação 74

Aconteceu... 76

Aconteceu no desporto... 80

Vai acontecer... 80

editorial

João Gomes Diretor pedagógico

São vozes de crianças do Jardim de Infância. Vozes que revelam entusiasmo, impaciência, descoberta e, acima de tudo, aprendizagem.

No projeto “O Tempo das Borboletas”, as crianças não aprenderam apenas sobre o ciclo de vida de um ser vivo. Aprenderam a esperar. A observar. A compreender que, por vezes, o mais importante acontece quando parece que nada está a acontecer.

“Aprender com tempo” é reconhecer que o conhecimento não acontece num instante isolado, mas num percurso feito de ritmos, pausas e descobertas. Num mundo que valoriza a rapidez e a resposta imediata, estas experiências lembram-nos que aprender exige demora, atenção e disponibilidade para o processo.

Ao observar uma lagarta que “está a dormir” ou um casulo de onde “não nasceu nada”, as crianças confrontam-se com o mistério do tempo. Tiveram de confiar, de esperar, de continuar a questionar. E, quando finalmente a borboleta emerge, não é apenas um fenómeno biológico. Torna-se visível o sentido da aprendizagem: crescer é transformar-se, e toda a transformação tem o seu tempo.

Também nas Artes essa aprendizagem se revela. Em “Fios do Tempo: Entre linhas e lembranças”, cada ponto de costura torna-se num exercício de atenção e de presença. O valor não está apenas no resultado final, mas no percurso vivido. Entre linhas, fotografias e memórias familiares, o erro integra-se no processo, o tempo investido acrescenta sentido à criação e aprender acontece tanto no fazer e no refazer como na pausa para refletir.

No voluntariado, o tempo transforma relações. O que começa como desconforto torna-se pertença. O que é estranho torna-se próximo. Aprender, aqui, é dar tempo ao encontro, à construção de vínculos, à descoberta do Outro.

Nos trabalhos de projeto, nas viagens culturais e nos intercâmbios, o tempo vivido em conjunto cria memórias e significado. Não se aprendem apenas conteúdos, mas formas de estar, de olhar o mundo, de compreender e de participar.

“Temos de esperar mais uns tempinhos...”
“Já nasceu!”
“Voa, borboleta! Tu consegues!”

Todas estas experiências lembram-nos algo essencial: não há aprendizagens significativas sem relações significativas. É no tempo partilhado entre alunos/as, professores/as, famílias e funcionários/as, que o conhecimento se torna humano, profundo e transformador. É neste tecido de relações que ganha sentido.

“Aprender com tempo” implica, por isso, respeitar os ritmos: os da infância, que pergunta sem pressa; os da adolescência, que experimenta e se reinventa; e os (diferentes) ritmos de aprendizagem, que nem sempre são lineares, mas que são sempre significativos quando existe tempo e espaço para crescer.

A remodelação do espaço do Jardim de Infância materializa esta visão. O espaço, longe de ser um cenário neutro, deve respeitar a relação indissociável entre corpo, natureza e aprendizagem. O conhecimento constrói-se com o corpo inteiro, ao tocar, correr, observar, escutar e experimentar.

“Aprender com tempo” implica habitar plenamente cada experiência e, através dela, descobrir quem somos e quem podemos vir a ser. Esta edição da Gazeta Valsassina é um convite: escutar estas vozes, valorizar estes tempos, reconhecer que educar não é acelerar, mas acompanhar. Porque, no fundo, aprender é saber esperar pelo momento certo. Não é apressar o voo. É dar tempo às asas para nascerem.

“... o conhecimento não acontece num instante isolado, mas num percurso feito de ritmos, pausas e descobertas.”

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor, Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Gomes
Direção Editorial Inês Almeida, Filipa Freitas, Marta Magalhães Silva e Joana Baião
Paginação e Impressão idg · Imagem Digital Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Tiragem 1700 exemplares

Colégio Valsassina
Largo Frederico Valsassina
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt



Edições da Gazeta Valsassina

O Tempo da Madeira: Construir o Futuro no Jardim de Infância

Marta Magalhães da Silva e Frederico Valsassina

Pensar, projetar e construir um edifício é um processo que exige trabalhar o tempo – o tempo dos projetos, o tempo da construção, o tempo de vida do edifício. Quando este exercício acontece na escola, o tempo ganha ainda maior relevância, pois o tempo de habitar o edifício é também o tempo de aprender, o tempo de brincar, o tempo de crescer, com transformações constantes, novos desafios e novas necessidades.

O tempo também está presente no sistema estrutural de madeira utilizado na reabilitação da “Infantil de Cima”. Afinal, a madeira é um material vivo que transporta o passado de árvores com dezenas de anos, que responde aos desafios construtivos e pedagógicos do presente – como atestam muitos bons exemplos pela Europa fora – e que protege o futuro comum.

A utilização da madeira na construção resulta do aproveitamento dos troncos das árvores para múltiplas finalidades, recorrendo a processos que podem passar pelo simples corte e utilização do tronco tal como ele existe na natureza, ou por um processamento mais complexo para obter materiais de construção mais resistentes, homogêneos ou com menor desperdício.

O sistema construtivo adaptado baseia-se na tipologia de *Timber Frame* (estrutura de esqueleto em madeira). Esta estrutura é constituída por elementos de madeira de abeto proveniente de florestas nórdicas, processados sob a forma de madeira microlamelada – conhecida tecnicamente como LVL (*Laminated Veneer Lumber*). O material resulta da sobreposição de camadas finas de madeira desenrolada do tronco, justapostas e coladas entre si, criando componentes com uma resistência superior. Este sistema é idealizado para otimizar as propriedades da madeira de acordo com a sua função estrutural, permitindo uma construção leve, precisa e extremamente robusta.

Quando processada desta forma, a madeira adquire características construtivas que lhe permitem ser uma alternativa sustentável aos materiais de construção tradicionais e altamente poluentes como o cimento, os metais ou os plásticos.

A estrutura de madeira é também um armazém de carbono e uma resposta no combate às alterações climáticas. Enquanto crescem, as árvores captam dióxido de carbono e emitem oxigénio. Por cada metro cúbico, o abeto retira da atmosfera cerca de uma tonelada de CO₂, durante o seu crescimento. Ao utilizarmos a madeira das árvores antes da sua entrada em decomposição, “aprimosamos” esse carbono no edifício. Por outro lado, por cada metro cúbico de madeira utilizado na construção (como substituto de outros materiais de construção) evitamos a emissão de 1,1 toneladas de CO₂ – uma verdadeira alternativa a sistemas construtivos tradicionais que recorrem à exploração de recursos escassos e cujo processamento é responsável pela emissão de mais gases poluentes.



“Construir em madeira permite aliar eficiência e conforto no presente.”



Conheça melhor o projeto de reabilitação do edifício do Jardim de Infância na edição da Gazeta de julho 2025

Uma “Bateria” de Carbono

- 300 m³ de madeira de abeto utilizados.
- 600 toneladas de CO₂ cuja emissão é evitada.
- Dupla função: Retenção de carbono no material + Substituição de materiais poluentes.



Estimativa feita, a utilização de 300 m³ de madeira nesta obra evita a libertação de 600 toneladas de CO₂. É um contributo real para a mitigação do efeito de estufa.

Construir em madeira permite aliar eficiência e conforto no presente. A produção em fábrica garantiu rapidez e maior rigor na execução do projeto. Enquanto no Colégio se preparavam as fundações, as salas iam ganhando forma no ambiente controlado da fábrica.

Foi possível acompanhar a obra no local e simultaneamente visitar os espaços ainda em fábrica, esclarecendo dúvidas, antecipando soluções, compatibilizando projetos e resolvendo problemas antes da montagem final. Este processo permitiu otimizar tempos e assegurar uma maior qualidade na reabilitação da “Infantil de Cima”.

Mas é no dia a dia de quem utilizará o edifício que os benefícios mais se farão sentir. A madeira, naturalmente isolante e “quente” ao toque, contribui para um ambiente acolhedor. Em conjunto com a lã de rocha e os painéis cimentícios, garante o silêncio e o conforto térmico e acústico indispensáveis às atividades letivas.

Além disso, a madeira escolhida não se limita à função estrutural: assume também o papel de acabamento, já que os painéis lamelados desempenham ambas as funções. A sua presença, tanto visual como olfativa, marcará a experiência quotidiana do edifício.

A madeira é também um material seguro. Apesar de combustível, a madeira microlamelada apresenta uma boa resistência ao fogo, mantendo a sua integridade estrutural durante longos períodos. Em caso de sismo, o seu desempenho é igualmente favorável: sendo mais leve e concebida para absorver a energia sísmica, a estrutura oferece garantias de integridade mesmo em situações extremas.

A construção em madeira permite assim, encarar o futuro com responsabilidade. Quando a “Infantil de Cima” atingir o fim da sua vida útil ou necessitar de transformação, a madeira poderá ser reutilizada, reprocessada ou valorizada energeticamente, em centrais de biomassa.

Projetar uma escola é, inevitavelmente, um gesto de futuro. É desenhar espaços para o desconhecido, confiando no tempo que há de vir. É imaginar e construir lugares que serão habitados por crianças que ainda não nasceram.

Esse futuro, aberto e em transformação, pede espaços flexíveis, capazes de acompanhar diferentes ritmos, formas de brincar e modos de aprender. Lugares onde o interior se prolonga no exterior e onde o novo se entrelaça com o existente, através de percursos que encurtam distâncias e convidam à descoberta de todas as potencialidades da nossa Quinta.

A “Infantil de Cima” quer ser, assim, um lugar onde o tempo se vive com sentido: onde se aprende com o passado, se habita o presente com entusiasmo e se constrói o futuro com responsabilidade.



Pode acompanhar o progresso diário desta obra através dos nossos Destaques na rede *Instagram*

O Tempo que Voa e o Tempo que Demora a Passar

Catarina Gomes Encarregada de Educação de uma aluna do Colégio. Licenciada em Engenharia Química, exercendo funções de Responsável de Pessoas na ABEI (Setor Social)

Vá, vamos jogar! A vida é curta, temos de a aproveitar!
 – Calma, Gabriela. A vida é a coisa mais comprida que vais conhecer
 – responde-lhe o primo.

O tempo é difícil de entender... O tempo nunca é suficiente para fazermos tudo o que realmente gostamos e, nestas situações, temos sempre muita pressa. Já quando temos de fazer tarefas mais “aborrecidas” (arrumar o quarto, a roupa...), o tempo nunca mais passa.

Esta dicotomia entre tempo cronológico e tempo psicológico está sempre presente e por vezes a diferença é enorme. Qual será o tempo psicológico de 60 minutos a jogar com amigos? Atrevo-me a arriscar que a perceção será de cerca de 10 minutos. E qual será o tempo psicológico de 60 minutos a arrumar o quarto? Diria que a sensação será de uma manhã ou de uma tarde inteira.

Parece que o valor do tempo não está na sua duração, mas sim na intensidade com que é vivido. A vida é a coisa mais longa que vamos conhecer... terá horas que parecem voar e outras que tardam em passar. Tempo de viver e de estar presente, com a possibilidade de renascer todos os dias para voltar a viver.

O tempo da Terra, o tempo geológico, é de milhares de milhões de anos. No tempo da Terra, 100 anos são imperceptíveis, insignificantes, quase impossíveis de medir. Já para a efémera (inseto aquático), que tem apenas cerca de um dia de vida, um dia é a coisa mais longa que irá conhecer e vai vivê-lo numa vida inteira.

De acordo com a teoria da relatividade de Albert Einstein, o tempo não é absoluto, mas sim flexível, vai variando. Para o Chapeleiro Louco, do romance *Alice no País das Maravilhas*, o tempo está preso num único momento e por isso é sempre hora do chá.

Há muitas questões a ultrapassar para entendermos o que é o tempo e estas perguntas têm inquietado muitas mentes brilhantes, mas, para já, o tempo permanece um mistério... No entanto, há algo que parece certo: para conseguirmos transformar informação em conhecimento e em compreensão, precisamos de tempo, precisamos de rejeitar o imediato e de privilegiar o pensamento. Para aprender é preciso tempo. De acordo com o filósofo Gaston Bachelard, “sem tempo, a aprendizagem é apenas uma acumulação, com tempo é uma transformação”.

A escolha é de cada um de nós... mas se tivesse de dar uma sugestão, seria: escolham ter tempo para aprender!



“... sem tempo, a aprendizagem é apenas uma acumulação, com tempo é uma transformação.”

Aprender com Tempo

Licínio Cunha Economista. Avô de duas alunas do Colégio

Numa primeira e, quiçá, precipitada leitura do convite para refletir sobre o tema “Aprender com Tempo”, pode deduzir-se que o pretendido é um contributo sobre como aprender sem precipitação ou pressa, dando mais importância à reflexão do que à intuição, ultrapassando as emoções imediatas, os pensamentos ou ideias circunstanciais, ou, ainda, o tumulto das multidões ou a vozearia do dia a dia.

Muitas vezes, escrever um texto, opinar sobre acontecimentos presentes, interpretar o que se passa à nossa volta, ou tirar conclusões do que se ouve em notícias ou comentários impulsivos na televisão, sem uma reflexão ponderada, sem o contraponto dos factos ou sem sentido crítico, conduz, com frequência, a erros com consequências que podem ser desastrosas.

Não é raro fazermos interpretações inadequadas e só passado um certo tempo nos damos conta do nosso erro, mas o juízo formulado pode já ter provocado efeitos nefastos sem remédio. Como diz Popper (s.d.), “o conhecimento é a procura da verdade”, mas a verdade é, nos nossos dias, aquilo sobre o qual temos menos certezas e conhecê-la implica um esforço e um tempo de que poucas pessoas estão dispostas a despendar. A verdade é a da pós-verdade, da verdade alternativa, da “verdade da mentira” ou da verdade da IA? Em consequência, o conhecimento fica cada vez mais difícil de alcançar e a tentação é não perder tempo e passarmos a viver numa ficção!

Ajuizar e julgar apressadamente é erro frequente, diário, num mundo invadido por miríades de acontecimentos e de informações precipitadas e desconformes com a verdade. É como o “efeito borboleta” que perpassa, sem temperança, pelo mundo.

Vivemos no tempo do efémero, da pressa e da complexidade. Efémero, porque o que acontece ou se descobre hoje, amanhã é passado, e o que é novidade hoje, amanhã é obsoleto. Tempo da pressa das vivências em contínuo sem continuidade e das notícias sobre acontecimentos acabados de ocorrer ou ainda por ocorrer. Tempo da complexidade porque o mundo, e, com ele, o conhecimento, torna-se complexo, não podendo resumir-se numa ideia simples, antes obrigando a pensar de forma incerta, prudente e responsável (Morin, 1991).

Daqui resulta que o tempo para aprender pode tornar-se inconsequente.

No entanto, por vezes, o conhecimento começa num instante ou mesmo numa inspiração momentânea de que resulta uma descoberta (o “Eureka” de Arquimedes) ou se esvai em menos de um segundo, não chegando a ser conhecimento. As pessoas idosas, com memória débil, sabem isso bem, acontecendo-lhes com pungente frequência. Refletem e, na sua reflexão, vislumbram repentinamente uma ideia, como uma luz vibrante que no mesmo instante se apaga, não podendo dar-lhe sequência. Não tiveram tempo de a reter. E, neste caso, perder tempo com o que já não tem tempo é uma inutilidade. Bem penosa, aliás.

Mas aprender com tempo implica escolhas. Impõe selecionar aquilo que a cada um interessa ou as respostas que tem de encontrar para cumprir objetivos. Mesmo sem interesse por um dado assunto, defrontamo-nos, muitas vezes, com questões a que temos de dar resposta e das quais pouco ou nada sabemos. Nesses casos, o tempo de que necessitamos para aprender é necessariamente longo e exige uma grande disponibilidade e concentração mental. Alguns falhanços na vida, sobretudo profissional, resultam da indisponibilidade pessoal para estudar o que se desconhece. Estudar a tempo e com tempo, disponibilizar tempo para o conhecimento e educar com tempo é contribuir para que não sejamos meras caixas de ressonância e sejamos agentes ativos do nosso destino. Refletir com tempo é dar tempo ao tempo e ganhar tempo.

“... o tempo de que necessitamos para aprender é necessariamente longo e exige uma grande disponibilidade e concentração mental.”

Referências

- Edgar, Morin (1991). *Introdução Do Pensamento Complexo*. Instituto Piaget.
- Popper, Karl (s.d.). *Em busca de um mundo melhor*. Editorial Fragmentos.

És Tu Quem Dá Sentido ao Tempo

Pedro Costa Malheiro Psicólogo. Encarregado de Educação de um aluno do Colégio



Imagem gerada por IA

O tempo não existe
É uma abstração
Mas, se entre ele e nós
Dermos uma razão
Passa despercebido
É eterno ou desconhecido
Vale muito ou pouco
Está certo ou errado
Enfim, tem significado

Alexandre Dias (2009)

Sentir que o tempo “voa” ou “se arrasta” depende da nossa consciência e motivação. Como sugere o poema de Alexandre Dias (2009), o tempo é, na sua essência, uma abstração; somos nós que lhe conferimos uma razão e um valor. No contexto da educação, “aprender com tempo” significa reconhecer que o conhecimento não acontece num instante isolado, mas num percurso composto por ritmos, pausas e transformações.

Para dar um enquadramento útil ao tempo na escola, a psicologia recorre a uma visão utilitária da nossa existência. Por exemplo, o conceito de flexibilidade psicológica ensina-nos a estar no presente quando o foco atual funciona melhor, a planear o futuro quando a estratégia é necessária e a visitar o passado apenas quando a memória serve de aprendizagem. Esta maneira de ver as coisas enfatiza o presente como um campo dinâmico de interações entre o indivíduo e o seu ambiente, onde o crescimento real ocorre através da consciência plena da experiência imediata.

Habitar o presente é uma competência ativa que funciona como uma âncora fundamental para a saúde e o bem-estar de cada um. A ciência moderna valida esta perspetiva: a prática da consciência plena (*mindfulness*) está diretamente associada à redução do stress e ao aumento da satisfação com a vida. Biologicamente, esta ancoragem no “aqui e agora” desativa a resposta de stress, reduzindo os níveis de cortisol e fortalecendo o córtex pré-frontal. Esta área executiva do cérebro permite-nos fazer uma pausa antes de reagirmos por impulso, respondendo aos desafios escolares com maior clareza e racionalidade.

Habitar o presente exige, contudo, enfrentar os “cronófagos” — os devoradores de tempo. Estes podem ser distrações externas, como as notificações constantes do telemóvel, ou hábitos internos, como a tendência para nos “esforçarmos demais”. O esforço excessivo levado à exaustão física e mental é um cronófago insidioso que gera erros e compromete seriamente a qualidade da aprendizagem.

Aprender com tempo é, em última análise, sermos os mestres da nossa própria atenção. Ao equilibrarmos o passado e o futuro a partir da âncora do agora, transformamos a escola num espaço de descoberta e de crescimento autêntico.

Referências

Dias, Alexandre (2009). *O Tempo Não Existe*.

“Aprender com tempo é, em última análise, sermos os mestres da nossa própria atenção.”

Consciência de Cidadão

Rodrigo Garcia 8.º B

Cidadania. Conceito ambíguo e inquieto que este é. Aproxima-se devagar, como uma pergunta que não sabe o que quer ser. Às vezes parece simples defini-la: uma regra, um direito, um dever; talvez até um dogma no qual todos acreditamos e que nunca nos damos ao trabalho de questionar, porque seria “estranho” ou até blasfemo pô-lo em causa. Algo escrito num algures longínquo por mãos que não vemos.

Para muitos, seguir as regras e acatar todas as ordens desta gente, cuja face aparece diariamente nos noticiários, jornais e redes sociais, é ser um “bom cidadão”. Contudo, tenho de dizer que discordo intensamente desta ideia da cidadania como um manual de instruções, pelo qual regemos as nossas ações sem nunca o termos verdadeiramente lido com atenção.

Pessoalmente, creio que isto a que chamam “ser cidadão”, como já disse, é um conceito frágil e amplo, sujeito à constante mudança do mundo; basta ligar a televisão nas notícias para perceber que os seus limites são todos os dias postos à prova. No entanto, é precisamente nessa fragilidade que a cidadania encontra a sua força. Não como uma verdade sólida, mas como uma maré no seu constante movimento. Aquilo que ontem era aceitável, hoje causa desconforto; o que hoje toleramos, amanhã poderá ser motivo de vergonha.

Vivemos rodeados de exemplos desta instabilidade: a desigualdade tornou-se paisagem urbana; o discurso de ódio aprendeu a vestir-se de opinião legítima; a destruição do planeta é frequentemente tratada como um dano colateral inevitável. E, como consequência desta sobrecarga incessante de informação, instala-se um cansaço coletivo, entorpecedor e impercetível, que nos convida a aceitar cegamente, em vez de questionar, e nos mantém num perpétuo estado de inatividade e indiferença.

A indiferença, esta, ao contrário do que a maior parte de nós pensa, não é neutra. Cada vez que desviamos o olhar, a cidadania perde consistência. Cada vez que nos calamos para evitar um conflito, cedemos um pouco mais da ideia do “aceitável”, tornando-o pouco a pouco intolerável. Não é necessária violência para que a cidadania se desgaste — basta a repetição do “não é comigo”.

Hoje em dia, fala-se muito de participação cívica,

“A indiferença, esta, ao contrário do que a maior parte de nós pensa, não é neutra. Cada vez que desviamos o olhar, a Cidadania perde consistência.”

como se fosse um gesto simples, mas este exige mais do que aparenta: exige escutar, falhar e reconhecer que o nosso direito não é absoluto; exige uma força interior que combata o tal “cansaço” que nos mantém indiferentes ao mundo à nossa volta. A cidadania habita este limite incerto e desconfortável entre o alívio de não agir e o peso da responsabilidade que nos expõe. Não é algo que viva de discursos intermináveis e de grandes figuras que aparecem na televisão; disso já vive a política. O coração da cidadania está nos gestos pequenos do quotidiano, muitas vezes invisíveis; está em cada um de nós e nas escolhas que fazemos, que, por mais insignificantes que sejam, não deixam de nos moldar como pessoas.

Talvez, no fundo, a cidadania não seja um lugar a que se chega, nem um conjunto de regras a cumprir, mas um equilíbrio frágil entre aquilo que somos e aquilo que permitimos que o mundo se torne. Não um ideal dogmático incontestável, mas algo que se escreve e se reescreve todos os dias.

Nada do que fazemos, ou deixamos de fazer, é indiferente.



TEMPO PARA a igualdade

Educação Inclusiva: Romper com a invisibilidade pedagógica

Cristina Simões Doutorada em Ciências da Educação. Diretora do CFAE do Planalto Beirão e Investigadora do CI&DEI - Centro de Estudos em Educação e Inovação

A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva constitui, sem dúvida, o maior desígnio e, simultaneamente, o maior desafio dos sistemas educativos. Falar de inclusão não é apenas discorrer sobre a presença física de alunos e de alunas com dificuldades acrescidas na escola, mas repensar toda a estrutura organizacional, ética e pedagógica das escolas. O paradigma mudou drasticamente nas últimas décadas, evoluindo de uma visão centrada na deficiência para uma abordagem abrangente baseada nos direitos humanos, na cidadania ativa e na equidade. Apesar de algumas melhorias observadas nos últimos anos, a distância entre o que a legislação refere e a realidade vivida no quotidiano da maioria das salas de aula permanece um hiato que exige reflexão profunda e uma ação concertada de todos os agentes educativos.

Um dos principais desafios da educação inclusiva reside na superação de barreiras muitas vezes invisíveis. Estas barreiras não se limitam à falta de recursos materiais ou humanos, embora estes sejam fundamentais. Os desafios mais prementes são os atitudinais e metodológicos. Em alguns contextos persiste a ideia de que a inclusão é uma sobrecarga ou uma interrupção do processo 'normal' de ensino, quando, na verdade, uma escola que sabe incluir é uma escola que ensina melhor todos os alunos e alunas. O desafio passa por transformar a cultura da escola, abandonando a ideia de um/a aluno/a padrão para abraçar a heterogeneidade como a única constante, pois a diversidade é a regra, não é a exceção. Isto exige que o/a professor/a deixe de ser um mero transmissor de conteúdos para se tornar num gestor de aprendizagens e num promotor de ambientes educativos flexíveis.

Neste caminho e processo para a inclusão, surge a questão central do tempo de aprender e o respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem. A escola tradicional foi construída sobre uma lógica fabril, na qual se espera que todos/as os/as alunos/as de uma determinada idade processem a mesma informação ao mesmo tempo e alcancem os mesmos resultados. Contudo, as neurociências demonstram-nos que o cérebro humano não funciona de forma linear. Cada aluno/a traz consigo uma bagagem única de experiências prévias, capacidades, formas de comunicação e estados emocionais que influenciam

“... uma escola que sabe incluir é uma escola que ensina melhor todos os alunos e alunas.”



“... inclusão não significa facilitismo, mas sim derrubar barreiras que interferem no caminho da aprendizagem e da independência de cada criança ou jovem!”

a velocidade com que descodifica novos conceitos. Respeitar os estilos de aprendizagem não significa baixar o nível de exigência, mas sim compreender que o percurso para chegar ao conhecimento é diferente e deve ser diferenciado. Afinal, inclusão não significa facilitismo, mas sim derrubar barreiras que interferem no caminho da aprendizagem e da independência de cada criança ou jovem!

A gestão do tempo pedagógico é, por isso, uma ferramenta de justiça social. Por conseguinte, a escola deve ter a plasticidade necessária para permitir que o ensino ofereça oportunidades de reforço e de enriquecimento, dado que o respeito pelos tempos individuais de aprendizagem é o que diferencia uma instrução mecânica de uma educação humanista. A inclusão plena só acontece quando o sucesso educativo deixa de ser medido pela rapidez e passa a ser avaliado pelo progresso individual de cada aluno/a face ao seu ponto de partida.

Para responder eficazmente a esta diversidade crescente, é fundamental adotar estratégias que partam do princípio de que a diferença é uma riqueza e não um problema a resolver. A resposta à diversidade passa pela implementação do desenho universal para a aprendizagem. Esta abordagem propõe que a planificação curricular seja pensada para todos, prevendo múltiplas formas de envolvimento, de representação e de expressão. Em vez de se fazerem adaptações *a posteriori* para um/a aluno/a específico/a, desenha-se uma aula que, desde o início, oferece vários caminhos para a concretização das mesmas aprendizagens essenciais. Isto significa apresentar os conteúdos através de diferentes suportes, permitir que os alunos e alunas demonstrem o que sabem de formas variadas e, acima de tudo, garantir que todos se sintam motivados, representados e envolvidos nos conteúdos abordados.

Além disso, a diferenciação pedagógica deve ser vista como uma prática quotidiana e não como uma exceção. Responder à diversidade implica criar dinâmicas de trabalho colaborativo, onde os/as alunos/as aprendem uns com os outros, e onde o/a professor/a consegue dar apoio mais individualizado e personalizado a quem dele necessita num determinado momento, apelando à implementação de metodologias ativas de ensino. A avaliação deve também ser diversificada e formativa, servindo como uma bússola para aluno e professor, em vez de ser apenas um veredito final e confundida com o mero papel classificativo. É necessário que a comunidade educativa compreenda que ensinar todos da mesma forma é a melhor forma de gerar desigualdades.

Em suma, a educação inclusiva é um processo contínuo de aprendizagem para a própria escola e comunidade educativa. Os desafios são imensos, desde a gestão de recursos até à mudança de mentalidades, mas os benefícios são incomensuráveis. Uma escola que respeita os diferentes estilos de aprendizagem e responde à diversidade com estratégias flexíveis, diferenciadas e universais está a preparar cidadãos mais resilientes, críticos, criativos e capazes de viver numa sociedade que é, por natureza, plural. Diria que o “futuro pertence àqueles que dão à próxima geração uma razão para ter esperança” (Pierre Charadin), rompendo de forma implacável com a invisibilidade pedagógica. A educação do futuro será inclusiva ou, simplesmente, não será educação. Concluo questionando: quando é que deixamos de falar de educação inclusiva e passamos a falar somente de educação de qualidade?

Um Tabuleiro. Quatro Jogadores. Diferentes Pontos de Partida: Uma conversa sobre desigualdades sociais

Leonor Pereira da Costa Digital Human-environment Interaction Lab (HEI-Lab),
Universidade Lusófona

Muitas vezes pensamos nas desigualdades como resultado das escolhas ou do esforço individual. Mas será que começamos todos do mesmo ponto de partida? Até que ponto, tal como num jogo, as regras também ajudam a determinar quem tem mais oportunidades de ganhar?

Foi para pensar nestas questões que, numa atividade com alunos/as do 7.º ano do Colégio, propusemos algo aparentemente simples: jogar Monopólio. Um tabuleiro. Quatro jogadores. Uma diferença essencial: as regras e o ponto de partida não eram iguais para todos. Enquanto uns iniciaram o jogo com mais recursos e vantagens, outros assumiram papéis de grupos em desvantagem social, com regras sistematicamente mais penalizadoras: pagavam mais em certas situações, recebiam menos dinheiro ao passar na casa partida ou tinham menos oportunidades de recuperar quando algo corria mal.

À medida que o jogo avançava, as diferenças acentuavam-se. Quem começou com mais recursos tinha cada vez mais margem para investir, arriscar e recuperar de perdas inesperadas. Pelo contrário, quem partiu de uma posição de desvantagem via as dificuldades acumularem-se mais rapidamente e tinha menos espaço para tentar novas estratégias.

Ao longo da sessão, o sentimento de injustiça foi constante, mas não foi o único. Muitas crianças falaram também do medo de arriscar e que o receio de avançar no jogo os fizesse perder ainda mais até ficarem sem nada. Esta experiência tornou visível uma das aprendizagens mais marcantes do jogo: quando alguém está sempre a perder, não perde apenas dinheiro, perde tranquilidade, perde margem para arriscar e, por vezes, perde até a esperança de conseguir recuperar. Por outro lado, quem está numa posição de vantagem não é necessariamente mais capaz ou mais trabalhador, simplesmente tem mais oportunidades e uma maior capacidade de lidar com imprevistos.

No final do jogo, a reflexão foi tão importante quanto a própria atividade. Os/As alunos/as começaram a questionar as regras do jogo e a pensar em alternativas: que regras poderiam criar oportunidades mais equilibradas? E, olhando para além do tabuleiro, que papel pode cada pessoa ter na redução das desigualdades na sociedade?

Momentos como este mostram que algumas aprendizagens acontecem de forma particularmente poderosa quando são vividas na prática, e que muitas vezes compreendemos melhor uma realidade quando a experimentamos. É precisamente aqui que os jogos podem ter um papel importante na educação. Ao assumir papéis, tomar decisões e lidar com as consequências dessas decisões, os/as alunos/as não estão apenas a aprender sobre um tema, estão efetivamente a vivê-lo, a

“Ao assumir papéis, tomar decisões e lidar com as consequências dessas decisões, os/as alunos/as não estão apenas a aprender sobre um tema, estão efetivamente a vivê-lo, a experienciá-lo.”

experienciá-lo. A investigação tem mostrado que este tipo de aprendizagem experiencial aumenta o envolvimento dos/as alunos/as e ajuda a tornar conceitos complexos mais claros. Foi o que pretendemos criar aqui, um espaço em que conceitos abstratos como privilégio, desigualdade ou discriminação, são transformados numa experiência vivida, fazendo com que os/as alunos/as consigam compreender melhor como as regras sociais e as oportunidades moldam as trajetórias das pessoas. Quando os jogos abordam questões sociais, como desigualdades ou discriminação, esse potencial torna-se ainda mais significativo. Ao colocar os/as alunos/as em diferentes posições, esta experiência pode contribuir para desenvolver empatia, pensamento crítico e consciência cívica. Em vez de apenas falar sobre desigualdade, os/as alunos/as puderam refletir sobre ela a partir da sua experiência.

Pessoalmente, enquanto professora e investigadora, estas experiências são também momentos de descoberta. Ao longo do jogo, é fascinante ver como as crianças procuram formas de tornar o sistema mais justo, partilhando recursos ou questionando regras. Em pouco tempo, uma atividade simples abre espaço para reflexões profundas sobre desigualdade, justiça e oportunidades. No final, fica uma ideia clara: a pergunta não é “quem merece mais?”, mas sim “que regras podem criar oportunidades mais equilibradas para todos?”

Este jogo mostrou-me que nem todos têm as mesmas oportunidades.

Thiago Ortega 7.º A

Apercebi-me com o jogo que é mais difícil para alguns se no início da vida, começarmos em diferentes “pontos de partida”.

Ana Maria Semedo 7.º A

Aprendi que o mundo não é justo com toda a gente e que nem todas as pessoas têm as mesmas condições de vida.

Teresa Sottomayer 7.º A

Percebi que existem pessoas que são consideradas “mais importantes” por estarem no país de origem e que existe muita discriminação em todo o mundo.

Afonso Jardim 7.º A

“... que papel pode cada pessoa ter na redução das desigualdades na sociedade?”



Educação Relacional: Uma chave para o futuro

Rui Marques Coordenador do Relational Lab

A Educação Relacional pode contribuir para melhores aprendizagens, para a melhoria do bem-estar de todos os grupos envolvidos no ecossistema educativo e para a utilização mais eficiente dos recursos.



“A educação é um processo relacional – entre estudantes, professores, famílias e comunidades – e, como tal, devemos buscar o conhecimento relacional e não hierárquico.”

Não há aprendizagens significativas fora de um quadro de relações significativas, disse James Comer. Este valor da relação, como centro de um processo de ensino-aprendizagem, deve ser recuperado urgentemente, para um novo impulso na vida das nossas escolas.

O mais recente documento da UNESCO, *Reimaginar futuros juntos – para um novo contrato social na educação*, repete sucessivamente esta tónica. Lembra-nos, por exemplo, que “a educação é um processo relacional – entre estudantes, professores, famílias e comunidades – e, como tal, devemos buscar o conhecimento relacional e não hierárquico” (p. 129).

A criação de um vínculo positivo entre quem ensina e quem aprende é fundamental. “A pedagogia é relacional. Tanto professores como alunos são transformados por meio do encontro pedagógico, à medida que aprendem uns com os outros. A tensão produtiva entre a transformação simultânea, individual e coletiva, define os encontros pedagógicos. As nossas vidas interiores influenciam os nossos ambientes e, ao mesmo tempo, são profundamente afetadas por eles” (p. 49), diz-nos também o referido relatório da UNESCO.

Por outro lado, necessitamos de recuperar a ambição de que os nossos educadores, docentes e outros profissionais que servem a educação possam ser verdadeiros referentes para as nossas crianças e jovens. E isso passará pela construção de relações fortes. Ter referentes que, para além de serem exemplo, nunca desistirão dos seus alunos e alunas fará uma diferença colossal numa relação educativa. Isto é particularmente urgente quando se sente que, na escola, muitos baixaram os braços e estão exaustos, mais perto de desistir do que persistir.

A dimensão relacional tem expressão máxima no eixo educador-aluno, mas não se esgota nele. Da teoria dos sistemas, sabemos que estes são compostos não só pelos elementos que os integram, mas também pelas suas relações, não podendo ignorar que estas, na sua plenitude, são decisivas e interdependentes. Nesse sentido, para servir com qualidade os estudantes, centro da educação, é necessário cuidar de todas as relações que integram este sistema. Os eixos relacionais educador-educador, aluno-aluno, escola-família ou escola-comunidade devem ser tidos em conta, de uma forma estratégica e operacional, nos projetos educativos de escola. Sendo todos eles importantes, sublinha-se particularmente um que sofreu grande desgaste e necessita ser regenerado: o da escola-família.

Para todos aqueles eixos, o desenvolvimento de uma autoconsciência relacional (saber-se ser relacional, interdependente em relação a outros), a valorização da singularidade de cada um e a complementaridade entre todos, ou a opção por uma abordagem positiva, baseada nas forças de cada um, são algumas das pistas que a pedagogia do reconhecimento, de Joan Quintana, do Instituto Relacional de Barcelona, nos propõe.



Precisamos de colocar a Educação Relacional no topo da agenda educativa.

A Educação Relacional, se devidamente estruturada, pode contribuir para três resultados vitais:

1. melhores aprendizagens e de maior qualidade, expressas em verdadeiro sucesso educativo;
2. melhoria do bem-estar e da qualidade de vida de todos os grupos profissionais envolvidos no ecossistema educativo;
3. maior eficiência do sistema, com a consequente melhoria da utilização de recursos disponíveis.

Alcançar qualquer um destes objetivos já seria suficiente para dar valor a esta aposta. Poder chegar a todos eles, torna-a irrecusável.

Precisamos, por tudo isto, de colocar a Educação Relacional no topo da agenda educativa. Desde os decisores políticos até à Academia, dos líderes escolares às famílias, todos temos essa responsabilidade partilhada, para que melhores relações garantam um melhor sistema educativo.

Artigo publicado originalmente no *Jornal Público*, a 13 de fevereiro de 2026

Os Alunos Não Se Importam com o Quanto os Professores Sabem, Até Saberem o Quanto Eles Se Importam

Raquel Raimundo Psicóloga. Coordenadora da EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva)

A perceção que temos do tempo é muito subjetiva e dependente de fatores relacionados com a vivência emocional, história de vida, exigências e pressão da sociedade e cultura. As emoções intensas podem alterar bastante a noção da passagem do tempo. Assim, o medo, a ansiedade, a frustração ou o aborrecimento tendem a alongar o tempo, ao passo que em alturas de entusiasmo, alegria, interesse e envolvimento o tempo voa.

Há estudos em psicologia social que evidenciam uma correlação positiva entre o ritmo de vida e o nível económico e tecnológico de um país ou de uma cidade. Num estudo que abrangeu 31 países, Levine e Norenzayan verificaram que uma maior velocidade a andar a pé dos cidadãos é reflexo de sociedades de alta pressão temporal, associadas a economias mais avançadas a nível tecnológico. Carlos Fiolhais haveria de chamar à falta crónica de tempo para estar em conjunto, de minifúndios temporais.

A escola enquanto lugar de desaceleração consciente surge da decisão ética e pedagógica de proteger tempos de qualidade relacional. Quando tudo precisa de ser rápido, eficiente e mensurável, a emoção vira ruído, algo a ser contido para não atrapalhar a aula. O tempo, porém, educa quando se alonga o suficiente para que um conflito vire conversa, uma lágrima se torne aprendizagem, um silêncio se transforme em escuta.

Pode ser um modo de preparação para a vida, ao se ensinar que nem tudo precisa de ser respondido na hora, que as emoções não são obstáculos ao pensar, mas vias de acesso a um entendimento mais sentido e humano de nós e dos Outros. E de ajudar a regular emoções, em vez de as reprimir.

É possível reservar tempo, no início da manhã, para um círculo de partilha, em que cada aluno/a possa dizer o que sente e ser reconhecido e compreendido pelos pares. Aceitar que um incidente no recreio talvez peça tempo de diálogo em sala de aula, porque há uma oportunidade especial de aprendizagem socioemocional. Tomar consciência de que, às vezes, a melhor resposta não é uma explicação rápida, mas uma pergunta que convida à reflexão e pede tempo interior para ser amadurecida.

A sabedoria mora no saber ouvir e cuidar. Em predicarmos menos e inspirarmos mais. Em iluminarmos vidas na sombra. Em criarmos ritmos que promovam presença, escuta e densidade e que evitem a superficialidade e a desumanização, num perigoso e agudo deslizar de nós. Porque os/as alunos/as não se importam com o que os professores sabem, até saberem que os/as professores/as se importam.

DAR TEMPO

O Verdadeiro Valor do Tempo

Vasco Martins 12.º 2B, João Claudino 12.º 1A, Leonor Santana 12.º 1A. Alunos responsáveis pelo projeto de intervenção no CIJ

Atualmente, vivemos frequentemente absorvidos pela azáfama das nossas rotinas. Num estado de constante correria, o tempo parece escapar-nos por entre os dedos. Saltamos de compromisso em compromisso, de tarefa em tarefa, como se essa sucessão ininterrupta fosse a fórmula certa para superar o verdadeiro “teste” que é a vida. Dizemos, vezes sem conta, que não temos tempo; contudo, raramente nos detemos para refletir sobre o seu verdadeiro valor: sobretudo quando é partilhado com os outros.

Foi neste contexto que tudo começou, no 10.º ano, quando iniciámos o voluntariado no Centro Infantil-Juvenil (CIJ) do Centro Social e Paroquial de São Maximiliano de Kolbe, em Chelas. Numa fase inicial, a experiência revelou-se intimidante: estávamos a ultrapassar os limites da nossa zona de conforto, até então circunscrita ao espaço do nosso colégio. Com o passar do tempo, porém, o que antes parecia distante tornou-se uma extensão natural da comunidade a que pertencemos. O nosso envolvimento no projeto de Voluntariado foi reconhecido ao sermos distinguidos com o Prémio João Valsassina 23/24. O prémio recebido – 500€ para serem aplicados num projeto de intervenção social na Freguesia de Marvila – foi uma oportunidade para projetarmos uma intervenção nos espaços do CIJ, que permitisse melhorar as condições de estudo dos seus utilizadores e ampliar as respostas às carências educacionais da comunidade.

Após inúmeros esboços, diversos contactos e longas horas dedicadas à estruturação do projeto, tornou-se claro que a intervenção deveria passar pela reconversão de um espaço de arrumos num espaço de apoio personalizado e pela substituição das janelas da sala de estudo existente, o que permitiria tornar o ambiente de estudo mais luminoso e acolhedor. Entre reuniões com empreiteiros, visitas a oficinas e negociações com fornecedores, fomos preenchendo as nossas tardes com a tentativa de transformar uma ideia em realidade: melhorar o centro de estudos para toda a comunidade.

Paralelamente, organizámos feiras solidárias que não só contribuíram para o financiamento do projeto, como também nos permitiram redescobrir o valor do tempo não como algo que se esgota, mas como aquilo que se constrói e partilha. O tempo surgiu, assim, como um elemento central: o meio através do qual criámos laços, mobilizámos pessoas e atribuímos sentido à nossa intervenção.



“... permanece aquilo que verdadeiramente importa: a continuidade, no tempo, de um espírito de renovação, proximidade e compromisso com a comunidade.”



No período de 12 a 20 de fevereiro, conseguimos reunir mais de 90 voluntários, entre professores e alunos/as do Colégio e do CIJ, para participarem nas tarefas que se foram impondo com a progressão do projeto. Desde a inglória tarefa de lixar portas até à pintura de grades, (re)descobrimos o valor da amizade e da plena comunhão entre toda a equipa. Os percalços e desafios práticos que foram surgindo apenas reforçaram o nosso compromisso com o projeto e o grande desígnio da iniciativa.

No dia 23 de fevereiro, teve lugar a simbólica inauguração dos novos espaços requalificados. Contudo, mais do que o breve recorte temporal da nossa intervenção, permanece aquilo que verdadeiramente importa: a continuidade, no tempo, de um espírito de renovação, proximidade e compromisso com a comunidade.

Sinto que o trabalho que fizemos no CIJ foi algo incrível, ver os sorrisos nas caras dos adultos e das crianças que frequentam aquele espaço diariamente fez valer todo o esforço e trabalho que foi feito ao longo daqueles dias. Além disso, foi uma ótima oportunidade para conhecer melhor algumas pessoas, sejam alunos voluntários ou até mesmo professores.

Frederico Brehm 11.º 1C

O projeto da recuperação do CIJ foi algo que me marcou profundamente, aprendi muito sobre como preparar uma intervenção destas, como cativar voluntários, organizar as equipas, as tarefas em si (lixar, pintar, etc.), entre outros. Por outro lado, ver a felicidade das crianças que frequentam o CIJ e dos adultos que lá trabalham foi algo que comoveu; ouvir os miúdos a comentarem uns com os outros que assim ainda tinham mais vontade de estudar, e aperceber-me que aqueles que lá trabalham diariamente estavam satisfeitos com a melhoria do espaço.

Por fim, todo envolvimento com os outros voluntários foi algo também notável, o espírito de camaradagem e o interesse comum pelo melhoramento daquele espaço são alguns exemplos.

João Claudino 12.º 1A

A remodelação do CIJ correu incrivelmente bem. O grupo uniu-se e trabalhou com amor por uma causa comum e o projeto foi concluído rapidamente.

David Matos 12.º 2A

Fiquei bastante feliz por ver que o esforço conjunto de todos nós teve impactos reais no centro do estudos, mostrando o poder da união em torno de um objetivo comum.

Vasco Veríssimo 12.º 2A

TEMPO PARA pensar em conjunto

Pare, Escute, Olhe!

Marina Martins Departamento de Cidadania e Desenvolvimento



Na preparação para o Conselho de Delegados, a turma toda contribuiu para a votação e eleição dos problemas que mais afetam o nosso dia a dia enquanto estudantes e as possíveis soluções para os mesmos. Chegamos a uma conclusão com o objetivo de partilhar estes problemas no Conselho de Delegados e de promover uma melhoria no ambiente escolar.
Olívia Videira 9.º A

A experiência é ótima, ganhamos um grande sentido de responsabilidade pois estamos a representar uma turma.
Rodrigo Figueiredo 9.º A

Os/As jovens desempenham um papel fundamental na vitalidade e no futuro da nossa democracia. Mais do que simples herdeiros de sistemas políticos já estabelecidos, eles/as são agentes ativos de mudança, trazendo novas perspetivas, questionando normas e impulsionando debates essenciais para a evolução das sociedades.

Lá fora, através do voto, do ativismo, das redes sociais e de movimentos cívicos, muitos/as jovens procuram fazer ouvir a sua voz, exigindo maior transparência, justiça social e respostas eficazes para desafios globais como as alterações climáticas, a guerra, a desigualdade e os direitos humanos. Cá dentro, no Valsassina, cientes das rápidas transformações do contexto global, a consciencialização dos/as nossos/as alunos/as para a importância da sua participação na vida democrática torna-se ainda mais relevante e por isso procuramos cada vez mais, estimular o seu interesse pelo envolvimento nestas causas, pois sentimos diariamente a sua necessidade de parar, escutar e olhar para o mundo de uma nova forma.

O Conselho de Delegados, evento que, pelo terceiro ano consecutivo no Colégio conta com a participação ativa de todos os delegados e subdelegados, democraticamente eleitos como representantes de cada turma, do 5.º ao 12.º ano de escolaridade, surge assim como um desses momentos, onde a pluralidade de opiniões é partilhada e discutida. Beneficiando da sala de aula como espaço inclusivo de diálogo, desenvolvem-se os trabalhos prévios de preparação do Conselho, onde cada delegado e subdelegado dinamiza uma sessão junto da sua turma – a Assembleia de Turma – identificando e reunindo um conjunto de aspetos que, na opinião de todos, merecem maior investimento ou resolução, para depois os representantes, levarem a discussão no Conselho de Delegados, órgão com autonomia para propor mudanças efetivas.

Ao escolherem dedicar o seu tempo para participar nos movimentos de educação cívica como este que lhes proporcionamos, criando espaços reais de escuta e de participação, os/as nossos/as alunos/as cultivam em si mesmos a disponibilidade para desenvolver um conjunto de competências, fundamentais nos dias de hoje: aprendem a escutar ativamente, a pensar de forma crítica, a comunicar com mais empatia e respeito, a aceitar outras perspetivas ou a representar a diversidade. A educação para a Cidadania surge portanto, como um elemento essencial na formação dos jovens enquanto cidadãos mais conscientes e envolvidos, promovendo o conhecimento dos seus direitos e deveres e valorizando a sua participação ativa na sociedade.

Por sabermos que a relação entre os jovens e a Democracia nem sempre é simples e por verificarmos, nas últimas décadas, um desinteresse pela política tradicional (muitas vezes motivado pelo discurso dos adultos sobre a desconfiança nas instituições ou pela perceção de que as suas preocupações não são devidamente representadas), continuaremos empenhados em reforçar o desafio aos/às nossos/as alunos/as, de vivenciar mais a Democracia no seu quotidiano escolar a qual, acreditamos, se fortalece quando integra as vozes dos mais novos. São eles que trazem energia, inovação e uma visão de futuro indispensável para a construção de sociedades mais justas, livres e participativas.

Parlamento dos Jovens, Edição 2025/2026

Daniela Morais Coordenadora do Departamento de Cidadania no Ensino Secundário



O programa *Parlamento dos Jovens* é uma iniciativa da Assembleia da República, dirigida aos jovens dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

Este projeto pretende *educar para a cidadania*, estimulando o gosto pela participação cívica e política, dando a conhecer a Assembleia da República, o significado do mandato parlamentar, as regras do debate parlamentar e o processo de decisão do Parlamento, enquanto órgão representativo de todos os cidadãos portugueses. Para tal, através do exercício do debate democrático, promove o respeito pela diversidade de opiniões e pelas regras de formação das decisões, incentivando a reflexão e o debate sobre um tema definido anualmente. Também pretende estimular as capacidades de expressão e de argumentação na defesa das ideias, com respeito pelos valores da tolerância e da democracia.

Tema da Edição 2025/2026 - Literacia Financeira, Os Jovens Contam

FASES DO PROJETO

1.ª Fase: Escola

É nesta fase que se inicia o debate do tema, definido a cada edição, e que se organiza um processo eleitoral, que inclui a formação de listas candidatas à eleição de deputados, a campanha e a eleição dos/as deputados/as à Sessão Escolar – onde se aprova o Projeto de Recomendação da escola e se elegem os respetivos representantes às sessões a nível distrital ou regional.

- **Outubro a Dezembro:** Período de debate do tema e de elaboração do Projeto de Recomendação nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento.
- **12 de janeiro:** Sessão com um Deputado da Assembleia da República (Dr. Miguel Costa Matos, PS)
- **20 de janeiro:** Eleição dos Deputados à Sessão Escolar (organização em parceria com os/as alunos/as de Cidadania e Desenvolvimento do 10.º ano).
- **23 de janeiro:** Sessão Escolar

No Ensino Secundário, foram eleitos como deputados efetivos os alunos **Francisco Vinagre 12.º 2A** e **Manuel Gaspar 12.º 3** e como deputada suplente a aluna **Maria Ana Carvalho 11.º 1A**. No projeto de recomendação constam três medidas que visam dar resposta ao tema proposto na presente edição do Parlamento dos Jovens.

Projeto de Recomendação do Colégio Valsassina:

1. Criação de uma Autoridade Nacional para a Literacia Financeira responsável pela coordenação, regulação e promoção da educação financeira em Portugal.
2. Implementação de uma unidade curricular de literacia financeira, com recursos digitais acessíveis a todos/as os/as alunos/as.
3. Criação de uma *App* de poupança para jovens, com simulador de orçamento mensal.



2.ª Fase: Sessão Distrital (2 e 3 de março, Auditório da Escola Superior de Saúde de Lisboa)

Nesta fase, os/as alunos/as eleitos como deputados/as efetivos participam na sessão distrital, com o objetivo de aprovar os Projetos de Recomendação a submeter à Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens e de eleger os deputados que os vão representar nesta Sessão.

3.ª Fase: Sessão Nacional

Na última etapa, que decorre na Assembleia da República, reúnem-se os/as jovens deputados representantes de cada círculo eleitoral, para aprovar a recomendação final à Assembleia da República sobre o tema em debate.

Participar na mesa do ato eleitoral no Colégio Valsassina foi uma experiência muito positiva. Gostei imenso de poder contribuir para o bom funcionamento da democracia.

Francisca Rosa 10.º 2A Presidente da Mesa Eleitoral

Considero que foi interessante e agradável, interpelou-nos e fez-nos agir como verdadeiros deputados.

Mateus Silva 11.º 1A Deputado na Sessão Escolar

Como vice-presidente da assembleia escolar destinada ao projeto do Parlamento dos Jovens, no ano letivo de 2025/2026, considero que sucedeu de forma ordeira e pacífica, com espaço para o diálogo, por vezes mais aceso, mas sempre moderado e pacífico.

Duarte Baltazar 11.º 1A Vice-Presidente da Sessão Escolar

A minha participação no Parlamento dos Jovens como presidente de mesa foi uma experiência extremamente enriquecedora e gratificante. Assumir esta função exigiu responsabilidade, imparcialidade e capacidade de organização, uma vez que era necessário assegurar o cumprimento das regras e a boa gestão do tempo. Gostei especialmente do desafio de conduzir as intervenções, manter a ordem dos trabalhos e promover um ambiente de diálogo construtivo. Com esta experiência tivemos contato direto com o funcionamento do debate democrático e com a importância do diálogo estruturado.

Ana Sofia Sá 12.º 3 Presidente da Sessão Escolar

Tendo presidido uma das mesas de voto e realizado a contagem dos votos nas eleições para o Parlamento dos Jovens, fiquei a saber como funciona um processo eleitoral. Além disso, esta experiência pode ajudar-nos a estar bem preparados quando, no futuro, houver eleições nacionais nas quais nós já possamos votar.

Diogo Abreu 10.º 1B Presidente da Mesa Eleitoral

Durante a minha participação no projeto, desempenhei a função de secretária numa mesa de votos, sendo responsável por ajudar na organização e no registo do processo de votação. Esta experiência permitiu-me compreender melhor como funciona um processo democrático, além de desenvolver o sentido de responsabilidade, de organização e de trabalho em equipa.

Catarina Cardoso 10.º 1B Secretária da Mesa Eleitoral

“... esta iniciativa permite aos estudantes entrar num mundo que muitas vezes lhes é desconhecido: o mundo da política.”

Participar no parlamento dos jovens foi uma experiência muito interessante, porque nos permitiu debater e defender as nossas propostas sobre o tema deste ano: a literacia financeira. Penso que este tipo de oportunidades permite-nos trabalhar com a nossa criatividade, para criar soluções para determinados problemas. Dados os benefícios que esta experiência traz, deveria ser implementada mais vezes para que todos/as os/as alunos/as de outros anos possam experimentá-la.

Diogo Casimiro 11.º 2 Deputado na Sessão Escolar



A minha participação no Parlamento dos Jovens foi uma experiência extremamente interessante, onde pude aprender muito, não só sobre o tema em debate, mas também sobre a política interna do nosso país e a forma como os jovens podem participar nela. Este projeto começou nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento. No início, pouco ou nada sabia sobre ele; honestamente, nem estava familiarizado com a iniciativa. No entanto, rapidamente começou a despertar o meu interesse. Como aluno na área de Humanidades, com grande interesse pelo debate, pela discussão de ideias e pela política, esta era uma oportunidade que me permitia expandir todos esses horizontes.

A sessão distrital foi uma experiência muito diferente daquilo que estava à espera. Quando cheguei ao auditório, vestido de fato, e vi todos os/as jovens também bem apresentados, com um ar muito profissional e sério, pensei que iriam ser dois dias interessantes, onde poderia ser ouvido e trocar ideias com pessoas interessadas. No entanto, a verdade é que isso não foi exatamente o que aconteceu.

Embora houvesse pessoas interessadas e com vontade de colaborar e de cumprir o objetivo da iniciativa, a verdade é que a maioria acabava por encaixar-se em duas categorias: ou não queria saber do assunto, ou tinha como único objetivo passar à sessão nacional, sem que nada além disso lhes interessasse. Isso tornava o ambiente extremamente tenso e pouco colaborativo, o que, a meu ver, reflete a natureza da política no nosso país já entre os/as mais jovens: um ambiente onde as conquistas pessoais parecem, muitas vezes, interessar mais do que o bem comum.

Para concluir, se tivesse a oportunidade de voltar a participar, participaria? Sim, participaria. Embora a minha descrição da sessão distrital a possa fazer parecer um pesadelo, a verdade é que, apesar das críticas que apresentei, foi uma experiência bastante enriquecedora, onde pude conhecer várias pessoas de diferentes zonas do país, desde Sintra a Torres Vedras e Vila Franca, que, embora relativamente próximas de nós, vivem em realidades bastante diferentes da nossa.

Do ponto de vista académico, considero que esta iniciativa permite aos estudantes entrar num mundo que muitas vezes lhes é desconhecido: o mundo da política. Além disso, pode ajudar os jovens a refletir e a tomar decisões sobre o curso, ou até sobre a profissão que desejam seguir no futuro. Recomendo vivamente a todos/as os/as alunos/as que participem neste projeto, pois não só aprendem muito sobre o tema em debate, como também podem aprender bastante sobre si próprios e sobre o seu país.

Manuel Gaspar 12.º 3 Deputado Efetivo na Sessão Distrital de Lisboa (eleito para representar o Colégio Valsassina na fase distrital do Parlamento dos Jovens em 2025/2026)

EM DESTAQUE Dia da Mulher: Tempo para partilhar experiências



Para assinalar o Dia Internacional da Mulher, no dia 9 de março, o Colégio organizou uma mesa redonda que reuniu diferentes gerações de antigas alunas para partilhar experiências relacionadas com a presença feminina na sociedade.

Ana Cavalieri (Advogada, Especialista em Assuntos Internacionais, Comentarista na SIC), Joana Valsassina (Curadora de Arte), Madalena Sá Fernandes (Escritora) e Margarida Saruga Cardoso (Talent Management Senior Specialist @EDP) regressaram à “casa” onde cresceram para partilhar os seus percursos pessoais e profissionais. Sob a moderação da professora – e também antiga aluna – Maria Dias e das alunas Leonor Santana e Madalena Cunha (12.º 1A), o diálogo com alunos/as do Ensino Secundário centrou-se nos desafios da liderança feminina e na urgência da equidade, terminando com um apelo claro: o papel fundamental de cada estudante na construção de uma sociedade mais justa.

Quem é a pessoa por trás do “cargo” [ou posição]?

Ana Cavalieri (AC): Sou uma mulher construída entre o que em mim é mais permanente e aquilo que as relações foram moldando. A nossa identidade tem sempre esta dupla dimensão: há traços endógenos, mais estáveis, que nos acompanham ao longo do tempo, mas também há uma dimensão profundamente relacional – tornamo-nos quem somos através dos outros. Reconheço em mim uma natureza amável, confiante e muito inclinada para a reflexão.

Joana Valsassina (JV): Uma pessoa privilegiada, dedicada e curiosa. Acredito que este privilégio traz consigo um conjunto acrescido de responsabilidades perante o mundo que me rodeia e a motivação para seguir o meu percurso com seriedade e dedicação, apesar das inflexões que possam surgir.

Madalena Sá Fernandes (MF): Sou alguém que encontrou na escrita não apenas uma profissão, mas uma forma de existir, de questionar e de dar sentido à realidade. Sou mãe, sou uma leitora atenta, observadora do quotidiano e aprendiz permanente.

Margarida Cardoso (MC): Não creio que existam duas versões de mim, uma profissional e outra pessoal. A minha forma de ver o mundo e os valores estão sempre presentes na forma como trabalho e como me relaciono com os outros. Nasci em Lisboa, mas é no Alentejo que encontro o meu equilíbrio.

Acredito genuinamente que todas as pessoas são importantes e que é nas relações, nas mais simples e nas mais inesperadas, que muitas vezes temos surpresas fantásticas com pessoas de grande valor.

Que dúvidas ou medos sentiu no início da sua carreira?

JV: Desde os tempos do colégio sempre tive dúvidas de qual seria o caminho a seguir. O meu caminho não tem sido linear, a cada novo desafio surgem novamente dúvidas sobre a capacidade de dar resposta. Acho que as dúvidas e medos fazem parte.

MF: O medo mais persistente foi o de não ser suficientemente boa ou de não ter uma voz que merecesse ser ouvida. Aprendi, com o tempo, que a dúvida não desaparece; transforma-se, isso sim, numa aliada que nos mantém rigorosos e humildes.

Quem é a mulher que mais a inspirou ao longo da sua vida ou carreira? Porquê?

AC: Antes de tudo, a minha mãe. Foi o meu referente mais íntimo e quem mais profundamente me moldou, não só como mulher, mas também na forma como me posiciono no mundo. No meu percurso, houve também mulheres fora do círculo familiar que me marcaram. Recordo com especial carinho a minha professora de Filosofia no Colégio Valsassina, Manuela Borba – uma mulher absolutamente fascinante, a quem deixo aqui uma home-

nagem pela forma como despertou e aprofundou em mim o gosto pela reflexão.

JV: São várias, quase todas professoras, que me ensinaram em diferentes momentos da vida a ver o mundo com um olhar curioso, crítico e empático. Para além de várias mulheres-modelo, tenho encontrado ao longo do meu percurso profissional pessoas cruciais que me ajudaram a definir o meu percurso, não por constituírem um exemplo, mas por oposição. Saber que caminhos não queremos seguir pode ser também muito inspirador.

MF: Inspirei-me em várias mulheres. Inspiram-me aquelas que, mesmo sem reconhecimento imediato, continuaram a criar, a pensar e a abrir caminho para outras. A sua força reside no que conquistaram, e, sobretudo, no que tornaram possível para as gerações seguintes. Literariamente, Annie Ernaux. Mostrou-me o que uma mulher pode fazer quando decide narrar-se sem pedir desculpa, com uma espécie de coragem limpa.

MC: Pode parecer uma resposta previsível, mas a minha mãe é, e será sempre, a minha maior inspiração. Muitas vezes, quando me deparo com um dilema, dou por mim a pensar: “o que faria a minha mãe?” ou “o que me diria neste momento?” É quase um referencial constante.

Como descobriu e consolidou a sua voz num mundo tão competitivo?

JV: Com muito trabalho e dedicação, perseguindo as dúvidas e medos que vão surgindo ao longo do caminho. Com espírito crítico e respeito por colegas e pares, por quem veio antes, e por quem vem a seguir.

MF: A voz constrói-se com tempo, escuta e honestidade. Descobri a minha ao aceitar que não precisava de imitar ninguém e que a autenticidade, ainda que imperfeita, é mais poderosa do que qualquer tentativa de encaixe.

“Aprendi, com o tempo, que a dúvida não desaparece; transforma-se, isso sim, numa aliada que nos mantém rigorosos e humildes.”

MC: Diria que começou pela humildade de nunca assumir o conhecimento como algo suficiente e definitivo. Ao longo do percurso, fui percebendo que há sempre pessoas à nossa volta que sabem tanto ou mais do que nós e que é precisamente nessa troca, nessa construção colaborativa, que mais crescemos.

O que ainda falta conquistar em termos de igualdade? Que papel podem as novas gerações ter nessa transformação?

AC: Existe uma pressão mais intensa sobre as mulheres – sobretudo entre os 28 e os 35 anos – para conseguirem alinhar, quase simultaneamente, as duas grandes dimensões da vida: a carreira e o projeto familiar. O objetivo deve ser, acima de tudo, maximizar a liberdade de escolha: garantir que uma mulher que opte por dedicar-se mais à família não abdica da sua independência financeira, e que aquela que privilegia a carreira não sinta que está a comprometer irremediavelmente a possibilidade de ser mãe. As novas gerações têm um papel decisivo nesta transformação – ao desafiar modelos rígidos, ao promover uma maior partilha de responsabilidades familiares e ao valorizar percursos de vida mais flexíveis, onde a escolha individual, e não a imposição estrutural, seja o princípio orientador.

JV: Persistem desigualdades estruturais como a disparidade salarial e o desequilíbrio nas licenças de parentalidade. A construção de uma sociedade mais igualitária faz-se pela consciencialização das disparidades existentes e das suas consequências pessoais e coletivas. Mas faz-se, sobretudo, no dia a dia, com atitudes simples de respeito, empatia e consideração pela liberdade de quem nos rodeia, tratando todas as pessoas com dignidade.

MC: No contexto corporativo, destacaria três dimensões essenciais. A primeira, prende-se com os enviesamentos inconscientes. A segunda tem a ver com representatividade. E por fim, a corresponsabilidade. A igualdade não é um tema das mulheres: é um tema das organizações e da sociedade como um todo. As novas gerações têm um papel determinante neste processo. Chegam ao mercado de trabalho com uma consciência muito mais desenvolvida sobre temas como igualdade, diversidade e equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Questionam mais, aceitam menos certas desigualdades vistas como “normais” e têm expectativas claras em relação aos contextos onde querem trabalhar.

Mas acredito também que a mudança mais sólida acontece quando existe diálogo entre gerações.



“As novas gerações têm um papel decisivo nesta transformação – ao desafiar modelos rígidos, ao promover uma maior partilha de responsabilidades familiares e ao valorizar percursos de vida mais flexíveis”

Se pudesse voltar ao vosso “eu” do 10.º ano [15 anos], que conselho diriam a vocês mesmas?

JV: Primeiro, procura ter contacto com diferentes ambientes profissionais no contexto de várias áreas de interesse. Oportunidades deste tipo, tal como as oferecidas pelo Colégio no contexto do programa “A minha experiência no mundo do trabalho” podem ser fundamentais para tomar decisões realistas em relação ao futuro académico e profissional.

Segundo, aceita as dúvidas, os medos e as inflexões ao longo do percurso académico e profissional como parte integrante do processo de descoberta e crescimento. Tal como escreveu o famoso poeta e pintor francês, Francis Picabia: “As nossas cabeças são redondas para que os nossos pensamentos possam mudar de direção”.

MF: Diria para confiar mais no tempo e menos na pressa. Para não temer caminhos menos convencionais e para compreender que o valor não se mede pela comparação com os outros, mas pela fidelidade a mim própria.

MC: Diria que é importante aproveitar mais o tempo com uma postura de curiosidade e de dúvida, sem tanta pressa de acertar, mas com mais von-

tade de explorar. Mas, mais do que fazer diferente, a principal aprendizagem é não ter receio de experimentar. Nem tudo tem de ter um objetivo claro ou imediato, muitas das experiências que vivemos mais cedo acabam por ganhar sentido mais tarde.

Para os/as nossos/as alunos/as, na sua opinião, qual o seu papel na construção de um futuro e de uma sociedade mais igualitária?

AC: Os/as nossos/as jovens alunos/as representam o mais inspirador e animador que pode existir: potencialidade. A capacidade de definir algo que ainda não está concretizado. Assim, antes de tudo, o seu papel será o de desenvolverem um espírito crítico sobre o mundo em que vivem. Uma sociedade mais igualitária em termos de oportunidades concedidas tanto a homens como mulheres não se constrói apenas com leis ou *slogans* – forma-se com pessoas capazes de questionar, de reconhecer desigualdades, muitas vezes subtis, e de agir com coerência no seu dia a dia. Isso começa nas pequenas coisas: na forma como se relacionam com os outros, no respeito, na capacidade de ouvir e na recusa de reproduzir dinâmicas injustas. Diria, por isso, que o seu papel é duplo: formar-se com rigor e ambição, mas também viver com intencionalidade – fazendo escolhas que integrem, e não oponham, as diferentes dimensões da vida. É dessa consciência, simultaneamente crítica e prática, que nasce a capacidade de não só compreender o mundo, mas de o transformar.



Leia a entrevista completa

Aprende-se a Gostar de Ler?

Mónica Silva Professora de Português e Coordenadora na Direção Pedagógica

Ao tomar conhecimento do tema em destaque nesta Gazeta, propus-me revisitar a leitura, uma temática intemporal no ensino e no meio em que me movo diariamente.

É do conhecimento de todos os meus colegas que, há vários anos, nas reuniões de início de ano letivo, insisto no mesmo princípio: “Se não conseguirmos criar o gosto pela leitura, tentemos, pelo menos, criar o hábito da leitura.” Enquanto professora de Português e ávida leitora, aconselho vivamente os pais a incentivarem os/as filhos/as (meus/minhas alunos/as e coordenandos/as) a encontrarem O momento. Seja após o lanche, antes ou depois do jantar, ou ao deitar, o essencial é instituir a rotina de, naquele período, dedicar 10 ou 15 minutos à leitura.

Nem sempre gostei de ler. Contudo, recordo com clareza o som da campainha que tocava uma vez por mês, com um timbre que evocava a leitura. Tratava-se do Círculo de Leitores, cujas encomendas traziam uma alegria que invadia a casa: chegava mais um livro. Todavia, mais do que o ler, o prazer residia em possuí-lo. O verdadeiro gosto pela leitura consolidou-se tardiamente. Li a coleção *Uma Aventura*, das tão conhecidas autoras Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, numa idade em que, porventura, já deveria (?) dedicar-me a narrativas de maior complexidade.

Mais tarde, a leitura da obra de Daniel Pennac, *Como um Romance* (1992), permitiu-me superar quaisquer hesitações que ainda pudessem persistir. Um dos dez direitos inalienáveis do leitor, segundo Pennac, é “o direito de não terminar um livro”. A partir dessa premissa, todos os direitos se tornaram válidos para mim: “o direito de pular páginas”, “o direito de ler uma frase aqui e outra ali”; em suma, a liberdade de decidirmos o nosso caminho nas leituras que escolhemos. Por que razão não conceder esta abertura aos/às alunos/as?

Desde há largos anos, que, na disciplina de Português, instituímos a prática de ler 15 minutos no início da aula com os/as alunos/as do 5.º e 6.º anos (prolongando este hábito, sempre que exequível, do 7.º ao 9.º ano). Notamos que alguns revelam maior dificuldade de concentração; uns leem várias páginas, outros poucas; há quem não consiga fixar o olhar no livro, enquanto outros leem avidamente, ignorando o aviso de “terminou” para continuarem, embrenhados na narrativa.

Aspiramos, obviamente, a que todos os/as alunos/as desenvolvam um gosto genuíno pela leitura. Cientes de que nem sempre o alcançamos, persistimos diariamente no esforço para que, se não o gosto, se enraíze, pelo menos, o hábito. Entrar numa sala de aula e deparar com o silêncio atento de uma turma compenetrada nos livros é, por si só, um passo valioso. O que advém dessa experiência é imensurável, mas sabemos que muitos descobrem respostas que lhes faltavam, adquirem novos conhecimentos e cruzam-se com obras que “desconcertam e concentram, que divertem e enternecem” (citando uma amiga).

É com este intuito que incentivamos a leitura em diversos espaços, não desistindo de a levar também para o exterior. Ler nos corredores, na biblioteca, no anfiteatro ao ar livre ou entre as árvores do Colégio é essencial, pois estamos convictos de que, ao fomentarmos a leitura, estamos, também, a potenciar o aperfeiçoamento da expressão oral e da escrita. Afinal, deter uma boa capacidade argumentativa é uma competência fundamental para o futuro.

Termino a minha reflexão com a “resposta” à pergunta inicial, citando o Nobel da Literatura Mario Vargas Llosa: “Aprender a ler é a coisa mais importante que me aconteceu na vida.”



TEMPO PARA ler

Leitura de Obras na Disciplina de Português: Integral ou por fragmentos?

Marta Santos 12.º 1B e Vasco Isidoro 12.º 1A

Ler obras integrais é como criar um filho nas tardes de sol, adotar alguém já velho, conhecê-lo de fio a pavio. É inteirarmo-nos da obra como um todo, vê-la como uma unidade e perceber os detalhes da articulação de todos os acontecimentos, quer relativamente ao que isso revela das personagens, quer em termos do estilo do autor. Se o objetivo de estudar literatura é ampliar o conhecimento dos/as alunos/as relativamente a autores/as e obras portuguesas, então a leitura dos livros estudados devia ser integral.

Já ler fragmentos ou passagens é como... como fazer *babysitting* durante um fim de semana – é muito giro e se calhar eu até gosto da criança, mas o filho não é meu. Até sei do que é que ele gosta, consigo antecipar mais ou menos quando é que chora e sou capaz de saber que detesta bróculos. Mas não consigo percebê-lo, faço lá eu ideia de como é que se relaciona com os seus amigos, sei lá o que é que ele quer ser quando for grande, e longe de mim saber as suas rotinas e os seus hábitos. Ler fragmentos duma obra é isso mesmo, conhecer porções de toda uma entidade, ver só algumas pinceladas de um quadro, ou quatro ou cinco linhas de uma camisola – não nos dá o mesmo entendimento da obra, o mesmo mergulho na identidade do autor e das personagens que lê-la por inteiro.

Além disso, descobrir por mim mesmo as peripécias, sentir na pele o construir do clímax e no estômago a dor dos desfechos é incomparável a que a professora nos relate. Por exemplo, é possível compreender a complexidade das dinâmicas sociais d'Os *Maias* através de meras passagens? Uma coisa é garantida, se não fosse a escola, nunca teria lido com tanto interesse o contraste entre as convicções de Alencar e de Ega, no Hotel Central. Ou o fervor do amor de Carlos por Maria Eduarda será visível em excertos descontextualizados, em que se perde a evolução salpicada pelas páginas e peripécias? A imersão na vivência do romantismo e na tragédia do incesto só é verdadeiramente sentida ao pegar no livro e ir descobrindo-o por nós mesmos. E será que bastam alguns fragmentos para compreender as pinceladas literárias impres-

sionistas com que Eça de Queiroz ilustrou os seus enredos? O heroísmo de Simão Botelho não se vê em excertos. O amor incondicional de Mariana, a sua abnegação, não transparecem em passagens com o mesmo realismo que se veem ao longo da obra. Aliás, lamento não se dar integralmente *A Mensagem*, por um lado, pelo sentido de globalidade que isso permitiria, e, por outro, por se perder parte do fio condutor histórico e simbólico quando se estudam apenas alguns poemas.

Agora reconhecemos que os melhores trabalhos foram os que nos permitiram escolher e ler integralmente uma obra que desconhecíamos completamente. Sem o incentivo da escola se calhar nunca nos teríamos perdido nas páginas e sonhos d'O *Ano Sabático*, certamente nunca teríamos lido *As Pequenas Memórias* ou *a História do Cerco de Lisboa*, nem descoberto este interesse pela literatura de José Saramago – para nós, continuaria a ser um autor de livros para país. Alunos que se calhar nunca pegariam num livro por vontade própria só têm a ganhar também com a obrigatoriedade da leitura integral de obras. Ficam expostos ao fascínio que é a submersão causada pela leitura e podem até criar um amor recém-descoberto pela leitura, através da escola. Apesar disso, para quem não gosta de ler, talvez isto seja mais difícil, mas à questão, “Vale a pena ler integralmente as obras?”, respondemos perguntando: quem é que conhece melhor uma criança, as tias que vêm do norte uma vez por ano para o Natal, ou os seus pais e irmãos que vivem, com ela, os seus triunfos, fracassos e desejos?



Náutilo

Rodrigo Garcia 8.º B

Trabalho realizado na disciplina de Português, sob a supervisão da Professora Sofia Couto

Ali, no respirar da vaga, ouvia o respirar indecifrado da sua própria paixão.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Vagas de tamanho desmesurável fundiam-se com as fragas num tumultuoso abraço. A salvo do alvoroço marítimo, entre duas grandes colinas, outrora muito verdes, mas agora salpicadas com tons castanho-alaranjados, descansada, eternamente adormecida, a aldeia de Albamar.

Muitas horas após a noite ter deixado cair o seu véu negro e cintilante sobre a terra, escapulindo-se pela porta traseira da humilde casa do avô, Náutilo dirigia-se para o promontório perto da aldeia, que por acaso não era o lar de um farol.

Caminhara bastante, porém tinha chegado a tempo do espetáculo pelo qual aguardara o dia inteiro. O vento gélido trazia salpicos salgados que lhe molhavam o rosto jovem, sem as rugas com que o tempo escrevera no do avô.

Ao longe, rente à linha do horizonte, dera-se início a uma dança desajeitada e de uma beleza sem igual: a dança era o movimento das ondas. E no mar brilhante Náutilo via não só o reflexo líquido do luar, mas sim as suas próprias amarras, de quem estava acorrentado a Albamar. No entanto, navio que seja navio não permanece para sempre em porto seguro; navio que seja navio somente no mar alto e bravo encontra o seu propósito. Seria ali, na obscura vastidão do oceano noturno, que um navio poderia encontrar o seu destino?

Terrível é a existência de um navio, sem dúvida. Tem a maior das liberdades para velejar e ir aonde bem quiser. Contudo, é restringido pela necessidade de voltar a terra. Até que chega o dia em que o mar torna essa necessidade urgente – e tudo, perante o mar, se torna desnecessário. Porque é nele, e só nele, que se pode experimentar o que é verdadeiramente ser livre, longe das amarras impostas pela terra, pelo mundo...

Náutilo avançara de vez para o extremo do rochedo, onde se deitara preparando-se para desfrutar de toda a liberdade e exaltação que aquele momento lhe trazia à alma. As marés engrossavam e juntavam-se umas com as outras de forma a criarem uma corrente única, capaz de puxar navios e homens...

E ele viu uma enorme vaga emergir do oceano, como se tentasse desprender-se de amarras feitas pelas próprias mãos de Deus. Com um gigantesco estrondo, interrompia-se o organizado e harmonioso cântico marítimo e acordava o ribombar agressivo dos timbales da natureza.

A onda preparava-se para se soltar das algemas que a acorrentavam, soltando água em todas as direções, como o grito de alguém livre depois de séculos aprisionado.

Em todo o seu esplendor, o mar vinha marchando raivosamente a caminho do promontório, iluminado pela luz do luar e das estrelas, como um dos antigos guerreiros referidos nas lendas, abençoados pela graça divina. Por fim, o mar erguia a lâmina afiada, pronta a cravar no promontório. A água penetrava o rochedo, facto que causou um emocionante abalo no topo.

Em segundos, a outrora colossal e imponente onda transfigurava-se em mera espuma, densa de sal. Então, a terra dizimava a maré, impondo-lhe novamente um castigo que a manteria cativa, pelo menos até à noite seguinte.

Depois do fim do espetáculo, Náutilo regressou a casa acompanhado somente pelo cintilar dos astros. Por mais que o mar tivesse, outra vez, perdido o confronto que Náutilo via religiosamente, ele partia sorridente.

Agora, tinha como certeza o que para ele desde há muito era apenas uma hipótese. Agora estava certo de que a verdadeira liberdade só podia existir no mar.

Segredo do Relógio que Parou o Tempo

Noa López 5.º B

Trabalho realizado na disciplina de Português, sob a supervisão da Professora Carla Almeida

O relógio da escola estava parado há décadas.

O relógio estava avariado e parado. Os ponteiros não se mexiam. Os ponteiros ficavam sempre presos às 10h17. Não andavam nem para a frente nem para trás.

Ninguém sabia porquê. Ninguém perguntava. Tornara-se parte da paisagem — como as paredes gastas do corredor principal ou o eco distante das campainhas.

Até à noite em que o tempo decidiu regressar.

A tempestade começou sem aviso. O céu escureceu subitamente e a eletricidade falhou, mergulhando a escola num silêncio inquietante. Só Leonor permanecia no edifício, terminando um trabalho na biblioteca. Foi então que ouviu:
– Tic.

Leonor ergueu a cabeça. O coração acelerou. O relógio não funcionava.
– Tac.

O som ecoou pelo átrio vazio como um sussurro antigo. Um arrepiou percorreu-lhe a espinha.

Aproximou-se devagar. A cada passo, o ar parecia tornar-se mais denso. O ponteiro dos segundos moveu-se.

10h18.
– Tic,tac,tic,tac....

O chão vibrou sob os seus pés como um tremor de terra.
– Brummm...

Uma luz azulada começou a irradiar do interior do relógio, projetando símbolos estranhos nas paredes — mapas antigos, constelações esquecidas, datas que não pertenciam a este século.

De repente, a parede atrás do relógio deslizou, revelando uma escadaria estreita que descia para a escuridão.

Leonor sabia que devia chamar alguém. Sabia que devia sair dali.

Mas havia algo naquela descoberta que a puxava — como se aquele momento estivesse sido escrito muito antes de ela nascer. Não pensou duas vezes e desce.
– Creck-creck... creck-creck...

Os degraus eram feitos de madeira e eram frios e húmidos. As paredes estavam cobertas de inscrições em latim e desenhos de batalhas antigas. No fundo, encontrou uma sala circular. No centro, um enorme mapa iluminado.

Era o mundo.

Mas não como o conhecemos.

Os continentes estavam ligeiramente deslocados. Cidades desaparecidas surgiam assinaladas a ouro. E no meio, gravada em pedra, uma frase: “Guardião do Tempo — A próxima escolhida.” O mapa começou a rodar lentamente. O ar tornou-se pesado. O chão abriu-se sob os seus pés.

E, num instante impossível, Leonor já não estava na escola. Encontrava-se numa Lisboa medieval, cercada por muralhas imponentes. O cheiro a madeira queimada e sal do Tejo misturava-se no ar. Ao longe, ouviam-se sinos de igreja e o trotar de cavalos. Um cavaleiro aproximou-se, olhando-a com serenidade.
– Finalmente — disse ele. — A História está a desfazer-se. E só tu podes impedir que o passado desapareça.

Leonor percebeu então que o relógio não media horas.

Media destinos.

E o seu acabara de começar.

Aldeia Varda

Afonso Matos 12.º 2A

A névoa começara muito antes da aldeia. Primeiro fora apenas um véu fino sobre a autoestrada, uma película leitosa que os faróis atravessavam sem dificuldade, como se o mundo estivesse só ligeiramente cansado. Depois, à medida que o carro se afastava de Lisboa e da costa, tornara-se mais espessa, mais presente, como se alguém tivesse ido rodando devagar um comando invisível que regulava a densidade das coisas.

Agora, já fora do carro, Diogo caminhava pela estrada estreita que subia para Aldeia Varda e tinha a sensação nítida de estar a mover-se dentro de uma substância e não dentro do ar.

A névoa prendia-se-lhe ao casaco, à barba por fazer, aos cílios. Entrava-lhe pelas narinas com uma humidade fria e quase oleosa, e cada inspiração parecia exigir uma decisão consciente. Respirar ou não respirar. Continuar ou parar ali mesmo. Houve um instante em que lhe ocorreu, com a serenidade absurda com que lhe ocorriam as ideias mais negras, que se simplesmente se deitasse no alcatrão e deixasse de lutar contra o próprio corpo, talvez a névoa acabasse por entrar-lhe toda nos pulmões e fazer por ele o que ele próprio nunca fora capaz de fazer com convicção suficiente.

A ideia não o assustou. Reconheceu-a apenas como uma possibilidade lógica. O carro ficara alguns metros atrás, abandonado junto a uma curva onde a estrada alargava um pouco, como se o próprio terreno lhe tivesse concedido um último lugar de recuo. Diogo deixara-o ali de propósito. Poderia ter avançado até mais perto da casa, talvez até à entrada do caminho de terra, mas não o fizera. Quisera percorrer o resto a pé. Não por coragem. Nunca confundira as duas coisas. Fizera-o porque o desconforto lhe parecia justo, e porque, nos últimos quinze anos, aprendera a desconfiar profundamente de tudo o que lhe parecesse demasiado fácil.

A culpa, concluíra ele muito cedo, era um mecanismo ridículo, mas disciplinado. Se não lhe déssemos trabalho suficiente, inventava-o. Subiu mais alguns metros, sentindo a inclinação nas pernas e uma fisgada baça no joelho esquerdo. Tinha quarenta e três anos e começava a entrar naquela idade humilhante em que o corpo não se queixa por heroísmo nem por grande drama, queixa-se por detalhe, por pequenas falhas, por desgaste acumulado. Diogo reconhecia nisso uma forma de justiça íntima. Nada



Fotografia de Ingrid Koe em Unsplash

nele se quebrava de repente. Tudo apodrecia devagar. A frase do pai voltou-lhe à cabeça sem pedir licença, como tantas vezes voltava quando ele estava cansado ou humilhado ou apenas demasiado tempo sozinho. Tu és medíocre, mas queres coisas de gente brilhante. Dissera-lho numa tarde antiga, quando Diogo tinha dezassete anos e mostrara em casa um caderno de desenhos com a convicção secreta de quem ainda acredita que talento basta.

O pai folheara aquilo em silêncio, sem crueldade teatral, sem gritos, sem sequer levantar muito a voz. Fora pior por isso. Tinha-o dito com aquela neutralidade seca que algumas pessoas usam quando julgam estar apenas a descrever o tempo. Na altura, Diogo odiara-o. Durante anos, alimentara a fantasia pueril de um dia lhe provar o contrário, de sair de Lisboa, ou da mediocridade, ou de si mesmo, e tornar-se qualquer coisa suficientemente grande para transformar aquela frase numa anedota ridícula de homem pequeno. Não acontecera. O mundo não lhe negara apenas o génio. Negara-lhe também a elegância da derrota clara. Tinha-lhe dado antes a pior combinação possível: talento suficiente para desejar muito, insuficiente para alcançar quase tudo.

E era essa combinação, pensava ele agora, enquanto a névoa lhe colava as calças às pernas, que fazia homens como ele perigosos.

Este texto foi escrito no âmbito do atelier de “Escrita Criativa”, uma atividade semanal que envolve alunos/as do Ensino Secundário.

APRENDER ao longo de tempo

Aprender com Tempo: A Matemática como construção ao longo da vida escolar

Carolina Ramos Professora titular do 1.º Ciclo
Ana Isabel Cunha e **Bruna Pereira** Professoras de Matemática

Somos três professoras de diferentes ciclos de ensino e partilhamos uma convicção comum: aprender Matemática é um processo longo, acompanhado e profundamente pessoal. Não é uma corrida contra o tempo, mas um caminho que se constrói com tempo — e através do tempo.

Cada aluno/a aprende a um ritmo próprio. Nem todos/as estão preparados/as, no mesmo momento, para compreender determinado conceito ou dominar um procedimento. A maturidade cognitiva e emocional influenciam a forma como se apropriam do conhecimento. Por isso, defendemos uma aprendizagem que respeite o tempo individual, que permita errar, refletir, reformular e tentar novamente. Aprender exige persistência, confiança e oportunidade de crescimento.

A Matemática tem uma característica que favorece este processo: a sua estrutura em espiral. Os conteúdos regressam ao longo dos anos com maior profundidade e complexidade. Um conceito introduzido num ciclo é retomado no seguinte, ampliando-se e consolidando-se. Este movimento permite recuperar aprendizagens e reforçar competências. Deste modo, o conhecimento constrói-se progressivamente, por camadas.

É igualmente essencial que os/as alunos/as sintam que não estão sozinhos/as. O/A professor/a acompanha, orienta e volta a explicar sempre que necessário. Nem todos/as conseguem consolidar os conhecimentos à primeira abordagem, mas, com tempo, apoio e *feedback* consistente, acabam por alcançar o sucesso. E o sucesso é um poderoso fator de motivação.

Sentimos que a articulação entre ciclos é determinante, pois a partilha de experiências entre docentes ajuda a compreender as dificuldades próprias de cada etapa e a preparar melhor as transições, garantindo continuidade e coerência no percurso de todos/as.

Importa ainda reforçar a ligação da Matemática ao quotidiano. Aprender as horas é organizar o tempo. Trabalhar medições e unidades de medida é interpretar distâncias, massas e capacidades presentes na vida diária. Estudar polígonos e áreas é compreender o espaço que nos rodeia. Explorar funções é traduzir situações reais em linguagem matemática e analisar relações entre variáveis. Refletir sobre a otimização de recursos desenvolve uma consciência crítica sobre gestão e eficiência. Estes conhecimentos permitem compreender melhor o mundo e tomar decisões informadas ao longo de todos os níveis de ensino.

No 1.º Ciclo constroem-se as bases do edifício matemático: a noção de número, os algoritmos, as sequências, a Geometria, a leitura de números e a leitura de gráficos. Mais do que memorizar procedimentos, os/as alunos/as aprendem a pensar, a estabelecer relações

A Matemática é como um jogo divertido, onde brinco com os números, tento e posso ganhar. Posso tirar ou juntar números uns aos outros. É como um puzzle, leva tempo mas consigo sempre.

Bianca Araújo 1.º A

A Matemática requer tempo e concentração, mas esse investimento acaba por compensar o esforço. **Luísa Marques 8.º C**

A Matemática já existe há mais tempo do que o tempo que é preciso para aprender matemática. **António Palma 8.º C**

Com o tempo aprendemos que a Matemática é como o xadrez, requer tempo de treino e tempo para pensar.

Francisco Medina 8.º D

A Matemática é como um jogo divertido, onde brinco Com o progredir do tempo, ou seja, ao longo do meu percurso na disciplina, é notório o aumento da complexidade dos conteúdos, mas também cresce o interesse e a curiosidade de forma exponencial. Quando são introduzidas variáveis pela primeira vez, qualquer um sente o chão a cair — desde quando é que a Matemática tem letras? No entanto, com o tempo, aquilo que parecia impossível torna-se natural, e agora é raríssimo encontrar um exercício com apenas números. Aprendi que o mais interessante na Matemática é parar e pensar longamente numa questão, procurar diferentes métodos e formas criativas de resolver um problema, vendo tudo lentamente a fazer sentido. A Matemática aprende-se no tempo que se passa a pensar na mesma. **Madalena Cunha 12.º 1A**

e a desenvolver estratégias. Este é o alicerce de todas as aprendizagens futuras.

A aprendizagem deve assentar na compreensão e na aquisição de estratégias, não apenas na repetição mecânica. Quando o/a aluno/a compreende os processos, mesmo que esqueça um detalhe, saberá mobilizar estratégias para recuperar o conhecimento. A prática consolida, mas é a compreensão que garante autonomia.

No 2.º Ciclo, surgem novos desafios. Espera-se que os algoritmos fundamentais, as tabuadas e a linguagem básica da Geometria estejam consolidados, permitindo avançar com maior fluidez. Os raciocínios tornam-se mais complexos e exige-se maior clareza na apresentação das resoluções. Desenvolve-se a linguagem matemática, o sentido crítico e o raciocínio lógico. O/A aluno/a aprende a justificar, argumentar e comunicar o seu pensamento.

No 3.º Ciclo, a abstração intensifica-se e os conteúdos exigem domínio das ferramentas adquiridas anteriormente. É também uma fase em que a maturidade pode favorecer a recuperação de aprendizagens menos consolidadas. Dar tempo para errar, refletir e reconstruir é fundamental. O erro passa a ser entendido como parte do processo e não como fracasso.

Para que este percurso seja eficaz, os/as alunos/as precisam de acreditar que são capazes. O nosso papel é ajudá-los a construir essa confiança. Através de acompanhamento próximo, *feedback* regular e valorização das dúvidas, criamos um ambiente onde questionar é sinal de envolvimento. Colocar dúvidas é próprio de quem quer aprender.

Chegados ao Ensino Secundário, a abstração deixa de ser um desafio para se tornar um instrumento de trabalho. Nesta fase do percurso, as ferramentas, o raciocínio e o rigor, acumulados ao longo dos ciclos anteriores, traduzem-se na capacidade de resolver problemas cada vez mais complexos, ao longo do tempo.

Quando a aprendizagem é construída com tempo, respeito pelo ritmo individual e apoio consistente, os resultados tornam-se visíveis. Os/As alunos/as chegam ao Ensino Secundário mais preparados para enfrentar conteúdos de maior complexidade e níveis superiores de abstração. Prosseguem o seu percurso com mais confiança, autonomia e espírito crítico.

Aprender Matemática é um percurso contínuo. Não se mede pela rapidez com que se conclui um programa, mas pela solidez com que se compreendem os conceitos. É no respeito pelo tempo — o tempo de cada aluno/a e o tempo da própria aprendizagem — que se constrói um verdadeiro sucesso educativo.



“... defendemos uma aprendizagem que respeite o tempo individual, que permita errar, refletir, reformular e tentar novamente. Aprender exige persistência, confiança e oportunidade de crescimento.”



APRENDER ao longo do tempo

Da Canção ao Debate: O tempo na sala de aula de inglês

Inês Almeida Professora de Inglês

Ao sermos convidados a *Descobrir (o) Tempo*, temos de o pensar nas suas diferentes dimensões, tanto literais quanto metafóricas. O tempo como desenvolvimento, como experiência, como linguagem e como relação. O presente artigo procura explorar alguns aspetos da aprendizagem e do ensino da língua inglesa, desde os primeiros passos no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo até ao Ensino Secundário, utilizando o Tempo como conceito agregador. Ou seja, onde está o Tempo na aula de inglês?

De facto, o inglês na escola, como disciplina, encontra-se intimamente ligado ao Tempo, não só na perspetiva dos tempos verbais que devem ser estudados e incorporados no discurso, mas também nas narrativas, nas memórias, nos planos e nas identidades que são construídas com recurso à linguagem. Todas estas realidades são marcadas pela subjetividade de cada um, pelo tempo que é medido pelos relógios e sentido pelos/as alunos/as. Naturalmente, uma aula aborrecida demora muito mais tempo a passar e um/a aluno/a no Jardim de Infância vai experienciar e compreender o tempo de modo completamente diferente de um/a aluno/a no 11.º ano. Assim, ensinar inglês implica também compreender estas diferentes perceções temporais e ajustar práticas, ritmos e expectativas.

Num primeiro momento, o ensino do inglês passa pelo jogo, pela repetição, pelo ritmo e pela descoberta. O tempo entra na sala de aula sob a forma de músicas, de rotinas e de atenção. Apesar de lento, o progresso feito nestes primeiros anos é fundamental, constituindo a base da relação que cada criança irá estabelecer com a língua. Deste modo, o ensino e a aprendizagem não podem ser apressados e o tempo de cada um/a é central, pois a sala de aula deve ser um espaço de exploração sem medo marcado pelo respeito do docente pelo ritmo de cada um/a. O tempo nas aulas de inglês do Jardim de Infância e do início do 1.º Ciclo não é algo para ser medido, mas vivido, pois é neste tempo vivido que se constroem a confiança, a curiosidade e a disponibilidade para aprender uma nova língua.

À medida que o tempo passa, o inglês como ferramenta para nomear o mundo através de longas listas de vocabulário e de frases repetidas uma e outra vez dá lugar a uma nova perspetiva, nomeadamente, ao inglês como ferramenta para refletir sobre o mundo e criticá-lo, através de leituras extensivas cada vez mais complexas e projetos que procuram explorar o mundo contemporâneo. Começa a ser pedido aos/as alunos/as para olharem para o passado, para compararem realidades, para questionarem valores e para compreenderem diferentes pontos de vista através de textos, de imagens e de narrativas diversas. O Tempo surge, então, como mudança, como crescimento e como consciência de que a língua permite dar voz a pensamentos cada vez mais complexos. No 3.º Ciclo, a sala de aula torna-se num espaço de debate, de interpretação e de construção de sentido, onde o inglês acompanha o amadurecimento intelectual e emocional dos/as alunos/as.



“... aprender uma língua é um processo contínuo, feito de diferentes momentos, de ritmos e de descobertas, todos eles igualmente significativos.”

Por fim, chegando ao Ensino Secundário, o Tempo como uma projeção futura ganha força e a imagem dos exames, da universidade, do trabalho e da participação ativa em sociedade torna-se cada vez mais presente na sala de aula. De facto, o inglês começa a ser pensado como uma ferramenta para um futuro académico e profissional, estando tal espelhado nos diversos desafios lançados aos/as alunos/as ao longo dos 10.º e 11.º anos como, por exemplo, nas peças de teatro, nos vídeo CVs, e nos debates propostos. A urgência e pressão do tempo das decisões apenas são acalmadas pela imagem de uma ponte para o futuro, onde o inglês é cada vez mais uma ferramenta fundamental. Neste momento, o Tempo é vivido como responsabilidade, mas também como possibilidade.

Assim, torna-se possível afirmar que a sala de aula de inglês é um lugar onde o Tempo está constantemente presente e é redescoberto diariamente, onde cada nível de ensino apresenta uma relação diferente com a temporalidade e onde o professor é desafiado a acompanhar cada um/a dos/as seus/suas alunos/as ao longo do Tempo e não correr contra ele. Ensinar inglês é, em última instância, aceitar que aprender uma língua é um processo contínuo, feito de diferentes momentos, de ritmos e de descobertas, todos eles igualmente significativos.



Entre Preguiças, Rios e Sombras: Pensar o Tempo e dar tempo ao pensamento

Cláudia Viana Professora de Filosofia para Crianças e de Filosofia
Maria João Pozzetti Professora de Filosofia para Crianças

Se o tempo fosse outra coisa, o que seria?

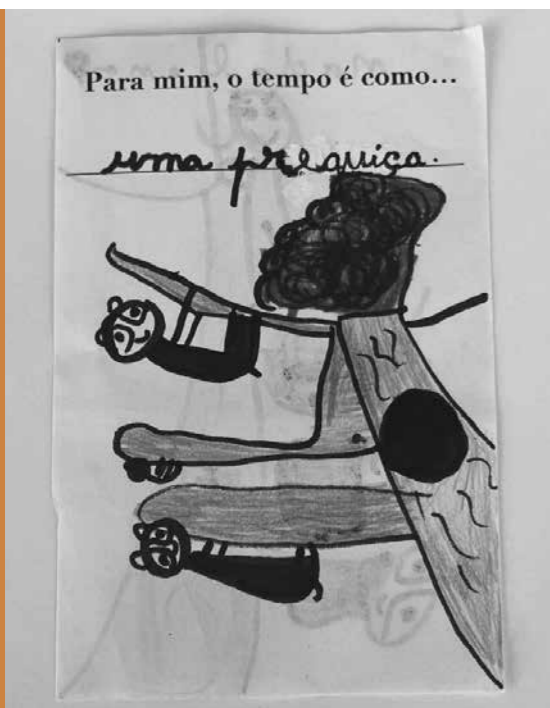
A pergunta, simples na forma, abriu espaço a uma investigação filosófica realizada por alunos/as de 6/7 anos e de 15/16 anos. Com os/as mais novos/as, surgiu no contexto de sessões de Filosofia para Crianças, espaço que privilegia o diálogo e a exploração partilhada de conceitos; com os/as mais velhos/as, orientou um trabalho mais crítico e analítico, enquadrado nas aprendizagens essenciais de Filosofia do 10.º ano, particularmente no estudo da argumentação. Em ambos os casos, os/as alunos/as mobilizaram competências fundamentais – conceptualização, problematização, argumentação e interpretação – por meio de reflexões que mostram como o pensamento se constrói e se complexifica ao longo do tempo, articulando experiências concretas para compreender conceitos abstratos, e beneficiando do tempo pedagógico necessário para amadurecer. Mais do que um percurso das atividades, este artigo procura mostrar como as analogias – entre preguiças, rios e sombras – permitem pensar em conceitos – o Tempo – e, simultaneamente, mostrar que o pensamento precisa do seu próprio tempo para amadurecer.

Porquê trabalhar com analogias?

A escolha passou pela analogia na medida em que esta é uma ferramenta rica para pensar aquilo que é difícil de definir diretamente. Muitas vezes, uma definição explícita pode ser complexa de formular; nesse sentido, as analogias funcionam como definições implícitas que ajudam a tornar compreensível o que é abstrato. Quando um/a aluno/a afirma que “o tempo é como...”, está, na verdade, a caracterizar esse conceito através de relações de semelhança.

Ao recorrer a elementos familiares – animais, objetos ou fenómenos naturais – a analogia permite ligar a experiência concreta a ideias abstratas. Deste modo, os/as alunos/as relacionam o conceito de tempo com situações e referências do seu quotidiano, aproximando o pensamento filosófico da experiência vivida. Essa ligação torna o pensamento mais significativo e acessível, pois parte do que lhes é conhecido para explorar aquilo que é mais difícil de apreender.

As analogias revelam também como cada aluno/a organiza o seu pensamento. O raciocínio implícito nestas comparações não exatas traduz uma estrutura lógica: identificam-se semelhanças entre dois elementos diferentes e, a partir destas, inferem-se características do conceito que se procura compreender. No caso do tempo, esta estratégia torna visíveis processos de pensamento ocultos.



Concomitantemente, a analogia abre espaço ao pensamento criativo e à imaginação. Ao apresentar uma ideia como possibilidade, permitem-se interpretações construídas a partir de experiências pessoais ou partilhadas, estimulando formas originais de compreender conceitos abstratos. Assim, mais do que apresentar respostas fechadas, o recurso à analogia amplia o campo da reflexão e explora diferentes formas de compreender um mesmo conceito.

O que disseram os alunos? Algumas das analogias mostram como o pensamento dos mais novos recorre à experiência concreta para compreender o abstrato.

“Para mim, o tempo é como uma preguiça.”
Disse que era como uma preguiça, porque o tempo é muito lento.

Madalena Antunes 7 anos

A preguiça é um animal facilmente associado à ideia de tempo pelas crianças. A analogia estabelecida revela a percepção de um tempo psicológico subjetivo, tendo em conta a experiência pessoal da criança, sendo este diferente do tempo cronológico, que é igual para todos.

Para uma criança, uma aula pode parecer extensa e demorada, sobretudo quando espera ansiosamente o momento de brincar, enquanto, para um adulto, um dia atarefado e ocupado pode parecer curto, o que evidencia a tal subjetividade do tempo. No entanto, o tempo cronológico é o mesmo.

Apesar de simples, esta comparação mostra como as crianças recorrem a algo real e visível para entender o abstrato. O tempo, medido em horas ou minutos, é vivido de forma diferente por cada um, consoante o estado emocional e interesse nas situações a que somos expostos. **Ana Borba 16 anos**

Outra analogia, desta vez proposta por uma aluna do secundário, foi:

“O tempo é como um rio.”
O rio está sempre a correr, nunca para, assim como o tempo. Às vezes a corrente acelera, outras abranda; assim é o tempo, às vezes ficamos com a impressão de que passa num ápice, enquanto outras parece que demora uma eternidade a passar. Não conseguimos segurar a água de um rio tal como não conseguimos parar o tempo. A esse longo período, o rio atua por onde passa, alterando e desgastando a paisagem, assim como o tempo atua sobre nós, transformando-nos positiva ou negativamente.

Inês Silva e Maria Inês Venâncio 15 anos

O rio está sempre a andar e o tempo também.

António Andrade 7 anos

O rio vai rápido e o tempo também.

Mariana Gameiro 7 anos

Aqui surgem novas dimensões do conceito: continuidade, irreversibilidade e transformação. O rio torna visível a ideia de fluxo permanente e a impossibilidade de regressar ao que já passou.



Uma terceira analogia aproximou o tempo de algo ainda mais subtil:

“O tempo é como uma sombra.”
Lembrei-me dos relógios de sol que dão as horas com a sombra.

Manuel Aguiar 6 anos

Na interpretação desenvolvida no 10.º ano, a comparação ganha profundidade:

A sombra acompanha-nos constantemente, mudando conforme a posição do sol e os nossos movimentos. Tal como a sombra, o tempo está sempre presente, mesmo quando não nos apercebemos dele. Cresce, encolhe e transforma-se ao longo do dia, lembrando-nos que tudo muda. **Inês Silva 15 anos**

A analogia sugere assim um tempo invisível, mas perceptível nas transformações e movimentos que marcam a nossa existência.

O que revelam estas analogias e interpretações?

As respostas dos/as alunos/as do 1.º Ciclo mostram um pensamento fortemente apoiado na imagem e na experiência sensorial. As explicações são curtas, mas coerentes, e frequentemente associadas à ideia de movimento. Longe de ser um pensamento “menor”, estas respostas revelam já uma estrutura conceptual clara: identificam semelhanças, estabelecem relações e constroem inferências.

No Ensino Secundário, as interpretações apresentam maior abstração. Os/As alunos/as procuram problematizar as analogias e explorar as implicações dos conceitos envolvidos, tentando ir além da imagem inicial para refletir sobre o próprio significado do tempo.

Não se trata de estabelecer uma hierarquia entre formas de pensar, mas de reconhecer uma transformação progressiva. No 1.º Ciclo, observa-se um pensamento imagético estruturado; no Ensino Secundário, um pensamento mais reflexivo e meta-conceptual – ou seja, que não se limita a usar ou aplicar o conceito, capaz de pensar sobre os próprios conceitos e sobre como eles se formam e se

relacionam com outros, quais os limites e possibilidades da sua aplicação. Fica, assim, evidente que o pensamento não surge pronto, mas que se constrói e amadurece ao longo do tempo.

Pensar o tempo e dar tempo ao pensamento. Estas constatações levantam uma questão importante: em contextos escolares marcados por programas extensos e pela pressão da avaliação, a resposta ou o produto final pode assumir maior centralidade face ao próprio processo.

Perguntar “Se o tempo fosse alguma coisa, o que seria?” não foi apenas um exercício conceptual, mas também uma forma de experimentar o próprio tempo do pensamento. A atividade descrita também evidencia a necessidade de recentrar a atenção no processo. Se pensar é um exercício de construção e reconstrução, este diálogo interno tem um ritmo próprio; logo, requer tempo. Quando estas diferentes dimensões do tempo se articulam – o tempo cognitivo, que acompanha o ritmo interno de amadurecimento das ideias, e o tempo pedagógico, que diz respeito às condições educativas que permitem que esse processo aconteça – pensar deixa de ser apenas responder rapidamente e torna-se um espaço de compreensão, exploração e construção de significado.

Entre preguiças, rios e sombras, os/as alunos/as pensaram o Tempo e, ao fazê-lo, deu-se tempo ao próprio pensamento, mostrando que o pensamento amadurece no seu ritmo e precisa de ser cultivado com paciência e cuidado.

“... deu-se tempo ao próprio pensamento, mostrando que o pensamento amadurece no seu ritmo e precisa de ser cultivado com paciência e cuidado.”

TEMPO PARA a interculturalidade

Dar Tempo ao Mundo



A rede *European School Network (ESN)*, que reúne atualmente 24 escolas de 11 países europeus, convida as escolas participantes a promoverem intercâmbios, individuais ou em grupo, e projetos internacionais que visam estimular a partilha de experiências entre jovens europeus e fomentar o diálogo intercultural. Estas iniciativas proporcionam um contacto direto com o modo de vida, as tradições e a história dos diferentes países envolvidos.

As atividades promovidas pelas escolas envolvidas são variadas, abrangendo temas como arte, ciência, música, desporto ou percursos na natureza, entre outros. São dirigidas a alunos/as de diferentes faixas etárias, permitindo que cada um/a escolha o tema e o país que melhor se adequam aos seus interesses.

Destacamos de seguida os intercâmbios que decorreram no 2.º Período.

Semana de Debate sobre Inteligência Artificial

O aluno **Miguel Silveira** (10.º 2A) foi até à *ISTEK BELDE High School*, em Istambul, na Turquia, entre os dias 1 e 8 de março. O encontro reuniu alunos/as de várias escolas europeias. Durante a semana, os/as participantes debateram temas atuais como o papel da IA no combate às alterações climáticas, o impacto dos algoritmos na sociedade, a personalização da educação e a influência de assistentes digitais como *Siri* e *Alexa* no quotidiano. O programa incluiu visitas culturais a locais emblemáticos como a Hagia Sophia, a Mesquita Azul e o Grande Bazar de Istambul, além de atividades artísticas, momentos de convívio internacional e de descoberta da gastronomia turca.



ESN, Nordic Winter Activities

O aluno **Benjamin Kayat** (12.º 1B) viajou até Tampere, na Finlândia, entre os dias 10 e 14 de fevereiro. Este projeto, que reuniu jovens da Finlândia, França, Portugal e Países Baixos, promoveu o intercâmbio cultural, o trabalho em equipa e a partilha de experiências num ambiente internacional. Durante o programa, os/as participantes tiveram a oportunidade de experimentar várias atividades típicas de inverno na Finlândia, como patinagem no gelo, andar de trenó, esqui e até mergulhar num lago gelado seguido de sauna. Assistir a um jogo de hóquei no gelo, um dos desportos mais emblemáticos do país, também fez parte da experiência. O programa incluiu ainda uma visita guiada à cidade de Tampere e uma aula de língua finlandesa, onde os/as participantes puderam aprender algumas expressões básicas.



ESN, Robótica e Inteligência Artificial

As alunas **Matilde Nobre** (11.º 1C) e **Benedita Rodrigues** (11.º 1C) foram até à cidade de Amersfoort, nos Países Baixos, entre os dias 25 e 31 de janeiro. Durante o programa, promovido pelo *Corderius College*, as alunas tiveram a oportunidade de aprofundar conhecimentos nas áreas de Robótica e Inteligência Artificial, participando em *workshops*, desafios de programação e construção de robôs. Além das atividades académicas, o projeto proporcionou uma rica troca cultural entre estudantes de diferentes países (Turquia, Itália, Espanha, França, Hungria e Portugal), fortalecendo a cooperação e o desenvolvimento de competências essenciais para o futuro destes jovens.



TEMPO PARA partilhar

Pontes de História: Da Idade Média aos Descobrimentos, entre Nantes e Lisboa

Tiago Garrett Coordenador do Programa Erasmus+ e Professor de Português



No início de 2026, o Colégio Valsassina acolheu 20 alunos e alunas franceses do *Collège Sebastien sur Loire*, em Nantes, dando início à primeira fase do projeto “Erasmus+ Pontes de História: a Idade Média aos Descobrimentos”. Durante uma semana intensa, os nossos colegas franceses exploraram Lisboa, descobrindo o seu património histórico e artístico, e criaram laços de amizade com os/as alunos/as portugueses.

Uma Semana de Aprendizagem e de Descoberta

Desde o primeiro dia, com a receção pelas famílias e a entrega dos Diários de Bordo, até às visitas guiadas ao Castelo de São Jorge, à Sé Catedral e ao Mosteiro dos Jerónimos, cada momento foi planeado para combinar aprendizagem, experiência de campo e diversão. Excursões a Peniche, Óbidos, Alcobaça e a Aljubarrota, jogos medievais e oficinas criativas permitiram aos/às alunos/as mergulhar na História, compreender contextos culturais e desenvolver competências linguísticas e digitais.

Como resume um dos participantes, **Rodrigo Garcia**: “Esta primeira fase de intercâmbio foi de grande aprendizagem e de adaptação. As visitas guiadas, as atividades muito bem escolhidas e organizadas, a gestão do tempo e o acompanhamento excepcional dos professores fizeram desta experiência algo memorável.”

O projeto tem como objetivos promover o conhecimento histórico entre Portugal e França, conhecer e comparar a evolução das cidades de Lisboa e de Nantes, desde a Idade Média até à Modernidade, estimular o diálogo intercultural, fomentar a criatividade e a colaboração e desenvolver competências essenciais para a cidadania europeia.

Um Convite a Todos/as

Mais do que uma viagem de estudo, este intercâmbio é uma oportunidade para aprender de forma ativa, criar memórias únicas e construir pontes entre culturas. A primeira fase terminou com sorrisos, aprendizagens registadas nos Diários de Bordo e amizades que ultrapassam fronteiras. Em breve, já no fim deste 2.º Período, será a vez dos alunos portugueses viajarem a Nantes, continuando esta aventura de conhecimento, de intercâmbio e de descoberta.

Participar num programa Erasmus+ é descobrir o mundo, aprender em conjunto e preparar-se para ser um/a cidadão/ã europeu/eia com consciência global.

Embarca nesta aventura!



APRENDER ao longo do tempo

Em Bolonha, Aprende-se a Ensinar Melhor

José Rainho Professor de Informática e de Pensamento Computacional



No passado mês, tive a oportunidade de participar no curso *Promoting Creativity, Critical Thinking and Problem-Solving in the Classroom*, organizado pela *Erasmus Learning Academy* na cidade de Bolonha, em Itália. Ao longo de uma semana, professores/as vindos/as dos quatro cantos da Europa, da Grécia à Finlândia, reuniram-se para refletir sobre uma questão essencial: como preparar os/as alunos/as para um mundo em constante mudança, onde a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas são cada vez mais importantes.

Desde o primeiro momento, o ambiente do curso foi muito diferente do de uma formação tradicional. Em vez de longas apresentações teóricas, predominou uma abordagem prática, dinâmica e muitas vezes surpreendente. Participámos em desafios de pensamento criativo, jogos de resolução de problemas e atividades colaborativas que nos colocavam frequentemente na posição dos próprios alunos.

Entre exercícios para “pensar fora da caixa”, atividades visuais e debates sobre como estimular o pensamento crítico na sala de aula, fomos des-

coabrindo estratégias simples, mas muito eficazes, para promover uma aprendizagem mais ativa. Uma das ideias centrais do curso foi a urgência de criar momentos em que os/as alunos/as possam explorar, experimentar e refletir, em vez de se limitarem a memorizar conteúdos. Afinal, aprender verdadeiramente implica questionar, testar hipóteses e, muitas vezes, errar (e errar repetidamente!), algo que todos fizemos com entusiasmo durante o curso.

Como professor de Informática, estas aprendizagens têm uma aplicação particularmente direta nas minhas aulas, em todos os níveis que leciono, do 5.º ao 12.º ano. Em disciplinas ligadas à programação, à criação multimédia ou à resolução de problemas de pensamento computacional, incentivar os/as alunos/as a pensar de forma criativa e crítica é fundamental. Já testei em aula algumas das atividades experimentadas no curso e, para minha satisfação, tiveram uma excelente receção por parte das turmas. Descobri que pequenos desafios ou exercícios de pensamento divergente podem transformar completamente o ambiente de aprendizagem, tornando as aulas mais participativas e estimulantes.

Regressei ao Colégio Valsassina com a convicção de que a criatividade não é um dom, mas sim um músculo que pode (deve!) ser treinado, e de que a aplicação de pensamento crítico tem de estar permanentemente presente nas nossas metodologias. O objetivo passa agora por partilhar estas aprendizagens com os/as restantes colegas. Acredito que esta partilha é essencial para que o impacto da formação vá além da experiência individual e contribua para enriquecer as práticas pedagógicas de toda a comunidade educativa.

Num século em que as Tecnologias da Informação evoluem a um ritmo impressionante e em que ferramentas de IA começam a transformar a forma como aprendemos e trabalhamos, torna-se cada vez mais importante preparar os alunos e as alunas para pensar de forma autónoma, criativa e crítica. Investir na formação contínua dos/as professores/as é, por isso, fundamental para garantir a qualidade pedagógica do Colégio e para ajudar os/as nossos/as alunos/as a enfrentar com confiança os desafios do século XXI. Com inteligência artificial a ajudar, mas com a sua inteligência natural bem acordada e ativa.

Colégio Valsassina in Lisbon is truly a unique place. We did not expect such a warm and friendly welcome. Both teachers and students were incredibly open and kind. Our students quickly built new friendships and felt very comfortable in this inspiring environment. During our visit, we had the opportunity to exchange experiences and learn from one another, which we strongly believe will result in meaningful cooperation between our schools in the future. This mobility was not only an educational experience but also a valuable cultural exchange that broadened our perspectives. We are very grateful for the hospitality we received and we are delighted to invite our Portuguese partners to our school in Poland.

Natalia. Professora na escola polaca

As an English teacher, I would like to thank the school for their warm welcome and excellent cooperation during our Erasmus+ visit. Our group of eighteen students and three teachers felt very comfortable from the beginning. The students and teachers were open, friendly, and very interested in Polish culture, language and education. They made us feel like part of their community. I was especially impressed by the high level of English. As an English teacher, I can say that the students' communication skills were very strong and natural. This experience inspired our students to be more open and more confident in using English. It also motivated them to keep learning and improving. We are very grateful for this opportunity. It was a valuable and memorable experience for all of us. Thank you once again.

Barbara. Professora na escola polaca

Aprender com Tempo e em Diálogo com o Mundo: Intercâmbio Erasmus+ com a escola *Zespół Szkół Samorządowych w Sułkowicach – Łęgu*

Equipa Erasmus+

O Colégio Valsassina recebeu, entre os dias 16 e 19 de março, um grupo de 19 alunos/as da escola *Zespół Szkół Samorządowych w Sułkowicach – Łęgu*, de Sułkowice, na Polónia, no âmbito de um intercâmbio Erasmus+.

Ao longo de quatro dias, o Valsassina tornou-se num espaço vivo de encontro entre culturas, onde o tempo foi essencial para construir relações, partilhar experiências e aprender em conjunto.

A semana começou com uma visita guiada ao Colégio, dinamizada por alunos/as do 9.º ano, que proporcionou aos/às estudantes polacos/as um primeiro contacto com a Quinta Valsassina e com a dinâmica escolar. Seguiu-se uma aula aberta de línguas, envolvendo turmas do 6.º ano, onde portugueses/as e polacos/as trocaram expressões nas suas línguas, uma atividade marcada pela curiosidade, pelo entusiasmo e pela descoberta do Outro.

No segundo dia, alunos/as de ambas as nacionalidades apresentaram os seus países e cidades, partilhando aspetos culturais, tradições e referências identitárias. A manhã terminou com atividades desportivas, reforçando o espírito de equipa e a proximidade entre todos/as.

O programa prosseguiu com *flash debates*, nos quais grupos mistos de alunos/as debateram temas surpresa, promovendo o pensamento crítico, a argumentação e a comunicação em língua inglesa. No último dia, a atividade “mapas de arroz” desafiou os/as participantes a criar representações geográficas e emocionais, num exercício criativo que cruzou expressão artística e reflexão pessoal.

Este intercâmbio foi uma experiência vivida com tempo, tempo para ouvir, para comunicar, para experimentar e para criar. Entre palavras, gestos e partilhas, reforçou-se a importância do encontro e da construção de uma cidadania europeia assente no respeito, na empatia e na colaboração.



TEMPO PARA aprender com os sentidos

Viagem Cultural: Florença e Siena

Filipa Freitas e Mónica Silva Professoras de Português
Nancy Ribeiro e Sofia Caranova Professoras de Artes Visuais

Florença e Siena não são apenas cidades; são museus vivos. Os/as alunos/as do Ensino Secundário aceitaram o desafio de “ler” estas cidades, não através de manuais, mas através dos seus próprios sentidos. Com o sol como aliado, a viagem transformou-se numa coleção de imagens vibrantes e de reflexões profundas registadas em cadernos de viagem.

Ao longo de quatro dias, os/as alunos/as passearam pela emblemática *Ponte Vecchio*, apreciaram as magníficas pinturas renascentistas da *Galleria Uffizi* e descobriram a genialidade de Leonardo da Vinci, um dos maiores nomes da história da arte e da ciência. Houve ainda oportunidade de contemplar a imponente escultura *David*, de Michelangelo, uma obra-prima que impressionou pela sua grandiosidade e perfeição. Para além da riqueza artística e cultural, os/as nossos/as alunos/as degustaram as maravilhosas massas e pizzas italianas, que fizeram as delícias de todos/as e proporcionaram momentos de convívio e de partilha inesquecíveis. A viagem incluiu ainda uma visita à cidade de Siena, onde puderam passear pela magnífica *Piazza del Campo* e saborear os tradicionais *frittelle*, doces típicos que adoçaram ainda mais esta experiência.

Mais do que uma simples visita de estudo, a nossa recente viagem à Toscana foi um desafio aos sentidos e ao intelecto. Durante quatro dias, os/as alunos/as do Ensino Secundário trocaram as salas de aula pelas ruas de pedra e pelas galerias e museus. As visitas culturais foram acompanhadas por diferentes exercícios de reflexão, de escrita e de desenho que permitiriam um registo diário, introspetivo, mas também partilhado, da experiência vivida ao longo dos dias. Assim, num caderno de viagem, os/as alunos/as criaram uma ferramenta que pretendia não só registar a beleza do visto, da observação, da reprodução do observado, mas também o que estava para além do olhar, usando os outros sentidos, que tanto são despertados numa cidade como Florença ou Siena. Através de várias atividades propostas ao longo dos dias, umas relacionadas com as expectativas dos/as

“... a cultura,
quando vivida com
todos os sentidos,
deixa de ser matéria
de estudo para se
tornar parte da
identidade de cada
um/a.”

alunos/as no início e no final da viagem, outras com as visitas aos museus, galerias ou outras atividades culturais, os/as alunos/as abriram os seus cadernos e partilharam as suas experiências, os desenhos minuciosos dos mecanismos de Da Vinci e os textos poéticos que nasceram da observação silenciosa nas praças de Florença e Siena. Estes registos, carregados de emoção e de perspicácia, são o testemunho de que a cultura, quando vivida com todos os sentidos, deixa de ser matéria de estudo para se tornar parte da identidade de cada um/a.

A visita a Siena foi igualmente interessante, com uma arquitetura fenomenal, uma história riquíssima e uma praça cheia de vida onde eventos como corridas de cavalos com séculos de tradição ocorrem. Tivemos a sorte de ser presenteados com um tempo magnífico. A luz da Toscana, famosa por inspirar pintores há séculos, permitiu que os/as alunos/as captassem fotografias vibrantes. E um dos momentos que queremos destacar será certamente quando, no tempo livre, decidimos caminhar até ao miradouro da cidade para ver uma vista inesquecível ao pôr do sol.

Esta viagem memorável ofereceu-nos momentos de grande fascínio, de descoberta e de convívio. Proporcionando-nos um enriquecimento cultural quer pelos monumentos visitados, quer pelas atividades realizadas, textos ou desenhos, quer pelas aventuras linguísticas pelas ruas e lojas. Mas a viagem foi também um desafio constante – físico, pelo caminhar intenso, e mental, pela densidade cultural. No final desta jornada de quatro dias, a viagem não terminou com o desembarque, como salientam o testemunho de duas alunas:

Como alunas que experienciamos também as viagens culturais a Bilbao e a Madrid, gostaríamos de destacar o quão importantes estas viagens culturais são para o nosso crescimento, pelos momentos de liberdade e de descoberta autónoma onde o plano programado associa não só a visita a marcos importantes da cidade como também a tempos de união e de lazer para os/as alunos/as. Estas viagens são momentos de convívio entre os/as alunos/as de diferentes anos e entre os professores num ambiente fora da sala de aula.

Catarina Correia e Margarida Couto 12.º 4



TEMPO PARA aprender através das artes

Semana das Artes 2026

Departamento de Educação Visual, Educação Tecnológica e de Artes Visuais, do 2.º, 3.º Ciclos e Ensino Secundário

Descobrir tempo para pensar, experimentar e criar foi o mote para a Semana das Artes deste ano. Das artes visuais às performativas, passando pela música, pela dança, pelo desenho, pela pintura e até pela História da Arte, convidámos a comunidade Valsassina a celebrar a Arte como linguagem universal e componente essencial na formação integral dos nossos alunos e alunas. Procurámos criar espaços privilegiados de experimentação, de expressão pessoal e de encontro com o Outro, com momentos de apresentação e de partilha.



Um Artista, Uma Obra

As turmas do 7.º ano desenvolveram um projeto criativo centrado na exploração dos elementos fundamentais da linguagem visual – linha e ponto –, inspirando-se no Impressionismo de Claude Monet, no Expressionismo de Edvard Munch, ou no pós-impressionismo de Vincent van Gogh.

Com caneta e marcadores, trabalharam ritmo, densidade e expressividade.

Os trabalhos expostos surpreenderam não só a comunidade escolar, mas também os/as próprios/as alunos/as, que ficaram espantados com os resultados alcançados.

Conhecer um artista

No Jardim de Infância, os/as alunos/as foram convidados a conhecer um artista e a sua obra, as suas inspirações, as técnicas e cores mais usadas.

Os trabalhos de Yayoi Kusama, Nadir Afonso, Mondrian, Frida Khalo e Hans Hoffman foram explorados com curiosidade. Todos/as tentaram descobrir o que cada artista queria transmitir e que emoções provocava.

Depois, cada um/a procurou expressar ideias e sentimentos através das mesmas técnicas usadas pelos artistas. Foi uma semana muito rica e produtiva!



Exposição “Mandalas”

Os/as alunos/as do 6.º ano mergulharam no universo das Mandalas, explorando de forma prática a simetria radial e as relações entre a Educação Visual e a Matemática. Através deste projeto, os/as alunos/as aplicaram conceitos geométricos rigorosos para construir formas que se expandem a partir de um centro comum, criando harmonia e ritmo visual.



A “Roda das Artes” consistiu em cinco *workshops* de curta duração, dinâmicos e imersivos, concebidos para proporcionar aos/as alunos/as o contacto direto com práticas e profissionais de diferentes áreas artísticas. A iniciativa foi dinamizada pelas docentes **Margarida Basto** (Design Gráfico) e **Marta Magalhães** (Arquitetura), e contou com a participação dos convidados **João Lopes** (Film Editor e VFX Artist), **Carlos Pedro** (Ilustração e Banda Desenhada) e **Artur Ferreira** (Academia de Música – Bateria).

Os *workshops*, com duração de 20 minutos cada, decorreram em simultâneo, e os alunos participantes, das turmas 8.º B e C, e ainda do 10.º 4 e 11.º 4, circularam de mesa em mesa até completar quatro experiências distintas – uma verdadeira maratona artística.

Na mesa do Design, falou-se de organização visual e espacial, intenção e tomada de decisão. Os/as alunos/as verificaram como o posicionamento do texto influencia a leitura de um cartaz; e experienciaram a tipografia de forma prática, atribuindo significados diferentes à mesma frase, consoante o “estilo” da letra.

Na área do Cinema, ficou evidente que um filme de 60 segundos envolve uma complexa rede de profissionais, desde *Make-up Artist* até ao Diretor de Arte, com funções técnicas e/ou criativas muito diferentes. Os/as alunos/as ficaram a conhecer a profissão de *Film Editor* e *VFX Artist*, apresentada por João Lopes, e experimentaram criar uma narrativa através de quadros soltos pertencentes a um *shooting board*. Já no *workshop* de Carlos Pedro, os/as alunos/as exploraram o desenho do rosto, ficando a conhecer os cânones que orientam a construção de personagens para a Banda Desenhada.

No *workshop* de Arquitetura procurou-se mostrar, de forma prática, como o trabalho do arquiteto é multidisciplinar. Os/as alunos/as criaram um abrigo, sorteando um cliente, um lugar e um material que teriam de integrar no seu espaço.

Por sua vez, o *workshop* de percussão provou, de forma vibrante, que o ritmo é linguagem artística e expressão física – e que a arte também se constrói através do som e do corpo.

O envolvimento dos/as alunos/as foi notório nos vários *workshops*, patente na escuta atenta e na participação ativa. Tiveram a oportunidade de ver, ouvir e experimentar novas linguagens artísticas. Desmistificaram-se ideias pré-concebidas sobre opções profissionais no campo das artes, mostrando que a criatividade é plural, interdisciplinar e acessível.

A “Roda das Artes” cumpriu, assim, o seu propósito: fazer circular ideias, práticas e possibilidades – e deixar a arte rodar!



Atividade na Biblioteca: Passaporte da Arte

Durante a 6.ª Semana das Artes, os Livros de Arte saíram do seu lugar habitual e espalharam-se pelas estantes da Biblioteca. Coube aos/as alunos/as a missão de os encontrar e descobrir o que cada um tinha para mostrar. Seguindo uma sequência temporal, da Arte Rupestre à Arte Contemporânea, passando pela Arte Gótica, pelo Romantismo ou pela *Pop Art*, os/as alunos/as fizeram uma viagem por estes períodos, anotando os livros onde encontraram cada movimento artístico e uma obra da sua preferência. No final, como verdadeiros exploradores da arte, tiveram o seu passaporte carimbado de acordo com as descobertas realizadas ao longo desta viagem artística... sem sair da Biblioteca!



Tempo para a Música na Semana das Artes

A Semana das Artes celebrou talento, música e criatividade, com um programa diversificado que envolveu alunos/as de várias idades. A segunda-feira ficou marcada por dois momentos especiais. Os/as alunos/as do Jardim de Infância (5 anos) puderam assistir ao concerto “Palmo e Meio”, apresentado pela Polícia de Segurança Pública (PSP), numa atuação pensada para os mais pequenos, repleta de interação e de descoberta sonora.

No mesmo dia, o palco recebeu o entusiasmante Valsassina Got Talent, protagonizado pelos/as alunos/as do 2.º e do 3.º Ciclos. Entre música, dança e outras performances artísticas, os/as participantes demonstraram talento, coragem e espírito criativo, num ambiente de grande entusiasmo.

Na terça-feira, os/as alunos/as do 2.º ano assistiram ao concerto do Quinteto de Metais e Percussão da Banda da PSP, aprofundando o contacto com diferentes instrumentos e explorando novas sonoridades num momento pedagógico e inspirador.

Na quarta-feira, o Concerto da Semana das Artes começou com a atuação da antiga aluna Inês Santos, que apresentou a peça de dança *Sober*, numa interpretação sensível e expressiva. Ao longo da sessão, subiram ao palco vários/as alunos/as da Academia de Música do Colégio, demonstrando o trabalho desenvolvido ao longo do ano. O concerto culminou com uma atuação especial do Coro de Professores, que deu música e voz ao poema “Ser Poeta”, de Florbela Espanca, num momento intenso e artístico.

Na quinta-feira, os ritmos ganharam ainda mais força com o *workshop* de percussão dinamizado pelo professor de bateria Artur Ferreira. A atividade proporcionou uma experiência prática e envolvente, onde se explorou o ritmo, a coordenação e a expressividade musical.

Paralelamente, ao longo da semana, realizaram-se aulas abertas de Expressão Musical no 1.º e no 3.º anos, lecionadas pela professora Teresa da Silva. Estas sessões permitiram dar a conhecer às famílias e à comunidade educativa o trabalho desenvolvido em contexto de sala de aula, reforçando a importância da educação artística no percurso formativo dos/as alunos/as.



Exposição “Diálogos com Armanda Passos”

Inspirados pelas suas figuras marcantes da obra de Armanda Passos e pelo seu olhar sonhador, os alunos e alunas do 5.º ano exploraram os elementos da linguagem visual para criar pontes entre o real e o imaginário, através de grafismos, pontos, linhas e tramas.



A exposição “Vestígios de Outros Tempos” apresenta o resultado de um projeto multidisciplinar desenvolvido pelo 5.º ano.

Em História e Geografia de Portugal investigaram-se os primeiros povos que habitaram a Península Ibérica. Em Educação Visual, criaram-se “Cadernos de Arqueólogo”, onde cada um/a registou as suas descobertas.

Na disciplina de Educação Tecnológica, materializaram-se as investigações com a criação de esculturas em massa de modelar: escudos visigodos, espadas romanas, lanças das comunidades caçadoras-recoletoras, pulseiras celtas, ânforas gregas e até uma foice das comunidades agro-pastoris! Porém, cada objeto exposto representa mais do que o seu referente histórico, revela o processo de pesquisa e de compreensão do contexto a que este pertence.

Ao articular várias disciplinas, as aprendizagens mobilizaram diferentes dimensões, como a escrita, a perceção visual e a tridimensional, o conhecimento histórico, o que resultou numa investigação mais aprofundada e transversal.

Performance de dança *Sober*

Porque a Dança também tem lugar na Semana das Artes, recebemos com entusiasmo a antiga aluna do Colégio Inês Santos, que partilhou connosco a sua performance de dança contemporânea intitulada *Sober*. Depois da atuação, houve tempo para um diálogo aberto e inspirador sobre a relação profunda entre o corpo e a dança, aproveitando para desmistificar estereótipos sobre o corpo no mundo do espetáculo.



As alunas do 11.º ano de artes visuais lançaram um desafio 3D ao 6.º D. O desafio consistia em criar uma história coletiva utilizando apenas desenho. Cada grupo recebeu quatro cartas com elementos diferentes: personagem, ambiente, material e desafio. A partir dessa combinação inesperada, os/as alunos/as tiveram de imaginar uma narrativa e representá-la visualmente num cartaz de grandes dimensões.

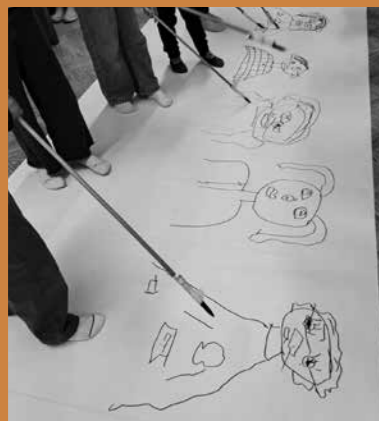
As alunas do Secundário apoiaram o processo, ajudando na organização visual das ideias, na composição do cartaz e na exploração de diferentes formas de representação.

O resultado foi uma série de cartazes cheios de cor, personagens originais e histórias surpreendentes, demonstrando como o desenho pode funcionar como linguagem narrativa universal. Além de estimular a criatividade, a atividade promoveu a partilha de ideias e a confiança na expressão artística. Entre traços e cores, a história ganha vida.



O Tempo das Artes no 1.º Ciclo

Sofia Campaniço, Rita Coelho e Teresa Valsassina Professoras de Expressão Plástica



Ao longo da Semana das Artes, o 1.º Ciclo participou em diversas atividades de Expressão Plástica que evidenciaram a arte como espaço de descoberta, de relação com o Outro e de experimentação, onde o gesto, o material e o olhar se articularam na construção de experiências significativas.

As atividades desenvolvidas integraram a pintura de retrato em vidro acrílico com monotípia, o desenho de retrato com cana e a tecelagem com tiras de tecido e trapilho.

Na pintura em vidro acrílico, os/as alunos/as do 4.º ano realizaram retratos de colegas sobre uma superfície transparente, que posteriormente foram impressos em papel através da técnica de monotípia, explorando a inversão da imagem, a relação entre positivo e negativo e o caráter único de cada exemplar. A atividade exigiu atenção ao detalhe, observação cuidada da identidade do outro e compreensão da ordem das camadas, promovendo simultaneamente coordenação motora, antecipação do resultado e colaboração entre pares. O momento da impressão revelou-se particularmente significativo, pela surpresa e singularidade da imagem transferida.

O desenho com cana proporcionou aos/as alunos/as do 1.º e 2.º anos uma abordagem mais corporal e gestual ao retrato. Ao fixar a caneta de feltro na extremidade de uma vara, ampliou-se o movimento do braço, envolvendo todo o corpo no ato de desenhar. O traço tornou-se mais solto, expressivo e espontâneo, favorecendo a experimentação e a aceitação da imprevisibilidade. Esta proposta reforçou a consciência corporal, a concentração e a observação direta do colega que posava, transformando o desenho num exercício de encontro e atenção mútua.

Na tecelagem, realizada num suporte de prumos verticais, as turmas do 3.º ano entrelaçaram tiras de tecido e trapilho, explorando ritmo, cor, textura e estrutura. O gesto repetitivo de passar e ajustar as tiras desenvolveu a motricidade fina, a persistência e o raciocínio espacial, ao mesmo tempo que evidenciou a construção progressiva de uma superfície a partir da interligação de elementos. A reutilização de materiais trouxe também uma dimensão sustentável à atividade, associando criação artística e consciência ecológica.

No bar do Colégio estiveram expostas as composições de “paisagem em continuidade”, inspiradas em quatro obras de David Hockney. Cada aluno/a recebeu um fragmento de uma obra como ponto de partida. O desafio consistiu em dar continuidade à imagem, através da pintura a guache, mantendo a ligação visual ao excerto inicial e acrescentando uma interpretação pessoal.



“Introduzir a utilização da fita métrica na infância transforma a curiosidade natural em raciocínio lógico...”



Mãos à Obra: Dimensionar o presente

Mafalda Simas Professora de Artes Visuais

Tendo como mote o tema do ano *Descobrir (o) Tempo*, os alunos e alunas do 5.º ano exploraram o tempo de aprender de uma forma prática e colaborativa. As turmas foram desafiadas a abrandar o ritmo, a observar com atenção e a aplicar o rigor da geometria num contexto real e prático, através da atividade de medição dos espaços e do mobiliário das salas de artes visuais – salas 8 e 24.

Introduzir a utilização da fita métrica na infância transforma a curiosidade natural em raciocínio lógico, pois medir ajuda a converter conceitos vagos como “grande” ou “pequeno” em dados concretos. Ao esticar uma fita, a criança começa a compreender noções de proporção e de escala, estabelece relações entre objetos de acordo com a sua ordem de grandeza e reconhece que cada objeto ocupa espaço ao seu redor. É o primeiro passo para o desenvolvimento da literacia matemática e da visão espacial, competências essenciais em múltiplas áreas profissionais.

Munidos de fita métrica e de espírito crítico, os/as alunos/as exploraram conceitos fundamentais como estimativa e precisão. Fizeram estimativas, procurando antecipar as dimensões dos objetos e espaços para depois verificarem as suas hipóteses com recurso ao instrumento de medida. Trabalharam a precisão ao compreender a importância da medição ao milímetro ou ao centímetro.

Aprender a medir ensina paciência e rigor. A criança descobre que, se a fita estiver torta ou se não começar no ponto zero, o resultado será diferente. Este processo, necessariamente repetitivo e metódico, leva-a a construir um método de trabalho rigoroso e crítico e a adotar estratégias para verificar e validar as suas medições. O exercício de medição não se esgota em si próprio, mas é uma ferramenta para a compreensão dos ambientes e objetos que existem à nossa volta e um requisito para que possamos intervir nos contextos que habitamos. Como podemos remodelar o nosso quarto, se não sabemos que dimensões tem? Como saberemos se a secretária irá caber naquele espaço? Ou se a estante irá passar na porta?

Em suma, a atividade de medição com a fita métrica revelou-se uma ferramenta pedagógica essencial. Ao transformar conceitos abstratos de comprimento e de largura em experiências táteis, os/as alunos/as desenvolvem não só o raciocínio matemático e a literacia numérica, mas também a noção espacial e a precisão, competências fundamentais para a sua autonomia.

Eu achei o trabalho de fazer a planta da sala de Educação Visual muito empolgante, pois é importante sabermos medir e fazer esboços. **Manuel Gil 5.ºD**

Eu adorei medir a sala 24 e o mobiliário. Fazer o esboço foi importante para identificarmos a posição dos objetos na sala. Foi relativamente fácil e muito divertido. **Tomás Ribeiro 5.ºD**

TEMPO vivido em conjunto

Fios do Tempo: Entre linhas e lembranças

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

“Fios do Tempo: Entre linhas e lembranças” é um projeto de exploração da costura manual enquanto prática artística, reflexiva e afetiva, desenvolvido pelas alunas da turma 12.º 4 (Curso de Artes Visuais). Partindo de fotografias, algumas de avós ou de bisavós, o projeto propõe um diálogo entre fotografia, memória e gesto. O elemento gráfico linha domina a construção dos desenhos. A linha de costura de lã ou algodão e o tecido são usados como meios de preservação de lembranças pessoais e familiares.

As fotografias escolhidas pelas alunas serviram como ponto de partida para a criação de trabalhos de costura manual que reinterpretam rostos, expressões e traços do passado. Ao transpor a imagem fotográfica para o tecido de pano cru, cada aluna estabelece uma relação íntima com a memória representada, transformando-a através do tempo lento da costura e do gesto repetido da mão.

Num quotidiano marcado pela velocidade, pela urgência e pela produção imediata, este projeto surge como um gesto de resistência. Costurar exige pausa. Implica abrandar o corpo e a mente, aceitar o erro, repetir, desfazer e refazer.

As imagens costuradas no pano cru, rostos, contornos e traços simples, por vezes imperfeitos, revelam não apenas figuras, mas também histórias pessoais e fragmentos de identidade. “Eu escolhi uma fotografia da minha bisavó e adicionei a frase – Uma paixão em comum – porque o gosto da costurar na minha família é já uma tradição”, comenta Catarina Correia. Cada trabalho das alunas reflete um percurso individual, construído com atenção, sensibilidade e intenção. Este é, igualmente, um processo coletivo. Partilham-se linhas, técnicas, dúvidas e silêncios. A costura transforma-se num lugar de encontro, entre alunas, entre ideias, entre passado e presente, onde a aprendizagem acontece através da observação, da partilha e do tempo vivido em conjunto.



Processo de trabalho da aluna Margarida Couto

“Em oposição à lógica acelerada que domina o quotidiano, aqui o erro não é descartado, o tempo não é desperdiçado e o processo assume a mesma importância que a obra concluída.”

O projeto valoriza a aprendizagem demorada, aquela que não se mede apenas pelo resultado final, mas sobretudo pelo percurso realizado. Em oposição à lógica acelerada que domina o quotidiano, aqui o erro não é descartado, o tempo não é desperdiçado e o processo assume a mesma importância que a obra concluída.

No âmbito da Semana das Artes, as alunas foram surpreendidas com uma aula diferente. Uma aula que decorreu na sala do piano, na Casa-Mãe da Quinta, outrora residência da família Valsassina, num ambiente único e acolhedor.

No fim da experiência, cada uma das alunas de artes descreveu-a numa palavra que transmitisse o momento vivido: acolhedor, casa, conforto, convívio, família, retorno e memórias. Mais do que reproduzir fotografias, explorando a técnica de costura manual, este projeto procura preservar histórias, dar corpo às lembranças e criar um lugar de encontro entre passado e presente. Linha a linha, cada aluna explora a costura como linguagem artística.



Desenvolvimento do trabalho em aula

“A costura transforma-se num lugar de encontro – entre alunas, entre ideias, entre passado e presente – onde a aprendizagem acontece através da observação, da partilha e do tempo vivido em conjunto.”

Num trabalho já inovador, onde agulha e linha trabalham em conjunto com o desenho, fiquei surpresa pelo momento que nos foi proporcionado pela Professora. Ansiosas pelo que vinha aí eu e as minhas colegas fomos guiadas até um lugar desconhecido para mim: a casa-Mãe da Quinta das Teresinhas. Um ambiente acolhedor, marcado pela tradição que me fez recuar a tempos antigos e distantes, onde mulheres, como nós, se reuniam para coser e remendar peças de roupa, toalhas de mesa e afins. Quer o chá, quer as almofadas confortáveis, quer a conversa descontraída, adicionaram em muito a este trabalho que descrevo como dos mais prazerosos de executar e dos mais inovadores.

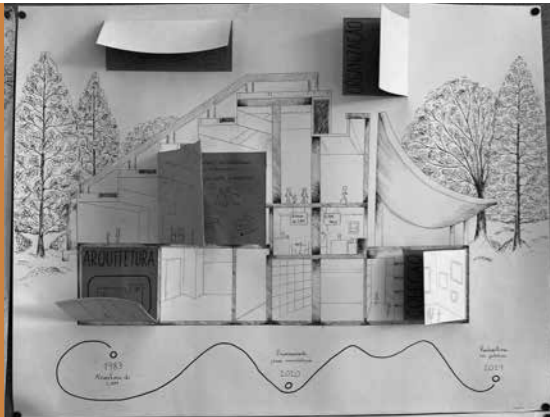
Margarida Couto 12.º 4

TEMPO PARA Pensar o Museu, Criar uma História

aprender no museu

Marta Magalhães da Silva Professora de Oficina de Artes
Joana Valsassina Curadora de Arte Contemporânea

O artigo publicado na edição anterior da Gazeta sobre o projeto “O museu no tempo, o tempo no museu” anunciava o desejo de levar as alunas de Oficina de Artes a explorar o universo dos museus. De facto, se contamos entre os objetivos da disciplina o conhecimento de diferentes manifestações artísticas, a promoção do respeito pela diversidade cultural e a interpretação das múltiplas respostas que a arte pode dar às questões da contemporaneidade, o museu é, então, um lugar a conhecer para atingirmos estes propósitos. Mais do que o visitar, o que pretendemos com este projeto é explorar o museu enquanto território de trabalho: de questionamento, de investigação, de apresentação e também de criação.



1

Conhecer o museu

Na primeira etapa do projeto, as alunas puderam escolher o museu sobre o qual queriam trabalhar. Entre o Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian, o Museu do Design (MUDE) e a Casa Fernando Pessoa, procurámos que estas opções abrissem horizontes sobre diferentes tipos de museus. As escolhas das alunas recaíram sobre o CAM e o MUDE e aí começou a sua investigação sobre os seus propósitos, coleções, estruturas organizacionais, formas de expor, públicos-alvo... Durante esta fase de pesquisa, as alunas estabeleceram contato com os serviços educativos dos respetivos museus e entrevistaram autonomamente elementos das suas equipas. A partir da informação recolhida, criaram cartazes-resumo, desenvolvendo assim competências de síntese e hierarquização de ideias e de comunicação gráfica e oral.

Cartaz-resumo da pesquisa sobre o MUDE, da autoria de Sofia Briosa



2

Pensar uma visita

Visitar uma exposição num visita-guiada é participar do olhar de quem nos guia pelas peças de uma exposição. Quer se trate de uma abordagem mais diretiva ou mais aberta à subjetividade da interpretação de cada, numa visita guiada surgem sempre leituras inesperadas, novas formas de ver, questões nas quais não teríamos pensado, relações invisíveis que se revelam.

No final de uma visita guiada poderá surgir a pergunta: haveria outra forma de olhar para as peças da exposição? Certamente que sim. Cada visita é uma perspetiva única sobre tudo o que os objetos nos podem contar, nos podem fazer lembrar e até questionar.

Nesta fase do projeto, as alunas criaram a sua própria visita guiada a uma exposição patente nos museus que estudaram.

As alunas Margarida Couto (à esq.) e Sofia Amaral (à dir.) apresentam peças da exposição *Para que servem as coisas?*



3

Criar uma peça

O projeto culminou com a criação de uma peça que possa integrar a visita concebida na fase anterior. A partir dos conceitos agregadores que estruturaram a visita-guiada proposta, as alunas conceberam uma nova criação relacionada com as obras selecionadas anteriormente.

Nesta fase procurou-se explorar a multimodalidade tão característica da disciplina de Oficina de Artes, oferecendo às alunas total liberdade na escolha das técnicas, materiais, e escalas a trabalhar, como oportunidade de explorar áreas de maior interesse dentro do campo artístico – pintura, escultura, vídeo, design, instalação, etc. Assim, desde a primeira ideia conceptual até à apresentação da peça final, as alunas tem atravessado as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto criativo, convocando saberes transversais e aplicando conhecimentos adquiridos ao longo de todo o seu percurso artístico no Ensino Secundário.

Investigar, interpretar, comunicar, criar e apresentar são competências essenciais na atividade artística, em qualquer dos seus domínios. O projeto “Pensar o Museu, Criar uma História” procurou explorar o museu enquanto território de aprendizagem, criação e ligação entre arte e sociedade.

Execução das peças para integrarem as visitas temáticas



Escolheram três peças expostas, investigaram sobre as obras e os seus autores, e exploraram o que as unia ou separava. Definiram um percurso a partir de um conceito para a visita-guiada, construindo um discurso ora mais expositivo e informativo ora questionador e interativo com o seu público. No final desta etapa visitámos as exposições sobre as quais trabalhamos – *Habitar a contradição*, de Carlos Bunga (CAM), *Xerazade* (CAM) e *Para que servem as coisas?* (MUDE) – tendo como mediadoras as próprias alunas.

Diante da complexidade desta tarefa, as alunas superaram obstáculos associados à exposição oral fora do ambiente de aula, apresentando o seu trabalho no espaço do museu e guiando a turma pelas obras estudadas.

Legenda da imagem inicial do artigo: Cartaz-resumo da pesquisa sobre o CAM, da autoria de Catarina Correia

Visita guiada da aluna Margarida Silva à exposição *Habitar a Contradição*, de Carlos Bunga



O projeto permitiu-nos trabalhar em ambientes fora da nossa zona de conforto. Como ponto positivo destaco a oportunidade de explorar diferentes áreas do saber nas artes.

Margarida Couto

Este projeto foi dos projetos mais desafiantes que já fiz, pelas várias fases que integrou. Considero que foi uma experiência muito enriquecedora, tirando-nos da nossa zona de conforto e mostrando como é que é a realidade do mundo artístico. Diria que a fase 2 – apresentação no museu – foi o momento mais diferenciador do projeto e foi, sem dúvida, a minha fase favorita do trabalho.

Catarina Correia

Gostei muito da fase 2 do projeto, a apresentação no museu. Terms a oportunidade de fazer uma apresentação oral no local onde estão as obras de arte sobre as quais trabalhamos, em vez de o fazer em sala de aula com um *Powerpoint*, é algo que me deixa muito grata.

Margarida Silva

Entrevista a Susana Mendes Silva

Madalena Cunha e Vasco Isidoro 12.º 1A

No âmbito da Semana das Artes, recebemos no Colégio a artista e professora Susana Mendes Silva que dinamizou a conferência-performance *Como silenciar uma poeta?*. A sessão dirigiu-se à turma 12.º1A e abordou o tempo circular, as relações entre passado, presente e futuro, ligando personagens tão distintas como a poeta Judith Teixeira e Bad Bunny. Através deles, conversámos e pensamos em conjunto sobre liberdade, direitos, corpo. Os alunos Vasco Isidoro e Madalena Cunha aproveitaram a oportunidade para entrevistar a artista, procurando saber mais sobre o seu trabalho e a relação da sua obra com o tempo.

A que se deve a escolha do título *Como silenciar uma poeta?* para este trabalho sobre Judith Teixeira?

Este título refere-se literalmente ao modo como Judith Teixeira, enquanto criadora e poeta, foi silenciada pelas forças da extrema-direita na década de 1920.

De que forma é que essa repressão influenciou o percurso literário de Judith Teixeira e o seu apagamento da história durante tantos anos? Como é que foi para si descobrir esta realidade?

Em 1923, Judith Teixeira publica o livro *Decadência*, que foi queimado, e volta depois a publicar [outros livros] em 26 e 27. Depois disso nunca mais publicou nada. Ainda volta a Portugal, tem um pequeno antiquário em Campo de Ourique e depois falece. E ninguém sabe onde é que ela viveu durante estes anos em que esteve fora. O preço que a Judith pagou pela sua liberdade criativa foi alto.

Para mim, esta descoberta foi um acaso, uma circunstância. Convidaram-me para fazer esta exposição no âmbito de um programa chamado “As coisas fundadas no silêncio” com curadoria da Marta Rena. Eram vários artistas de diferentes áreas e o espaço que me foi dado era uma sala no museu do Chiado. A Marta pensou em algumas obras minhas anteriores sobre mulheres menos conhecidas, mas eu disse: “Eu preferia fazer algo novo para aqui, mas ainda não sei bem o quê.” Às tantas encontro um livro sobre a censura literária em Portugal que começa logo com o caso da Judith Teixeira, com o episódio da “literatura de Sodoma” em que o livro de uma mulher foi queimado. Na escola só tinha estudado que o caso tinha envolvido dois autores homens. Então, pensei: “já sei o que quero fazer, quero trazer novamente esta poeta aqui para este sítio”.

A performance a que assistimos tem naturalmente um carácter duracional que lhe é intrínseco e revela também um longo trabalho de investigação sobre a poeta Judith Teixeira. Como é que o tempo (da investigação, da concepção e da performance), marca a sua prática artística?

“As ideias e as formas levam o seu tempo a germinar. Por vezes passam anos desde que algo nos desperta a atenção até isso surgir numa obra nossa mostrada ao público.”

O tempo é, para mim, o bem mais valioso enquanto artista porque também dou aulas na Universidade de Évora e tenho participado ativamente na AAVP - Associação de Artistas Visuais em Portugal. A pesquisa artística exige um tempo especial para a descoberta e, por vezes, até parece que não estamos a fazer nada! As ideias e as formas levam o seu tempo a germinar. Por vezes passam anos desde que algo nos desperta a atenção até isso surgir numa obra nossa mostrada ao público.

Como silenciar uma poeta? parte de um regresso ao passado, na medida em que aborda uma personagem que viveu há cem anos, contudo na sessão organizada aqui no Colégio teve uma série de paralelos com o presente. Que relevância encontra neste olhar sobre o passado e que pistas nos pode dar sobre o presente e o futuro?

Na sessão abordámos a questão do “tempo circular” fazendo uma ponte inesperada entre a Judith Teixeira e o Bad Bunny, porque é muito interessante pensar sobre como é que as coisas aconteceram e acontecem hoje e como é que afetam as pessoas que viveram, que vivem e que viverão depois de nós. O mundo parece empurrar-nos para ciclos que promovem as liberdades dos seres humanos, seguidos de ciclos repressivos e regressivos. Sem conhecimento histórico não conseguimos pensar num futuro melhor.

O seu trabalho desenvolve-se em grande medida a partir da criação de encontros e esta conferência-performance foi também uma oportunidade para discutir ideias e partilhar pontos de vista. O que é que procura com estas performances?

Muitas vezes é criar aquilo que fizemos aqui, ou seja, criar espaços democráticos, espaços em que pode haver diálogo e em que podemos pensar as coisas de uma forma diferente. Sinto que as pessoas têm tendência a interromperem-se umas às outras. Em vez de fazermos afirmações, se calhar era mais útil fazermos perguntas e, através de pergunta-resposta, começarmos a pensar em conjunto. E mesmo que os outros não pensem o mesmo que nós, aprendemos a respeitar e a entender a opinião do outro.

O que procuro na minha atividade como artista e como professora é promover essas práticas mais democráticas, mais de cultura de debate, mais de questionamento... Eu costumo dizer aos meus alunos: a pergunta mais importante de todas é “Porquê?”. Muitas vezes, as pessoas estão a defender uma ideia e não foram bem ao fundo da questão,



não investigaram nada. O que me interessa mais, na verdade, é defender os espaços de liberdade e a ideia de liberdade.

No seu percurso artístico, que momentos destaca como mais marcantes?

É difícil dizer porque os momentos que destaco como mais marcantes talvez não sejam os mais visíveis publicamente, mas antes aqueles em que, de alguma forma, fiz com que alguém, ou uma comunidade, olhasse para si de outra forma, que fizesse perguntas que nunca tinha feito, que pensasse em coisas que ainda não tinha visto daquela perspetiva. São esses momentos que guardo sempre com mais carinho.

Neste ano em que estamos a descobrir o tempo, que conselhos deixa aos nossos alunos e alunas para viverem o tempo presente e prepararem o futuro?

Penso que o mais importante é desenvolverem o vosso pensamento crítico. É bom pensar sempre no “porquê” das coisas. E julgo que também é fundamental para hoje e para o futuro desenvolverem a colaboração e a empatia. Juntas/os somos mais resilientes.

TEMPO PARA comunicar ideias

School Public Speaking: From speeches to debates

María Inês Almeida e Maria João Godinho Professoras de Inglês

Tradicionalmente, no Colégio Valsassina, o ensino do Inglês no 11.º ano é marcado por um momento de expressão oral pública. Durante anos, os/as alunos/as foram desafiados a discursar individualmente perante os seus pares sobre tópicos à sua escolha considerados controversos pela maioria. Contudo, começando no ano letivo passado, esta prática evoluiu para um novo formato: o debate. Este tem sido adotado em sala de aula não só como ferramenta para o desenvolvimento das competências linguísticas do grupo, mas também como um exercício promotor do de-

envolvimento do pensamento crítico, das capacidades de pesquisa, do respeito por opiniões divergentes e de uma reflexão informada sobre questões complexas. De facto, para além de defenderem uma posição, os/as alunos/as passaram também a responder a argumentos contrários, a questionar diferentes perspetivas e a construir raciocínios de forma mais dinâmica e colaborativa. Nas linhas que se seguem, apresentamos um excerto de um *opening statements* realizado em sala de aula, dando a conhecer as ideias e os argumentos partilhados pelos/as alunos/as.

Motion: Should gun ownership be legal?

Matilde Ricardo, Miguel Almeida, Mariana Silva 11.º 2

Good morning, ladies and gentlemen, moderator and fellow debaters. Imagine a world where every disagreement, every moment of anger, could end with the pull of a trigger. That world isn't fiction, it's the reality we risk when the possession of firearms becomes legal and widespread. Are we solving violence or simply legalizing it?

We represent the opposition and stand firmly against the legalization of gun ownership. Our team is composed of 3 members: myself, Matilde Ricardo, who will be giving the opening statement and first argument, Mariana Silva who will be giving the second argument and finally Miguel Almeida who will be giving the last argument.

The arguments we will present are:

1. the serious risk to public safety and social policy that gun ownership creates;
2. the high number of tragic accidents involving children, as well as the rise in domestic violence and suicide rates linked to gun access;
3. and finally, the circulation of weapons contributes directly to higher death rates, armed conflicts, and the global arms trade.

Countries that allow legal gun ownership have significantly higher firearm-related death rates than countries where guns are illegal or tightly controlled. We conducted a study to prove that countries with legal gun ownership have a higher rate of firearm-related deaths than countries with illegal gun ownership. We can also state that each country's development will influence these statistics.

First, we compared the United States and Japan to prove

that the rate of death by firearms in countries where the law allows legal gun ownership is higher than in countries where firearms are illegal. Compared to other countries, in the United States, for every million people aged 1 to 19, there are 36.4 deaths by firearm, compared to Japan, where the rate is 0.3 deaths by firearm in the same age group.

According to a 2022 report, in the USA a total of 48,204 people died from firearm injuries, including suicides, homicides, and accidental deaths. In the country, 54% of adults or their families have experienced a firearm accident. 21% have been threatened with firearms, 19% have family members who have been killed by firearms, 17% have witnessed a shooting, 4% have used a firearm for their own defense, and 4% have been injured by a firearm. In the United States, the firearm mortality rate is 11.4 times higher than in 29 high-income countries, making this an especially American problem. Although the US accounts for only 31% of the total population of the 29 countries studied, it is responsible for 83.7% of all firearm-related deaths in those countries.

Japan is now one of the safest countries in the world in terms of firearm use, with extremely low rates of gun violence. In 2014, for example, there were only six deaths by firearm recorded in the entire country, in contrast to the 33,599 recorded in the United States during the same period. This result is the fruit of a strict control system, officially created in 1958, but based on traditions that had already limited the circulation of weapons long before. To legally obtain a weapon, applicants must take a full-day

course, pass a written exam and demonstrate high accuracy in a shooting test, where a minimum of 95% accuracy is required. In addition, psychological and drug tests are conducted, as well as a thorough investigation of criminal records.

Japanese law severely restricts the types of weapons allowed – only air guns and hunting rifles – and also controls ammunition, which can only be purchased when the user returns the used cartridges. The few shops authorized to sell weapons are also monitored; in some areas, there are only three establishments with permission to do so. Even after purchasing, the weapon must be kept locked away and the police carry out annual inspections to check its condition and storage. The licence is valid for three years, and renewal requires repeating the entire training process.

In addition to strict rules, there is a strong cultural component that reinforces safety: the Japanese population does not see gun ownership as a fundamental right and, therefore, there is little support for policies to relax restrictions. Even the police themselves hardly ever fire their weapons – in 2015, for example, only six shots were fired by officers across the country. Consequently, the combination of strict legislation, rigorous enforcement, and a culture that discourages the use of weapons explains why Japan has virtually eliminated gun violence. (...)

O Contributo do Debate para a Formação Integral dos Alunos

Daniela Morais Coordenadora da Equipa de Debate do Colégio Valsassina

Muitos dos debates que atravessam hoje o nosso espaço público são curiosos. Por vezes eles resvalam para a agressão. Deixamos de discutir ideias para atacar pessoas. A necessidade de ter razão, de ganhar a todo o custo, atropela os deveres do civismo que é uma das razões de estarmos aqui. Os debates deveriam servir para criarmos colectivamente conceitos produtivos, criarmos ideias que sejam construtoras.

Mia Couto, *Pensatempos*

Podemos afirmar que, com o nascimento da democracia como sistema político, nasce, simultaneamente, o culto do debate como meio de formação do indivíduo e engrandecimento do cidadão. A retórica ou arte de bem falar (*gr. Rhētorikē*) é, assim, desde a sua génese, invariavelmente associada a um tipo de sociedade mais desenvolvida, mais civilizada, na medida em que é constituída por um tipo distinto de indivíduo – aquele que participa na vida pública, que contribui para o desenvolvimento da sociedade, que debate ideias capazes de alterar a forma como o mundo é. Esta crença inabalável no poder das palavras é constitutiva da cultura helénica. Com os gregos aprendemos que o debate é fundamental para desenvolver competências dialéticas, de argumentação e de persuasão.

No entanto, é curioso que da mesma época de proliferação do pensamento, nos tenham chegado duas visões diferentes do ato de debater: por um lado, o método socrático, aporético, que visa encontrar a verdade através de um processo de troca de ideias, numa teia que deve levar o adversário a tomar consciência da sua própria ignorância. Desta forma, o ato comunicativo é, deliberadamente, orquestrado de forma a alcançar um fim superior – o conhecimento verdadeiro. Por outro lado, os sofistas desafiavam esta conceção, propondo uma visão diferente do ato dialético, que deve renunciar às exigências da superação sensível face ao conhecimento das ideias e focar-se na sua utilidade prática. O diálogo argumentativo tem, assim, como objetivo a persuasão, conferindo ao debate um valor intrinsecamente político, onde sai vitorioso aquele que, por meio de um discurso articulado e eloquente, é capaz de convencer os outros que as suas ideias são as melhores.

Surge, então, a seguinte questão: deve o debate orientar-se para o conhecimento da verdade ou ser um veículo de poderio da palavra enquanto técnica de persuasão?



A importância do Debate Escolar

No espaço escolar o debate adquire uma importância fulcral. O objetivo do ato educativo é o desenvolvimento integral do aluno, que não é mais concebido como um mero depositário de um conhecimento fechado e definitivo, mas sim como um agente de mudança, capaz de transformar a informação recebida através de um ato de criatividade intelectual. Desta forma, torna-se fundamental pensar o debate como um meio de proliferação de saberes. O aluno que debate um tema, não só aprofunda o seu conhecimento sobre a problemática em discussão, mas também desenvolve uma maior plasticidade mental, na medida em que é desafiado a transitar entre posições distintas, frequentemente antagónicas e, por isso, aparentemente, impossíveis de conciliar. Ora, acreditamos que esta exigência cognitiva é decisiva para desenvolver nos jovens a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender que a diferença de concepções é fulcral num mundo plural, onde impera o espírito crítico e a liberdade de expressão, mas também o respeito pela diferença, a compreensão mútua de um espaço coletivo que se partilha e, talvez mais importante ainda, a possibilidade de unir esforços para o bem-comum, aquele que não separa, nem discrimina, antes une e inclui.

Assim sendo, seria imprudente reduzir o debate a um mero instrumento de persuasão destinado exclusivamente a garantir a vitória numa discussão. Não se trata de vencer, nem de ter poder sobre o adversário. Trata-se, acima de tudo, da formação do indivíduo como cidadão, capaz de pensar criticamente e agir na esfera pública. Desta forma, promover o exercício argumentativo no espaço escolar constitui um passo decisivo para o desenvolvimento pessoal, cognitivo e ético dos jovens, que, juntos, podem contribuir de forma crítica e responsável para a construção de uma sociedade plural e democrática.



Do Improvável à Vitória: A minha jornada no Torneio Nacional de Debate

Recentemente, tive o privilégio de representar o nosso Colégio no Torneio Nacional de Debate, em Coimbra, organizado pela Associação de Estudantes do Ensino Privado (AEEP). O que começou como uma simples candidatura ao clube de debate (motivada pela curiosidade de participar num torneio) tornou-se numa das melhores decisões que já tomei.

Quando os debates começaram, os nervos estavam à flor da pele. Mas, a cada ronda, fomos crescendo. Ganhámos confiança. Tornámo-nos mais coesos, mais fortes enquanto equipa. Contra todas as expectativas, inclusive as nossas, chegámos à final. E vencemos.

Esta vitória não foi apenas um troféu. Pessoalmente, foi a prova de que a confiança se constrói, que o espírito de equipa supera inseguranças e que, às vezes, as melhores decisões são aquelas que parecem pequenas no momento.

Mateus Silva 11.º 1A

Debater é uma arte que ilumina o espírito de qualquer um que a pratique. O sentimento de conseguir refutar um argumento que foi tão bem preparado por um adversário, ou o prazer de olhar nos olhos do júri enquanto deixamos que as nossas palavras que têm um pouco de nós sejam captadas é certamente inigualável.

Participámos nesta competição, a princípio, sem muitas ambições, simplesmente com o objetivo de ganhar experiência e de aproveitar o ato de debater. Mas fomos surpreendidos com esta vitória.

Certamente esta é uma experiência que nunca me esquecerei. Retiro daqui momentos, pessoas e sensações certamente inesquecíveis. Deixo o meu apelo para que todos descubram tempo para debater: ou seja, para partilhar, respeitar, construir e aproveitar. Que esta vitória se reflita, num começo da paixão por esta arte na comunidade escolar, já que considero ser um ponto fulcral para o desenvolvimento do aluno.

Gustavo Ferreira 11.º 1C



Torneio Debate +, AEEP (Associação de Escolas de Ensino Particular e Cooperativo)

5 e 6 de fevereiro, Universidade de Coimbra

Moções:

- 1ª Ronda** – A União Europeia deve tornar-se um estado federal.
- 2ª Ronda** – O ranking das escolas promove a desigualdade.
- 3ª Ronda** – A vigilância universal deve ser intensificada para deter o crime.
- Final** – A Inteligência Artificial é criativa.

Equipa de Debate Valsassina

- **Mateus Silva 11.º 1A**, 1.º Orador: define a moção e inicia a argumentação.
- **Gustavo Ferreira, 11.º 1C**, 2.º Orador: dá continuidade à argumentação e apresenta possíveis objeções aos argumentos apresentados pela equipa adversária.
- **Vasco Isidoro, 12.º 1A**, 3.º Orador: consolida a argumentação da equipa e refuta as objeções.

Para mim, há poucos desafios intelectualmente tão interessantes como debater: é uma junção devastadora de fatos, dados, exemplos reais e hipotéticos, histórias contadas, jogos de semântica, reduções ao absurdo, contra-argumentos, uns premeditados, outros feitos no momento, tudo conjugado na arte de convencer o Outro.

Sempre soube discutir ideias, mas debater como o fizemos, com regras, oradores definidos com diferentes posições e numa competição foi uma experiência nova. Por isso, foi muito assustador fazer o meu primeiro debate – e o nosso primeiro como equipa – no palco de um campeonato nacional. A vitória foi gratificante, não só por ser fruto do trabalho feito nas semanas anteriores, mas também por ser prova de que, de facto, conseguimos debater. Esta vitória deu-nos ainda mais alento para participarmos na competição europeia de debate do ECNAIS – o Conselho Europeu de Associações Nacionais de Escolas Independentes – que se irá realizar no Colégio no final de março.

Vasco Isidoro 12.º 1A

Treinar uma equipa de debate escolar é uma tarefa entusiasmante. Por um lado, queremos que os alunos tenham sucesso. Queremos ajudá-los a vencer. Por outro lado, sabemos que valores mais altos se levantam e que o fim último transcende a conquista. Voltamos, assim, ao que mais autêntico há em ser professor: estimular o gosto dos alunos pelo conhecimento.

Daniela Morais Professora de Filosofia

Testemunhar o percurso desta equipa de debate foi um verdadeiro privilégio. Sabíamos que era uma enorme responsabilidade selecionar a equipa do Valsassina e ajudar os seus elementos a preparar tanto a final nacional como a participação “em casa” no evento com jovens de toda a Europa. Mas não só a própria equipa tornou a preparação simples e divertida, como também o sucesso alcançado despertou na nossa comunidade escolar a curiosidade e, esperamos, terá lançado a semente para um futuro espaço de descoberta e desenvolvimento deste incrível “desporto intelectual” no Colégio.

Marco António. Professor de Ciência Política e de Cidadania e Desenvolvimento

TEMPO PARA observar e investigar

Projeto: O tempo das borboletas

Camila Sousa Coordenadora da Biblioteca
Inês Campos Educadora de Infância

Durante a primeira fase do projeto “O Tempo das Borboletas”, (que se realizou no 1.º Período) acompanhámos a eclosão dos ovos de *Pieris brassicae*, assim como os primeiros momentos do desenvolvimento das lagartas da couve.

2.ª Fase: De lagarta a borboleta

Nesta segunda fase assistimos, num tempo dividido em três etapas, ao completar do ciclo de vida de uma borboleta: observámos as várias fases do crescimento das lagartas, a formação dos seus casulos e, por fim, o completar da metamorfose com as borboletas. Os/as alunos/as foram registando as sucessivas transformações através do desenho e da escrita, organizando e comparando todas as fases observadas. Terminamos este projeto ainda com mais questões do que tínhamos inicialmente. Se seguirmos o pensamento de Einstein, significará isto que percorremos um bom caminho, já que: “the important thing is not to stop questioning” (LIFE, 1955).

É tempo de crescer...

Não demorou muito até repararmos que as minúsculas lagartas, cujo ovo havíamos observado com recurso a uma lupa, rapidamente devoraram as folhas de couve: tal como *A lagartinha muito comilona* (1969) da história que lemos, ficaram muito grandes. “São muitas, são enormes!” diziam os/as alunos/as da turma da Educadora Ana Pereira. Além do tamanho, mudaram de cor: “agora são verdes, pretas e um bacadinho amarelas” – notava o **Rui Barata** (5 anos B). Os/as alunos/as repararam ainda no seu comportamento, dizendo que “algumas estão a dormir” – tratava-se das lagartas que estavam em repouso, e que

rapidamente voltariam à sua atividade principal: alimentar-se. É num destes momentos de observação que, ainda na turma da Ana Pereira, surge uma questão. “Como é que elas falam?” – pergunta a **Joana Prego** (5 anos B). Nenhum de nós tem, ainda, resposta para esta pergunta. No entanto, o **Vasco Rodeia** (5 anos B) acrescenta que o único modo de percebermos o que as lagartas dizem é “se ouvirmos com atenção”. Na turma da Educadora Inês Afonso parece haver uma resposta: “as lagartas falam muito baixinho”. Comprometemo-nos, todos, a investigar se será mesmo assim – a questão permanece em aberto.

É tempo de abrandar...

A forma da lagarta mudou: transformou-se finalmente num casulo (ou crisálida). Nesta fase fica praticamente inerte, não se alimenta e pouco ou nada se move. Precisa de estar quieta e resguardada: o tempo fica aparentemente suspenso e, aos nossos olhos, nada acontece. “Não nasceu nada”, comunica a **Carlota Féria** (5 anos B), acrescentando que “temos de esperar mais uns tempinhos”. No entanto, dentro do pequeno casulo tudo está a acontecer: uma pequena borboleta está em formação! Reparámos que, tal como as lagartas, os casulos não estão sempre da mesma cor: escurecem quando se aproxima o momento de eclosão da borboleta. “Nasceu o casulo mais escuro primeiro!”, notou **Frederico Andrade** (5 anos C), comparando os dois casulos que observou na sua sala de aula.

É tempo de voar!

“Já nasceu!” – é com grande alegria que os/as alunos/as notam que, finalmente, as borboletas começam a sair dos casulos. Alguns/algumas alunos/as das turmas dos 4 e dos 5 anos aprenderam a distinguir a fêmea (com duas pintas pretas nas asas) do macho (sem pintas pretas). Note-se que esta diferença morfológica aparece representada nos desenhos de alguns alunos e alunas. Aproxima-se o momento de deixar voar: as turmas dirigem-se à horta pedagógica, local onde tudo começou. Pegamos, delicadamente, em cada borboleta: algumas voam de imediato, outras ficam a caminhar pelas mãos dos alunos. A turma da Educadora Sofia Linhares encoraja o primeiro voo: “Voa, borboleta! Tu consegues! Tu és forte! Coragem!” Assim que as borboletas levantam voo, os/as alunos/as despedem-se delas pelo nome que deram a cada uma: a Joana, a Violeta, o Natureza, o Toni, a Flor, a Lucinda... O aluno **António Rebelo** (5 anos C), cabisbaixo, confessa: “vou ter saudades da borboleta”. Depois de ver partir uma borboleta fêmea, o aluno **Frederico Andrade** (5 anos C) deixa à turma uma nota esperançosa: “se o casulo que falta nascer for um macho, eles podem casar!” A aluna **Teresa Leitão** (5 anos C) questiona: “as borboletas podem ter filhos?” Explicamos aos/às alunos/as que tudo agora recomeça: as borboletas voam, acasalam e põem pequenos ovos, tal como os que apanhámos nas folhas de couve, no início desta aventura...



Agradecemos a todas as Educadoras que acompanharam o nascer de cada borboleta com o mesmo entusiasmo das crianças, e que foram fundamentais nesta aprendizagem e no estimular da curiosidade dos/as seus/uas alunos/as através de histórias contadas, de perguntas feitas, de registos desenhados. Às Auxiliares, pelo indispensável apoio prestado durante este projeto. Agradecemos ainda às mães e aos pais que, ouvindo os relatos dos seus filhos e filhas ao chegar a casa, acompanharam cada passo desta aventura que acabou por ganhar asas e ir além do Colégio.



TEMPO PARA explorar

As Saídas de Campo e os Ciclos Naturais como Metáfora Educativa

Marina Martins, Sílvia Firmino e Diogo Gonçalves Professores de Ciências Naturais

Na próxima semana temos uma visita de estudo! Esta frase é quase sempre seguida de interjeições entusiastas. Vamos sair das “quatro paredes” e vamos para o terreno. Mas por que insistimos, ano após ano, em proporcionar estas experiências, quando na realidade o tempo para abordar os conteúdos é sempre mais curto do que aquilo que desejávamos? Porque o conhecimento exige tempo para ser construído e a Ciência carece de tempo de exploração do objeto de estudo. Por isso, os/as alunos/as visitam um espaço onde possam estar em contacto com a diversidade animal e vegetal, veem *in loco* paisagens geológicas, para compreender como o nosso planeta se molda ao longo do tempo geológico.

As saídas de campo e as visitas de estudo constituem uma estratégia pedagógica amplamente reconhecida pelo seu potencial educativo, permitindo articular o conhecimento teórico abordado em contexto de sala de aula com experiências concretas em ambientes reais. São uma oportunidade única para desacelerar na corrida entre matérias e disciplinas da rotina escolar e focarmos com calma e maior entusiasmo um determinado assunto, numa perspetiva diferente.

Este tipo de atividade educativa assume particular relevância em diferentes níveis de ensino, na medida em que promove aprendizagens significativas, estimula a motivação dos/as alunos/as e favorece o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e científicas.

Uma das principais vantagens das visitas de estudo reside na possibilidade de contextualizar os conteúdos curriculares. Ao contactar diretamente com fenómenos naturais, contextos históricos, instituições científicas ou espaços culturais, os/as alunos/as conseguem estabelecer ligações mais claras entre os conceitos estudados e a realidade que os rodeia. Este contacto direto facilita a compreensão de ideias abstratas e contribui para a construção de conhecimento mais sólido e duradouro. De acordo com a perspetiva construtivista da aprendizagem, o conhecimento é construído ativamente pelo aluno através da interação com o meio, sendo as experiências concretas fundamentais para esse processo (Falk & Dierking, 2013).

Além da dimensão cognitiva, as visitas de estudo desempenham um papel relevante na promoção da motivação e do envolvimento dos/as alunos/as no processo educativo. O contacto direto com paisagens naturais, organismos vivos ou património científico desperta frequentemente sentimentos de curiosidade, surpresa e encantamento. Estas experiências emocionais constituem um poderoso motor da aprendizagem, uma vez que a memória e o interesse estão frequentemente associados às emoções vividas durante o processo educativo. Sabemos, de resto, pelo *feedback* que nos chega após o regresso à escola, que “aquela” foi a “melhor aula de sempre” e que “devíamos fazer mais!” Este entusiasmo é já quanto basta para nos fazer pensar em incluir cada vez mais oportunidades de sair da sala para aprender também lá fora.



“... uma oportunidade única para desacelerar na corrida entre matérias e disciplinas da rotina escolar e focarmos com calma e maior entusiasmo um determinado assunto, numa perspetiva diferente.”



“Estas atividades promovem competências de pensamento crítico, comunicação, colaboração e resolução de problemas.”



A aprendizagem fora da sala de aula tende a ser percebida pelos estudantes como uma experiência mais dinâmica e estimulante, o que favorece a curiosidade científica e a predisposição para aprender. Diversos estudos têm demonstrado que ambientes de aprendizagem informais, como museus, centros de ciência, parques naturais ou instituições científicas, podem contribuir significativamente para aumentar o interesse dos/as alunos/as pelos conteúdos escolares e pelas áreas científicas (DeWitt & Storksdieck, 2008).

Outro aspeto relevante prende-se com o desenvolvimento de competências transversais. Durante uma visita de estudo, os/as alunos/as são frequentemente incentivados a observar, questionar, recolher informação, interpretar dados e discutir ideias com os/as colegas e professores. Estas atividades promovem competências de pensamento crítico, comunicação, colaboração e resolução de problemas. Simultaneamente, favorecem o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos alunos, uma vez que estes participam em contextos educativos diferentes daqueles a que estão habituados no quotidiano escolar.

As visitas de estudo assumem também um carácter interdisciplinar, para além da particular importância no ensino das Ciências. Damos como exemplo, a recente saída de campo com as turmas do 8.º ano, à ZIBA - Zona de Interesse Biofísico das Avencas. Naquela atividade, assumida pela disciplina de Ciências Naturais, trabalham-se, na verdade conceitos emprestados de outras disciplinas como a Geografia (ao analisar a morfologia da praia e a disposição do habitat dos seres em função dos fatores abióticos), a Matemática (ao contabilizar o número de espécies e de indivíduos de cada espécie) ou a Cidadania e Desenvolvimento (quando recordamos o dever de cuidado e respeito pela natureza ao visitamos uma área natural protegida). Ou no 7.º ano, com a saída de Geologia de Campo ao Parque Natural Sintra-Cascais, onde para além de conteúdos de Ciências Naturais, usamos escalas de referência (Geografia) e fazemos percursos pedestres e de orientação (Ed. Física).

O contacto direto com ambientes naturais ou com infraestruturas científicas permite observar processos e fenómenos que dificilmente poderiam ser reproduzidos em sala de aula. A observação de formações geológicas, ecossistemas naturais, coleções científicas ou equipamentos laboratoriais proporciona oportunidades únicas para compreender conceitos científicos interdisciplinares e desenvolver múltiplas competências de investigação. Quando devidamente planificadas e articuladas com os objetivos curriculares, estas experiências contribuem para promover a literacia científica dos alunos (Orion & Hofstein, 1994).

Contudo, para que as visitas de estudo produzam efetivamente benefícios educativos, é fundamental que sejam cuidadosamente planificadas. A preparação prévia dos/as alunos/as, a definição clara de objetivos de aprendizagem e a realização de atividades de exploração e reflexão após a visita são elementos essenciais para maximizar o seu impacto pedagógico. No Colégio, desenvolvemos guiões para estas atividades, que acompanham os/as alunos/as antes, durante e depois de todo o processo, revelando-se importantes instrumentos de complemento à sua aprendizagem. Fazemos ainda e sempre, em



[A visita de estudo] foi importante para desenvolver amizades e relações com as pessoas com quem passamos grande parte do nosso dia.

Hugo Revés 8.º B

As visitas de estudo são muito úteis e aprendo muito com elas.

Santiago Silveira 8.º B

As visitas de estudo são essenciais para compreendermos a matéria em todas as disciplinas, já que estas mostram casos reais e acontecimentos do passado.

Santiago Eleutério 8.º B

Gostei particularmente da visita à praia, onde tivemos a oportunidade de observar animais marinhos como o polvo, que é o meu animal marinho preferido!

Mattia Cilurzo 8.º B

As visitas de estudo são importantes porque ajudam a aprender fora da sala de aula. Vemos coisas reais, compreendemos melhor a matéria, fazemos perguntas e convivemos mais com pessoas. É uma forma de aprender mais tranquila.

Tiago Martins 9.º A

[As visitas de estudo] são importantes porque para além de conhecer lugares novos também temos a oportunidade de fazer novos amigos e de melhorar as amizades com as pessoas que já conhecemos.

Lourenço Ribeiro 9.º A

conjunto com os/as alunos/as visados, uma avaliação qualitativa da atividade e do cumprimento dos seus objetivos. Sem esta integração no processo de ensino-aprendizagem, existe o risco de a visita ser percebida apenas como uma atividade recreativa, reduzindo o seu potencial formativo (DeWitt & Storksdieck, 2008).

As saídas de campo convidam também a um encontro entre dois ritmos distintos: o tempo da escola e o tempo da natureza. Enquanto o quotidiano escolar é frequentemente marcado por horários apertados e pela necessidade de cumprir programas extensos, os processos naturais desenvolvem-se numa escala temporal muito mais lenta. Observar a formação de uma rocha, a dinâmica de um ecossistema ou o crescimento de uma planta lembra-nos que compreender o mundo exige tempo, atenção e disponibilidade para observar.

Deste modo, tal como os ciclos naturais que se repetem e transformam a paisagem ao longo do tempo, também a aprendizagem exige regressos, pausas e exploração paciente, lembrando-nos que educar é acompanhar o ritmo da descoberta e não apenas acelerar o passo do programa.

Em síntese, as visitas de estudo constituem uma ferramenta pedagógica de grande valor educativo, na medida em que permitem enriquecer o processo de aprendizagem através de experiências diretas, contextualizadas e motivadoras. Ao promoverem a articulação entre teoria e prática, estimularem o interesse dos/as alunos/as e favorecerem o desenvolvimento de competências diversas, estas atividades contribuem de forma significativa para uma educação mais completa e significativa (Falk & Dierking, 2013). Assim, a sua integração no currículo escolar deve ser encarada como uma estratégia pedagógica relevante para potenciar aprendizagens mais profundas e duradouras.

Sair da sala de aula não é uma paragem no tempo da aprendizagem, mas sim um aprofundamento desta.



Referências

- DeWitt, J., & Storksdieck, M. (2008). A short review of school field trips: Key findings from the past and implications for the future. *Visitor Studies*, 11(2), 181–197. doi.org/10.1080/10645570802355562.
- Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2013). *The museum experience revisited*. Routledge.
- Orion, N., & Hofstein, A. (1994). Factors that influence learning during a scientific field trip in a natural environment. *Journal of Research in Science Teaching*, 31(10), 1097–1119. doi.org/10.1002/tea.3660311005.

O Valor do Tempo na Aprendizagem por Projeto



A realização de trabalhos de projeto constitui uma abordagem educativa que valoriza a aprendizagem ativa, integrando dinâmicas como o *hands-on*, o *Project-based learning* e o *Problem-based learning*. Estas metodologias colocam os/as alunos/as no centro do processo, desafiando-os/as a investigar problemas reais, formular hipóteses, testar soluções e refletir sobre os resultados. Ao fazê-lo, promovem a transversalidade curricular, articulando conhecimentos de diferentes áreas, num percurso de aprendizagem significativo.

Os/as alunos/as aprendem a respeitar ritmos, a aceitar pausas e a valorizar o processo tanto quanto o resultado final. Ao trabalharem de forma prática e colaborativa, aprendem também a ouvir diferentes perspetivas, a valorizar o erro, a ajustar estratégias e a aprofundar o seu pensamento.

Do 1.º Ciclo ao 12.º ano, apresentamos de seguida quatro caminhos de aprendizagem.

Biodiversidade Urbana: Pequenos hóspedes, grande impacto

Carla Caldeira. Professora titular do 1.º Ciclo
Turma 3.º C

O projeto “Biodiversidade Urbana, Pequenos hóspedes, grande impacto”, teve como objetivo investigar que insetos habitam a Quinta do Colégio Valsassina e compreender a sua importância para a biodiversidade urbana. Através da exploração do espaço, procurou-se identificar espécies presentes, reconhecer o seu papel no ecossistema e sensibilizar a comunidade escolar para a sua preservação. O projeto incluiu a construção e a instalação de hotéis de insetos.

Os resultados demonstraram que diversos insetos, como abelhas, abelhões, borboletas, moscas-das-flores e escaravelhos, desempenham um papel essencial na polinização, permitindo a reprodução de muitas plantas. Para além disso, espécies como joaninhas, crisopas e algumas vespas ajudam no controlo natural de pragas, contribuindo para o equilíbrio dos ecossistemas. Os insetos também participam nas cadeias alimentares e na decomposição da matéria orgânica, devolvendo nutrientes ao solo.

O desenvolvimento deste estudo permitiu aos/as alunos/as compreenderem que várias espécies de insetos estão em declínio, principalmente devido à perda de habitats, urbanização, uso de pesticidas e alterações climáticas. Neste contexto, a análise dos hotéis de insetos revelou que pequenas ações podem ter um impacto positivo na sua conservação. A criação de espaços verdes, a preservação de plantas silvestres e a redução de químicos são medidas fundamentais.

A instalação de hotéis de insetos na Quinta do Colégio mostrou ser uma estratégia eficaz, oferecendo abrigo e lo-

cais de reprodução para várias espécies. Este projeto permitiu concluir que os insetos são essenciais para o equilíbrio da natureza e para a sustentabilidade dos ecossistemas.

Para além do conhecimento científico, este trabalho contribuiu para aumentar a consciência ambiental dos/as alunos/as e das suas famílias, as quais participaram no workshop “Missão: Proteger os polinizadores”, dinamizado pela Liga para a Proteção da Natureza. Durante esta sessão, que se realizou no dia 21 de março, os/as alunos/as, acompanhados pelos pais e pela professora, partilharam conhecimentos com os restantes participantes, assumindo um papel ativo na apresentação e na sensibilização desta temática. De seguida, no exterior, as famílias colaboraram na construção de hotéis de insetos para o jardim da Sede da LPN e para o projeto da turma do 3.º C.

A iniciativa revelou-se bastante enriquecedora para todos/as os/as envolvidos/as, tendo sido uma manhã de sábado onde o entusiasmo esteve sempre presente.



Aproveitamento de Ossos para Produção de Filme de Hidroxiapatita Incorporado num Nanogerador

A hidroxiapatita (HAp), um mineral presente em abundância nos ossos, revela-se uma molécula de grande potencial, devido às suas várias propriedades, nomeadamente: fortalecimento ósseo, reposição de cálcio, regeneração e cicatrização da pele, proteção solar, preenchimento dérmico, capacidade de isolamento, prevenção de cáries e propriedades antimicrobianas.

Com o desenvolvimento deste projeto, pretendemos obter hidroxiapatita a partir de ossos bovinos desperdiçados e reutilizá-los com o intuito de criar um produto sustentável e útil para a sociedade.

Procedemos à recolha de ossos, com o apoio do talho *Rocha & Fragata*, fornecedor do Colégio Valsassina. A extração de hidroxiapatita foi realizada através de várias etapas, incluindo a limpeza inicial dos ossos, secagem, calcinação e, por fim, a trituração dos mesmos. De seguida, realizamos a testagem das nossas amostras a partir da espectroscopia FTIR, que nos permite identificar os polímeros e grupos funcionais desta para comparar com a hidroxiapatita comercial.

No futuro tencionamos produzir uma nanogerador elétrico. Este produto será composto por duas fitas de alumínio, no meio das quais estará um filme de hidroxiapatita, que impede de a carga elétrica passar de uma das fitas para a outra. Ao dobrar estruturas em forma de acordeão e aplicar pressão, é possível gerar uma diferença de potencial elétrico capaz de produzir corrente. Este fenómeno baseia-se no efeito piezoelétrico, no qual a deformação de um material conduz à separação de cargas elétricas no seu interior. Assim, neste contexto, a utilização de hidroxiapatita permite aproveitar a sua capacidade isolante, facilitando a manutenção dessa separação de cargas e contribuindo para a geração de energia elétrica.

Afonso Nunes, Lucas Drago e Simão Pignatelli 12.º 1A

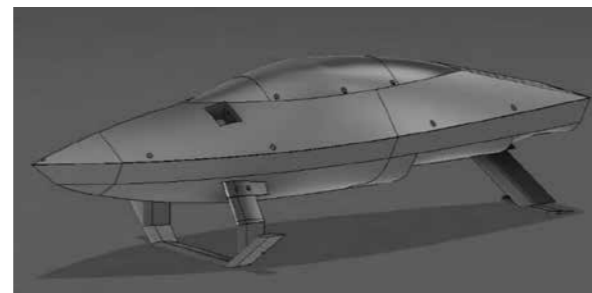
Projeto desenvolvido na disciplina de Biologia 12.º ano, sob a supervisão do Professor **João Gomes**

Projeto em parceria e com o apoio científico da Dra. Ana Ribeiro, do Centro de Química Estrutural, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

GyroBoat

O *GyroBoat* consiste num barco que curva sem leme, utilizando um giroscópio.

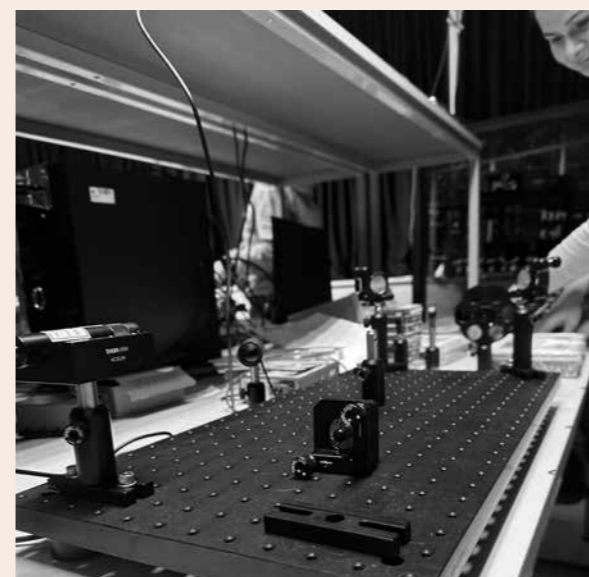
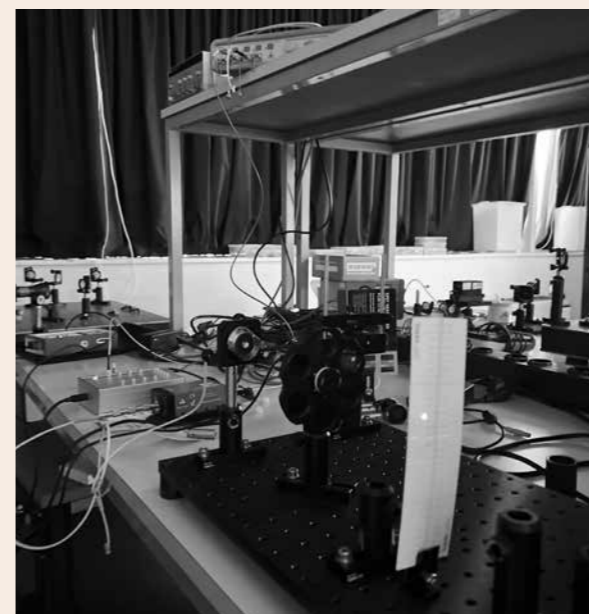
Este projeto contém aspetos relativos ao planeamento e construção de um pequeno barco, com cerca de 0,80 metros de comprimento, que não utiliza um leme como controlo de direção. Em vez desta forma convencional, o protótipo utiliza um giroscópio, explorando o conceito do momento angular. Este conceito inovador para o controlo de direção apresenta vantagens como a redução do arrasto e maior rapidez nas curvas. O barco foi idealizado para conter todos os aspetos de uma missão real, incluindo a conceção, desenvolvimento, testes, operação e análise de dados, de modo que possa transpor este conceito de “leme” para a contextos reais.



O projeto visa a construção de um barco que integra motor propulsor, motor do disco, disco giratório, pcb, antena de comunicação, baterias, assim como outros elementos de apoio.

João Claudino 12.º 1A, André Caetano 12.º 1B e Diogo Silva 12.º 1B

Projeto desenvolvido na disciplina de Física 12.º ano, sob a supervisão do Professor **Pedro Jorge**



Quantum Shield

Imagine uma comunicação em que qualquer tentativa de escuta é imediatamente detetada. Um sistema onde não é possível observar a informação sem a alterar, garantindo assim uma segurança praticamente inviolável. Durante muito tempo, isto pareceu impossível.

Num mundo cada vez mais digital, a proteção de dados tornou-se essencial, sobretudo com o avanço da computação quântica, que poderá comprometer os métodos clássicos de criptografia. Surge então a criptografia quântica, que utiliza as leis da Física – e não apenas a Matemática – para assegurar comunicações seguras.

O presente trabalho aborda o estudo das telecomunicações aplicadas à criptografia quântica, com foco na implementação de um sistema de distribuição quântica de chaves (*Quantum Key Distribution – QKD*), baseado no protocolo BB84. O principal objetivo consiste em desenvolver um modelo experimental capaz de gerar chaves criptográficas seguras, explorando as propriedades fundamentais da fotónica quântica, nomeadamente a polarização de fótons individuais.

Do ponto de vista experimental, o projeto envolveu a montagem de um sistema ótico capaz de gerar, transmitir e detetar fótons singulares. Destacam-se desafios como o alinhamento do feixe (*beam-walking*), a redução da intensidade luminosa para o regime de fóton único e a sincronização temporal dos eventos de deteção através de um *time tagger*. Apesar das dificuldades, foi possível demonstrar a deteção fíavel de fótons e validar os princípios fundamentais do protocolo BB84.

A solução proposta apresenta relevância para diversos setores, incluindo o financeiro, o da saúde, o governamental e o tecnológico, onde a segurança da informação é crítica. O trabalho demonstra, assim, que a criptografia quântica constitui uma alternativa promissora face às ameaças emergentes da computação quântica, ao basear a sua segurança em leis fundamentais da física.

Em suma, este projeto valida a viabilidade da distribuição quântica de chaves como base para futuras infraestruturas de comunicação segura, destacando o seu potencial tecnológico e a sua importância no contexto da segurança digital contemporânea.

Luana Cruz e Tomás Mateus 12.º 1A

Projeto desenvolvido na disciplina de Física 12.º ano, sob a supervisão do Professor **Pedro Jorge**

TEMPO PARA propor soluções

Colégio Valsassina Vencedor na Competição NEXT BET 2026

Constança Roquette Professora de Economia C

No início do mês de março, cinco grupos do 12.º ano de Economia do Colégio Valsassina foram selecionados para participar na competição de *pitching* NEXT BET 2026, promovida pelo Clube BET – *Bring Entrepreneurs Together*, da Católica Lisbon School of Business and Economics.

A competição contou com a presença de três escolas e constituiu uma excelente oportunidade para os/as alunos/as apresentarem ideias de negócio inovadoras, desenvolverem competências de comunicação e defenderem os seus projetos perante um painel de jurados.

Os grupos que representaram o Colégio Valsassina foram *Vinyl & Vine*, *FlowRide*, *Nexus – The Box*, *EuroPlay* e *Let's Talk*, cada um com propostas criativas em diferentes áreas.



A *Vinyl & Vine*, desenvolvida pela equipa composta por **Marta Ribeiro**, **João Souto** e **Cathy Zhen** (12.º 2B), apresentou um projeto focado no enoturismo urbano, procurando descentralizar a ideia tradicional de enoturismo associada ao meio rural. Através da organização de eventos e do apoio de uma plataforma digital (*website/app*), o projeto pretende ajudar estabelecimentos a inovar e a atrair novos públicos.



A *FlowRide*, da autoria de **Vasco Martins**, **Pedro Xu**, **Bruno Dai** e **Diogo Rua** (12.º 2B), propôs uma aplicação de mobilidade colaborativa, que liga pessoas com trajetos semelhantes e partilha informação de mobilidade em tempo real. O objetivo é melhorar a centralização e personalização dos dados de transporte, permitindo identificar necessidades reais e contribuir para a criação de rotas mais eficientes no futuro.

As alunas **Sofia Lameira**, **Sara Rau** e **Francisca Pinheiro** (12.º 2A) apresentaram o projeto *Nexus – The Box*, um serviço direcionado para idosos em lares, que procura estimular a cognição e reforçar os laços afetivos com familiares e visitantes. Trata-se de uma caixa de memórias personalizada, preparada com base na história de vida e nos interesses de cada idoso, contendo atividades como puzzles com fotografias familiares, músicas simbólicas, jogos de memória e outras experiências significativas.



A *EuroPlay*, desenvolvida pela equipa composta por **Martim Cabral**, **José Rocha** e **Vicente Pires** (12.º 2A), apresentou uma plataforma de literacia financeira gamificada, criada para ajudar jovens e jovens trabalhadores a desenvolver competências fundamentais na gestão financeira. Através de percursos personalizados, *micro-learning* e simulações de decisões financeiras reais, a plataforma pretende preparar os utilizadores para desafios como a gestão de orçamento, poupança, investimento ou o preenchimento do primeiro IRS.



O grupo composto por **Francisco Vinagre**, **Inês Quental**, **Guilherme Taborda** e **Rita Rebelo** (12.º 2A) apresentou o projeto *Let's Talk*, um *software* desenvolvido para facilitar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. A aplicação móvel utiliza a câmara do telemóvel para captar a língua gestual utilizada pela pessoa surda, traduzindo imediatamente os gestos para texto. De seguida, a fala da pessoa ouvinte é convertida automaticamente em texto, permitindo uma comunicação mais clara, rápida e acessível entre ambas.

Todos os grupos demonstraram grande qualidade, criatividade e espírito empreendedor ao apresentarem os seus projetos, e foi com particular alegria que a equipa *EuroPlay* se destacou como a grande vencedora desta sessão.

Parabéns a todos/as os/as alunos/as que participaram, pelo entusiasmo e dedicação demonstrados ao longo deste desafio!

A nossa participação na NEXT BET foi uma experiência extremamente enriquecedora e desafiante. Tivemos a oportunidade de apresentar o nosso projeto em inglês perante um júri, o que nos obrigou a sair da nossa zona de conforto e a comunicar a nossa ideia de forma clara, estruturada e convincente. Foi uma experiência muito positiva que nos permitiu crescer tanto a nível pessoal como académico, e que reforçou o nosso interesse pelo empreendedorismo.

Sofia Lameira 12.º 2A (*Nexus - The Box*)

Foi uma experiência muito boa que me ajudou a ganhar confiança em apresentar ideias, a lidar com o nervosismo e a sair da minha zona de conforto, ao mesmo tempo que aprendi imenso com as outras equipas e com todo o processo de preparação.

Inês Quental 12.º 2A (*Let's Talk*)

A participação na NEXT BET da Católica foi uma boa experiência, já que nos testa, neste caso, a realizar um *pitch* em inglês com pessoas a avaliá-los. Esta experiência dá-nos maturidade e mais conforto no trabalho, recebendo *feedback* de profissionais. Uma boa e ótima experiência que, claramente, voltaria a repetir.

Guilherme Taborda 12.º 2A (*Let's Talk*)

Dada a oportunidade única de participar no concurso da Católica - NEXT BET -, foi com agrado que representámos o Colégio com eficácia e demonstrando o esforço e dedicação ao longo destes dois períodos de desenvolvimento do projeto. Foi uma experiência para conviver com colegas de outras Escolas e Colégios que partilham as mesmas aspirações e mentalidade de jovens empreendedores. No final, valeu a pena o esforço e trabalho árduo, não só pela experiência, como também pelo reconhecimento do nosso trabalho.

Martim Cabral 12.º 2A (*Europlay - equipa vencedora*)

TEMPO PARA pensar o futuro

Entrevista a Joana Magalhães da Silva



A “Produtividade em Portugal” foi o tema de mais uma conferência do ciclo “Os desafios do nosso tempo”, que contou com a participação dos/as alunos/as do 11.º e 12.º anos do Curso de Ciências Socioeconómicas. A sessão proporcionou um espaço de reflexão e debate sobre um dos temas centrais da atualidade económica e social do país, desafiando os/as alunos/as a pensar de forma crítica sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento e a competitividade nacional.

A conferência foi dinamizada por Joana Magalhães da Silva, *Partner* da McKinsey & Company e antiga aluna do Colégio Valsassina, cuja presença constituiu também um exemplo inspirador de percurso académico e profissional. A partilha de conhecimentos e experiências contribuiu para enriquecer a formação dos/as alunos/as, aproximando-os/as das realidades do mundo do trabalho e dos grandes desafios do presente e do futuro.

Como foi regressar ao Colégio Valsassina agora como convidada para partilhar a sua experiência profissional?

É sempre bom voltar ao Colégio, seja no Dia da Escola, seja para dar o meu contributo de alguma maneira, na medida em que o Colégio achar útil. Lembro-me de sessões semelhantes quando era aluna e é com alegria que participo agora deste lado.

Que memórias guarda do seu tempo como aluna no Colégio?

Recordo com imensa alegria os seis anos que passei no Colégio, do 7.º ao 12.º ano. Foram tempos de enorme crescimento, aprendizagem e amizade, marcados pela descoberta e pela construção da minha identidade, bem como por uma preparação sólida para os desafios das etapas seguintes.

O seu percurso levou-a a tornar-se *Partner* numa consultora internacional. Como foi esse caminho desde o Ensino Básico e Secundário até à sua carreira atual?

O meu percurso foi semelhante ao de muitos alunos do Colégio. Após o Ensino Secundário, entrei no Técnico, em Engenharia Civil, juntamente com dois amigos do Colégio. Escolher o curso não foi nada fácil porque sempre tive interesses muito abrangentes e pouca clareza sobre o que me realizaria, dado que “afunilar” nunca me pareceu algo

apelo. Ser filha de dois engenheiros do Técnico terá com certeza ajudado a receber afirmativamente a sugestão do Professor Luís Carvalho: “um curso que ias fazer bem era Engenharia Civil”. As palavras ecoaram e lá fui eu. Os anos do Técnico foram de exigência, de superação e de abstração (sobretudo nos primeiros anos), mas igualmente de muitas e ótimas amizades. A entrada na McKinsey surgiu de forma natural, na sequência de um convite para participar no processo de recrutamento, quando estava no início do quinto e último ano do curso. Tendo corrido bem e tendo gostado genuinamente das entrevistas, das pessoas e daquilo que percecionei sobre a diversidade e exigência do trabalho, pareceu-me uma opção com pouca margem para arrependimento – também motivada pela possibilidade de, mais tarde, vir a fazer um MBA numa escola de topo. Na altura, pensei que ficaria apenas alguns meses, no máximo um ou dois anos. No entanto, passaram já 11 anos, e o entusiasmo e a vontade de continuar a crescer dentro da McKinsey mantêm-se, em grande parte pela forte identificação com os seus valores.

Olhando para trás, que decisões ou aprendizagens foram mais importantes ao longo desse percurso?

As aprendizagens são muitas, mas destacaria três. Em primeiro lugar, o valor do brio e da dedicação, acima de qualquer qualidade intrínseca. Em

segundo, a importância das pessoas e das amizades que se constroem em cada fase do percurso. Por fim, os horizontes que se podem abrir quando se está disponível para o inesperado e se responde afirmativamente a desafios menos óbvios – como a decisão de estudar Engenharia Civil, ou a escolha de não seguir a carreira técnica.

Que competências considera essenciais para os/as alunos/as que se preparam para entrar no Ensino Superior e no mercado de trabalho? Que conselhos daria aos/às alunos/as do Valsassina sobre como aproveitar o tempo da escola para preparar o futuro?

Destacaria duas dimensões fundamentais. Por um lado, o brio e a dedicação, como já referi. Há uma componente que é naturalmente influenciada pelo ambiente – sobretudo se este for exigente –, mas a vontade de fazer o melhor possível em cada momento e em cada tarefa vem de dentro e também se cultiva. “Ser tudo em cada coisa”, como nos mostrou a professora Maria Alda nas aulas de Português no 9.º ano. Por outro lado, a diversidade de experiências. Quanto mais variadas forem, melhor – seja no desporto, nas artes ou no voluntariado. Esta exposição a diferentes contextos, pessoas e tipos de desafios tem um valor inestimável na formação de um candidato – e, sobretudo, de uma pessoa – mais completa, mais adaptável e mais bem preparada para os desafios futuros.



“[a] exigência produz melhores resultados quando assente num espírito de crescimento conjunto e de entejuda, mais do que de competição.”

De que forma a escola [o Colégio] pode ajudar os/as alunos/as a desenvolver essas competências?

Acredito que o pode fazer – e faz – em ambas as vertentes. Em primeiro lugar, promovendo um ambiente de qualidade e exigência, que valorize o esforço e permita identificar e orientar os talentos de cada aluno/a, ajudando-o/a a encontrar um caminho onde se possa realizar e destacar. Na minha perspetiva, essa exigência produz melhores resultados quando assente num espírito de crescimento conjunto e de entejuda, mais do que de competição. Em segundo lugar, criando espaço e tempo para a prossecução de outras paixões para além das atividades letivas. Além dos benefícios diretos, também da conjugação de uma agenda mais intensa resultarão, com certeza, aprendizagens úteis no futuro.

Tempo de Questionar Caminhos: Fórum das Profissões

Joana Carmo Coordenadora do Gabinete Psicopedagógico

Explorar o tema anual do Colégio – *Descobrir (o) Tempo* – é também olhar para o percurso dos alunos e alunas do 9.º ano, num momento que assume um significado particularmente relevante. Esta é uma fase em que o tempo deixa de ser apenas algo que passa e passa a ser algo que se pensa, se projeta e, de certa forma, se antecipa. Nesta fase, os/as alunos/as são convidados/as a tomar decisões onde projetam o futuro – um futuro que, na realidade, se revela cada vez mais incerto e difícil de prever.

Nesta altura da vida, o desenvolvimento vocacional não se resume a escolher uma área de estudo. Trata-se, acima de tudo, de aprender a lidar com a incerteza, num processo que exige também autocohecimento – estar atento a quem se é, ao que se gosta e ao que se valoriza e faz sentido para cada um/a. Num mundo em constante transformação, onde profissões surgem, desaparecem e se reinventam, preparar para o futuro não passa por ajudar a encontrar uma resposta definitiva, mas por desenvolver nos/as alunos/as a capacidade de pensar, adaptar-se e decidir ao longo do tempo.

É precisamente aqui que o tema *Descobrir (o) Tempo* ganha relevância: perceber que há um tempo para explorar, um tempo para decidir e, talvez o mais importante, um tempo para reajustar caminhos. Escolher no 9.º ano não significa definir uma escolha final, mas sim dar início a um percurso aberto, dinâmico e em construção.

Foi com este propósito que o Gabinete Psicopedagógico e a Direção Pedagógica do Colégio Valsassina voltaram a dinamizar o **Fórum das Profissões**, dirigido aos/às alunos/as do 9.º ano e realizado nos dias 13 e 15 de janeiro. A iniciativa contou com a participação de 14 pais de alunos e de 6 antigos/as alunos/as do Colégio que ingressaram recentemente no Ensino Superior.

O contacto com os pais permitiu aproximar os mais jovens de diferentes realidades profissionais e contextos reais, num ambiente de proximidade e confiança onde as perguntas surgem de forma natural. Num tempo em que as trajetórias profissionais são cada vez menos lineares, ouvir percursos reais – com mudanças, dúvidas e recomeços – torna-se particularmente enriquecedor.

Por sua vez, a presença de antigos alunos e alunas trouxe um olhar mais próximo. Ao partilharem experiências recentes, transmitiram a ideia de que a incerteza faz parte do processo e que as escolhas vão sendo construídas ao longo do tempo, muitas vezes com ajustes e novas descobertas.

O evento decorreu em formato de *Speed Networking*, proporcionando momentos de conversa direta entre os intervenientes, tendo sido exploradas as várias áreas: Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais. Esta dinâmica permitiu não só conhecer diferentes percursos académicos e profissionais, mas também perceber que não existe um único caminho certo – existem múltiplas possibilidades, que se vão desenhando ao

longo do tempo. Mais do que respostas fechadas, é fundamental que desenvolvam competências transversais como a curiosidade, a capacidade de reflexão, o pensamento crítico e a flexibilidade.

Assim, “descobrir o tempo” é também aceitar que o futuro não está totalmente definido – e que isso não é uma fragilidade, mas uma oportunidade. O desafio passa por ajudar os alunos a sentirem-se mais seguros, não por terem todas as respostas, mas por confiarem mais em si próprios e na sua capacidade de pensar, escolher e redirecionar caminhos ao longo do tempo.

Testemunho de um Orador

Gostei muito de participar (e de rever algumas caras familiares do Colégio), acho que é sempre bom os alunos terem contacto com outros alunos porque têm um ambiente mais descontraído e informal para expressarem as suas dúvidas, que é normal terem, e que se calhar não se sentem à vontade para perguntar. Espero ter ajudado alguns alunos a perceberem melhor o que querem (ou o que não querem).

Rita Henriques Estudante de Medicina

Testemunhos dos/as Alunos/as

A atividade Fórum das Profissões foi bastante útil, como resposta à minha curiosidade sobre o tema, mas também como momento importante para a minha tomada de decisão. O que foi dito pelos pais esclareceu-nos sobre o que se faz em cada profissão, enquanto que a perspetiva dos antigos alunos fez-nos perceber como funciona a Faculdade e o que fazer em várias situações.

Teresa Santos 9.º B

Considerarei este evento importante para termos a ideia do que poderá vir a ser o nosso trabalho futuro ou das diferentes hipóteses profissionais. Além disso, complementou bastante o programa de orientação vocacional, uma vez que nos despertou interesses que poderíamos não saber que tínhamos

Júlia Ribeiro 9.º C

“... há um tempo para explorar, um tempo para decidir e, talvez o mais importante, um tempo para reajustar caminhos.”



TEMPO PARA errar, repetir, escutar

Aprender Música Leva Tempo

Departamento de Educação e Expressão Musical e Dramática

No início da minha aprendizagem no piano sentia dificuldade em aprender a dedilhação e em coordenar os dedos. Como era muito pequena, sentia muita dificuldade em compreender os tempos das músicas que tocava.

Laura Jardim 10.º 1A

Aprender música não acontece de um dia para o outro. Não há atalhos mágicos, nem resultados instantâneos. E, apesar de, às vezes, dar vontade de tocar tudo “bem e depressa”, a verdade é que a música ensina-nos algo importante: tudo o que vale a pena constrói-se com tempo, repetição e escuta.

Quando começamos a aprender um instrumento, é normal sentir alguma frustração. Os dedos ainda não obedecem, o ritmo foge, a melodia não sai como imaginamos. Mas é exatamente aí que começa a aprendizagem: cada tentativa conta.

É possível ultrapassar a frustração de não conseguir tocar, de imediato. Quando comecei a aprender a tocar piano, no 3.º ano, já considerava uma tarefa muito difícil, principalmente, juntar as duas mãos.

Luca Silva 7.º C

Repetir é uma parte essencial desse processo. Repetimos para ganhar segurança, para melhorar a coordenação, para treinar o ouvido e para perceber melhor o som que produzimos. Não é “repetir por repetir”. É repetir com atenção, com curiosidade e com vontade de fazer um pouco melhor do que anteriormente. Não significa perder tempo, mas sim, ganhar o tempo.

O meu maior obstáculo é a paciência que devo ter comigo mesma, porque, muitas vezes, as peças não saem como eu gostaria. Demora tempo até conseguir tocar como devido e é necessário ter tempo para aperfeiçoar a música, o que muitas vezes me deixa frustrada.

Laura Jardim 10.º 1A

E o erro? “Eu não sou bom!”, “Eu não gosto de errar!”, “Eu não sei fazer isto!” são desabaços que ouvimos com muita regularidade, mas sejamos claros e honestos, o erro faz parte de qualquer processo de aprendizagem! Só errando é que interiorizamos os conceitos, as competências e o sentimento certo pelo que estamos a aprender.

Tenho dificuldade em aceitar o erro. Contudo, [aprender um instrumento] fez-me aprender que os erros fazem parte do processo e que é com eles que conseguimos melhorar.

Luca Silva 7.º C



“... é que a música ensina-nos algo importante: tudo o que vale a pena constrói-se com tempo, repetição e escuta.”

O valor do tempo na aprendizagem da música reside exatamente na possibilidade de treinarmos uma passagem uma e outra vez, de nos demormos mais num compasso difícil e de, com persistência e muita dedicação, assistirmos à nossa própria evolução. O tempo que nos parecia nunca mais passar acelera e cresce a motivação e confiança de quem ultrapassou mais uma etapa com sucesso.

Para mim, o tempo, quando estou a tocar, passa muito mais rápido do que o normal, pelo prazer que sinto na interpretação de peças eruditas. Quando me sento ao piano, perco-me várias vezes no tempo e quando dou por mim já passou uma hora e sinto que só toquei durante uns minutos.

Laura Jardim 10.º 1A

Ao apercebermo-nos do poder dos erros, ficamos naturalmente mais dispostos a olhar para esses momentos de forma positiva, o que nos ajuda a lutar e a persistir nos conflitos e/ou desafios que podem aparecer no processo de aprendizagem. O tempo permite a repetição, mas também convida à escuta. Talvez saber escutar seja o ingrediente mais importante da aprendizagem musical. Escutamos os colegas, escutamos o professor, escutamos a música e, sobretudo, aprendemos a escutar-nos a nós próprios e até ao silêncio. Aos poucos, começamos a reconhecer sons, ritmos e detalhes que antes passavam despercebidos. O ouvido cresce, tal como a confiança.

“Anything in our world that moves vibrates air. The world is full of sounds. Listen. Openly attentive to whatever is vibrating, listen. Sit quietly for a moment and receive”, diz-nos Murray Schafer (1969), compositor, escritor, professor e ecologista canadiano. Mais do que aprender notas ou músicas, aprender música é aprender sobre nós e sobre o mundo que nos rodeia. É necessário paciência, concentração e persistência. É perceber que cada pessoa tem o seu ritmo. Para muitos/as alunos/as, a música torna-se num espaço de expressão, de partilha e de descoberta. Um tempo para errar, para tentar outra vez e para celebrar pequenas conquistas. No fundo, aprender música é confiar no processo, reconhecendo que, como afirmava Johann Sebastian Bach, “não existe nada de extraordinário, apenas prática, estudo e perseverança”.

No futuro, vejo a música como algo que continuará a fazer parte da minha vida, mesmo que não seja profissionalmente, pois tem e sempre teve um impacto muito grande na minha vida e que me dá imenso prazer. Não consigo imaginar uma vida sem a música.

Luca Silva 7.º C

Acho que o piano ajuda a desenvolver a disciplina, a criatividade, a sensibilidade artística, a gestão do nervosismo antes de algum acontecimento importante e ajuda a encontrar momentos para tocar e relaxar.

Laura Jardim 10.º 1A

Quadro de Honra 1.º Período 2025/2026

Do Quadro de Honra fazem parte os/as alunos/as que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no Ensino Básico e de 17 valores no Ensino Secundário), quer no domínio curricular, quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

5.º ANO		
6462	Sofia Silva	5.º A
6816	Catarina Gomes	5.º A
7807	Maria Rita Tiago	5.º A
7818	Leonor Castanheira	5.º A
7843	Gonçalo Ribeiro	5.º A
7889	Maria Lourenço	5.º A
7957	Duarte Alpoim	5.º A
6437	Eduardo Castro	5.º B
6478	Maria Eduardo Alvim	5.º B
6518	José de Medeiros	5.º B
6539	Mariana Botton	5.º B
6941	Vera Pinheiro	5.º B
6445	Francisco Henriques	5.º C
6463	Luísa Pereira	5.º C
6507	Júlia Afonso	5.º C
6618	Mariana Lemos	5.º C
6897	Pedro Fernandes	5.º C
7806	Gabriela Frias	5.º C
7820	Rita Castilho	5.º C
7861	Manuela Cardoso	5.º C
7956	Maria Benedita Alpoim	5.º C
6439	Tomás Ribeiro	5.º D
6444	Sofia Rodrigues	5.º D
6458	Manuel Gil	5.º D
6511	Sofia Aguiar	5.º D
6525	Francisca Henriques	5.º D
7063	Isabel Almeida	5.º D
7822	João Ribeiro	5.º D
6.º ANO		
6241	Maria Leonor Martins	6.º A
6369	Vasco Almeida	6.º A
7646	Joana Rosa	6.º A
6237	Duarte Moreira	6.º B
6288	Rafael Pinto	6.º B
6300	Duarte Simões	6.º B
6323	Manel Freitas	6.º B
6362	Alice Brito	6.º B
6552	Vicente Medeira	6.º B
6682	Madalena Falcão	6.º B
6209	Madalena Faria	6.º C
6306	Manuel Xavier	6.º C
6648	Sofia Gonçalves	6.º C
6881	Leonor Venâncio	6.º C
7681	Mateus Silva	6.º C
7774	Vicente Martinho	6.º C
6202	Francisco Caldeira	6.º D
6279	Joaquim Videira	6.º D
6280	Sebastião Guerreiro	6.º D
6299	Aurora Santos	6.º D
6394	Camila Ângelo	6.º D
6570	Leonor Coelho	6.º D
7621	Manuel Esteves	6.º D
7644	Arthur Simões	6.º D
7.º ANO		
6009	Bernardo Rodrigues	7.º B
7454	Miguel Maia	7.º B
6035	Gonçalo Ornelas	7.º C
6050	José Machado	7.º D
6133	Maria João Sousa	7.º D
6134	Pilar Moreira	7.º D
6866	Maria Margarida Henriques	7.º D
7431	Francisco Poiares	7.º D
7446	Dinis Tiago	7.º D
7964	António Lourenço	7.º D
8.º ANO		
5749	Teresa Afonso	8.º A
5764	Carolina Domingos	8.º A
5773	Tomá eira	8.º A
5823	Matilde Rocha	8.º A
5846	Diana Marques	8.º A
7046	Maria Rita Felizardo	8.º A
5760	Margarida Dias	8.º B
5878	Rodrigo Garcia	8.º B
6142	Sara Salpico	8.º B
7259	Tiago Torgal	8.º B
7272	Maria Joana Câmara	8.º B
7382	Filipa Batista	8.º B
5775	Teresa Cintra	8.º C
5795	Clara Martinez	8.º C
6013	Leonor Santos	8.º C
6374	António Palma	8.º C
7250	Mia Correia	8.º C
5746	Benedita Pires	8.º D

6451	Maria do Carmo Fernandes	8.º D
6468	Rodrigo Yang	8.º D
7254	Guilherme Batista	8.º D
7304	Francisco Medina	8.º D
7347	Rodrigo Mira	8.º D
7737	Rosarinho Sinde	8.º D
7765	Francisco Prata	8.º D
9.º ANO		
5560	Olívia Videira	9.º A
5576	André Cruz	9.º A
5581	Filipe Paixão	9.º A
5762	Maria Carolina Évora	9.º A
6020	Matilde Sousa	9.º A
6310	Francisca Almeida	9.º A
7066	Maria do Carmo Ruivo	9.º A
7464	Mafalda Pintão	9.º A
5519	Constança Valério	9.º B
5586	Maria Batalha	9.º B
5619	Madalena Paiva	9.º B
5647	Constança Valente	9.º B
6543	Carolina Esteves	9.º B
6863	Leonor Silva	9.º B
7042	Catarina Ferreira	9.º B
7051	Inês Ferreira	9.º B
7148	Nicole Pereira	9.º B
5534	Inês Lameira	9.º C
5539	Mariana Fernandes	9.º C
7032	Júlia Ribeiro	9.º C
7107	Inês Franco	9.º C
7124	Rita Marques	9.º C
7587	Maria Francisca Silva	9.º C
5594	Rita Resende	9.º D
5596	Mariana Gomes	9.º D
5757	Martim canas	9.º D
5809	António Mendes	9.º D
6195	Sara Silva	9.º D
6238	Sofia Amador	9.º D
7324	Tiago Colen	9.º D
7969	Inês Rocha	9.º D
10.º ANO		
5383	Leonor Alves	10.º 1A
5390	João Monteiro	10.º 1A
5396	Alice Gomes	10.º 1A
5446	Afonso Bouça	10.º 1A
5951	Yuer Zhou	10.º 1A
5961	Helena Valente	10.º 1A
6051	Mariana Mata	10.º 1A
6370	Isabel Sampol	10.º 1A
6885	Mariana Piedade	10.º 1A
7166	Carolina Silva	10.º 1A
5379	Inês Silva	10.º 1B
5404	Diogo Abreu	10.º 1B
5424	Maria Santana	10.º 1B
6569	Joana Coelho	10.º 1B
6847	Ana Borba	10.º 1B
6882	Maria Inês Venâncio	10.º 1B
7922	Lucas Kisslinger	10.º 1B
5415	Leonor Gomes	10.º 2A
5549	Francisca Rosa	10.º 2A
6137	Mónica Wu	10.º 2A
6840	Carlota Vasconcelos	10.º 2A
6959	Mariana Costa	10.º 2A
7308	Vasco Bagina	10.º 2A
5402	Pedro Nunes	10.º 2B
5622	Santiago Becker	10.º 2B
6848	Bento Borba	10.º 2B
5391	João Gomes	10.º 3
5416	Flor Ferreira	10.º 3
6716	Maria Luísa Canaveira	10.º 3
7043	João Felizardo	10.º 3
7575	Júlia Cardoso	10.º 3
11.º ANO		
5287	Duarte Baltazar	11.º 1A
5295	João Rodrigues	11.º 1A
5462	Duarte Mendes	11.º 1A
5671	Maria Ana Carvalho	11.º 1A
5712	Rodrigo Pissarra	11.º 1A
6664	Francisco Bailão	11.º 1A
7720	Beatriz Neves	11.º 1A
7730	Valéria Ferreira	11.º 1A
7741	Pedro Branco	11.º 1A
6680	Vasco Silvestre	11.º 1B
7735	Rodrigo Cunha	11.º 1B
5259	Inês Ferreira	11.º 1C
5260	Daniel Marques	11.º 1C
5267	Vasco Jesus	11.º 1C
5271	Lourenço Dourdil	11.º 1C
5274	Miguel Zlotnikov	11.º 1C
5276	Alex Xu	11.º 1C
5280	Catarina Mesquita	11.º 1C
5320	Joana Parreira	11.º 1C
5561	André Enes	11.º 1C
5803	Manuel Silva	11.º 1C
6698	Frederico Brehm	11.º 1C
6990	Gabriel Pombal	11.º 1C
7385	Tomás Ministro	11.º 1C
7531	Tiago Gonçalves	11.º 1C
7726	Rodrigo Paradinha	11.º 1C
7732	Gustavo Ferreira	11.º 1C
5252	Matilde Ricardo	11.º 2
6412	Maria Leonor Matias	11.º 2
6632	Tomás Folque	11.º 2
6720	Afonso Ribeiro	11.º 2
7193	Gonçalo Fernandes	11.º 2
7727	Inês Ribeiro dos Santos	11.º 2
7731	Diogo Martins	11.º 2
12.º ANO		
6783	Maria Inês Pereira	11.º 4
5068	Tomás Mateus	12.º 1A
5115	João Claudino	12.º 1A
5129	Leonor Santana	12.º 1A
5208	João Neves	12.º 1A
5220	Sofia Fernandes	12.º 1A
5339	Madalena Cunha	12.º 1A
5831	Vasco Isidoro	12.º 1A
6375	Rita Brás	12.º 1A
6460	Sofia Carvalho	12.º 1A
6477	Tiago Rodrigues	12.º 1A
6509	Sofia Costa	12.º 1A
6901	Simão Pignatelli	12.º 1A
7117	Madalena Aleluia	12.º 1A
7527	Lucas Drago	12.º 1A
7589	Madalena Leonardo	12.º 1A
7605	Luana Cruz	12.º 1A
5114	Henrique Macedo	12.º 1B
5174	André Caetano	12.º 1B
5213	Tomás Limede	12.º 1B
5427	Francisco Albuquerque	12.º 1B
5529	Marta Santos	12.º 1B
5931	Vicente Loureiro	12.º 1B
6891	Manuel Lebre	12.º 1B
7396	Filipe Campos	12.º 1B
5086	Alexandre Guerra	12.º 2A
5090	Sara Rau	12.º 2A
5091	Inês Quental	12.º 2A
5122	José Maria Rocha	12.º 2A
5278	Manuel Félix	12.º 2A
5463	Manuel Mendes	12.º 2A
6452	Martim Cabral	12.º 2A
7196	David Matos	12.º 2A
7537	Vasco Veríssimo	12.º 2A
5065	Alexandre Carvalho	12.º 2B
5084	Vasco Martins	12.º 2B
5690	Cathy Zheng	12.º 2B
6615	João Souto	12.º 2B
7155	Guilherme Duarte	12.º 2B
7607	Maria Inês Leitão	12.º 2B
5070	Maria Filipa Lopes	12.º 3
5094	Manuel Varandas	12.º 3
6520	Gonçalo Silva	12.º 3
7413	Clara Guedes	12.º 3
7540	Leonor Louro	12.º 3
7742	Ana Sofia Sá	12.º 3
5106	Rita Machado	12.º 4
7346	Sofia Briosa	12.º 4
7532	Catarina Correia	12.º 4

Semana na Neve: Tempo de aprender fora do Colégio

Departamento de Educação Física

A atividade “Semana na Neve”, realizada com os/as alunos/as do 8.º ano, assumiu-se como uma experiência educativa intencionalmente desenhada para retirar os/as alunos/as da sua zona de conforto e colocá-los em contextos reais de aprendizagem, de exigência e de superação pessoal, afirmando simultaneamente o “tempo” como um recurso pedagógico essencial. Longe da tradicional sala de aula e da fragmentação habitual dos horários escolares, a neve tornou-se cenário, desafio e recurso pedagógico, proporcionando um tempo contínuo e significativo dedicado à aprendizagem, à atividade física e ao desenvolvimento pessoal, que permitiu a todos/as viverem os processos educativos de forma mais profunda, consciente e integrada.

Para muitos/as alunos/as, esta foi a primeira experiência em ambiente de neve. O contacto com um meio desconhecido exigiu tempo de adaptação física e emocional: lidar com o frio, com equipamentos específicos, com o equilíbrio em superfícies instáveis e com regras rigorosas de segurança. Esse tempo inicial, muitas vezes marcado pela hesitação e pelo erro, revelou-se fundamental para o processo de aprendizagem. Aprender na neve não acontece de forma imediata: exige repetição, persistência e disponibilidade para falhar e tentar novamente.

A aprendizagem técnica associada às modalidades de neve, como o *ski* ou o *snowboard*, constituiu apenas uma das dimensões trabalhadas ao longo da semana. O tempo diário dedicado à prática permitiu uma vivência prolongada e consistente da atividade física, favorecendo a consolidação das aprendizagens motoras e o desenvolvimento da resistência, da coordenação, da consciência corporal e da perceção do risco. Aprender a cair, a levantar-se, a reajustar o corpo ao equilíbrio e ao ritmo do movimento tornou-se, assim, uma metáfora clara do próprio processo de aprendizagem: errar, persistir, aceitar o apoio do outro e evoluir progressivamente.

Paralelamente, o tempo vivido na “Semana na Neve” potenciou aprendizagens pessoais e sociais relevantes. A autonomia ganhou um significado concreto: cuidar do próprio equipamento, cumprir horários, gerir o cansaço e assumir responsabilidades individuais num contexto coletivo. O espírito de grupo foi constantemente convocado, quer na entreaajuda nas pistas, quer na convivência fora delas, reforçando competências sociais como a empatia, a cooperação e o respeito pelo outro.

Esta semana evidenciou a importância de um tempo educativo que permita parar, observar, sentir e aprender com o corpo em ação. Esta experiência mostrou que dar tempo à aprendizagem e à atividade física é dar espaço ao crescimento integral dos/as alunos/as. Assim, aprender fora do Colégio foi, sobretudo, aprender a gerir o tempo: o tempo do esforço, o tempo da superação, o tempo do corpo em movimento e o tempo necessário para que a aprendizagem aconteça de forma plena e duradoura.



Gostei muito de poder esquiar livremente com os meus colegas e com os professores.

Margarida Dias 8.º B

Senti uma boa conexão com todos. Os colegas foram sociais, os professores exigentes, mas sempre divertidos, tal como o guia.

José Dias 8.º B

Foi, em geral, uma experiência muito divertida e interessante, sinto que tive a oportunidade de passar mais tempo com os meus amigos/colegas e de conhecer melhor os professores que vieram connosco nesta viagem.

Benedita Pires 8.º D

Espero que o oitavo ano seguinte também tenha a oportunidade de ter uma experiência tão incrível como a minha!

Rodrigo Garcia 8.º B

A viagem foi muito divertida e não me vou esquecer dela.

Francisca Jerónimo 8.º A



Dias dos Direitos Humanos

Em janeiro, o Colégio viveu os Dias dos Direitos Humanos, num mês marcado pela reflexão, pela participação e pela ação. Através de jogos, palestras, exposições e tantas outras iniciativas, evocámos os valores essenciais trabalhados diariamente na disciplina de Cidadania: Paz, Liberdade, Igualdade, Justiça, Cooperação, Solidariedade, Respeito e Empatia.

Num mundo atravessado por conflitos, guerras e catástrofes, estas atividades reforçaram a urgência de desenvolver o sentido de dever e o compromisso da responsabilidade individual como motor de uma mudança coletiva orientada para o bem comum.

“Os Dias dos Direitos Humanos” contribuíram para sensibilizar os/as alunos/as para a importância do respeito pelos Direitos Humanos e para o papel ativo que cada um/a pode ter na construção de um futuro mais justo e próspero.

Foi um mês inspirador, que nos lembrou o valor das pequenas grandes conquistas do dia a dia e nos motivou a continuar a fazer mais e melhor.



Dia Mundial da Audição

No dia 3 de março, o Colégio Valsassina associou-se à celebração do Dia Mundial da Audição com um programa especial dedicado à importância de ouvir, proteger e valorizar a saúde auditiva.

A manhã começou no auditório com a sessão “Como Ouvimos?”, dinamizada por especialistas da Faculdade de Medicina de Lisboa, dirigida a alunos/as do Ensino Secundário, onde foram esclarecidas dúvidas sobre cuidados com a audição, desde o uso de auscultadores até ao impacto de piercings nos ouvidos.

Um dos momentos mais marcantes aconteceu às 11h00, quando todo o Colégio parou para 10 minutos de silêncio absoluto. Alunos/as, professores/as e todos/as os/as colaboradores/as desligaram o ruído para simplesmente escutar o ambiente à sua volta, um convite a refletir sobre o valor do som... e da sua ausência.

Nos intervalos, o anfiteatro ganhou vida com *karaoke* ao vivo e pista de dança. Ao longo do dia houve ainda *workshop* de Língua Gestual, cinema mudo, desafios sensoriais, sons da natureza espalhados pelo colégio e a “Patrulha dos Decibéis”, que mediu os níveis de ruído em tempo real.

Entre silêncio, música e descoberta, foi um dia dedicado a ouvir o mundo com mais atenção.

ACONTECEU



Navegar na Escrita 2025

Em 2024/2025, os alunos e as alunas do 4.º ano embarcaram numa viagem pela escrita criativa, sob a orientação do escritor Ondjaki. Munidos apenas da imaginação e da vontade de experimentar, navegaram por mares de palavras e deram vida a personagens, a aventuras improváveis e a mundos que existem entre o sonho e a realidade. Cada texto é uma janela aberta sobre um universo particular, uma forma única de ver e interpretar o mundo.

As 81 histórias publicadas neste livro são o testemunho de um exercício de liberdade. Liberdade de criar, de pensar, de questionar. Este projeto é, acima de tudo, uma celebração da imaginação e do poder transformador da palavra.

Semana Verde

Decorreu, entre 12 e 16 de janeiro, a Semana Verde, uma iniciativa que mobilizou a comunidade Valsassina e assinalou o 24.º ano de participação no Programa Eco-Escolas. Num ano em que 2026 foi designado pela ONU como o Ano Internacional do Voluntariado para o Desenvolvimento Sustentável, a Semana Verde destacou a importância da responsabilidade individual e coletiva na proteção do ambiente e na promoção da justiça social.

Uma das atividades em destaque foi a campanha de recolha de equipamentos elétricos e eletrónicos usados. Telefones, teclados, computadores e outros pequenos equipamentos foram entregues no Átrio do Liceu e, em parceria com a ENTRAJUDA, serão agora recuperados, reutilizados ou reciclados, promovendo a economia circular e contribuindo para a melhoria das condições de vida de famílias carenciadas.

A programação incluiu ainda as sessões “Descoberta dos ‘s’ perdidos”, dinamizadas pela Entreatajuda, uma reunião do Conselho Eco-Escolas, elemento estruturante do programa, e a simbólica, e sempre memorável, cerimónia do Hastear da Bandeira Verde, acompanhada pela plantação de uma oliveira (uma ação que contou com o apoio do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, I.P. – Pólo de Inovação de Elvas, Olivicultura), reforçando a ligação entre educação ambiental e práticas sustentáveis.

A Semana Verde assumiu-se, assim, um momento de celebração, de reflexão e de ação.

Alunas do Colégio Valsassina Apresentaram Projeto Científico em Bruxelas, na Science Expo Belgium 2026

De 24 a 28 de março, Rita Henriques e Mafalda Mesquita (alunas do 12.º 1A, 2024/2025) foram até Bruxelas para a Science Expo Belgium 2026 para apresentar o projeto newPLAstic, onde produziram um bioplástico a partir de poli(ácido láctico) extraído de desperdícios de cascas de batata.

O desenvolvimento do projeto contou com a parceria e apoio científico da Dra. Ana Ribeiro, do Centro de Química Estrutural, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

A seleção para representar Portugal neste evento resultou do prémio conquistado no Concurso Nacional para Jovens Cientistas 2025, organizado pela Fundação da Juventude, que apoia também a participação da equipa em Bruxelas.



Atividade de Haikus

A 23 de janeiro celebrou-se o Dia da Escrita à Mão: através de uma colaboração entre Camila Sousa, da Biblioteca do Valsassina, e Filipa Freitas, professora de português, dinamizou-se uma atividade de escrita e desenho.

Os/as alunos/as do 5.º ao 7.º ano foram desafiados a escrever três curtos versos, seguindo o modelo do Haiku. Este género de poesia, original do Japão do século XVII, fixa um instante no tempo e retrata-o: com poucas palavras, os/as alunos/as descreveram um momento da Natureza, usando a caligrafia e a ilustração.

Esta atividade implicou um esforço de síntese, de concentração num momento a retratar, de adequação entre palavra escrita e desenho, lembrando-nos da importância do registo escrito e do tanto que somos capazes de comunicar com poucas palavras.



Alunos/as do 1.º Ciclo Premiados/as no International Children's Exhibition of Fine Arts Lidice 2025

Mix and Match: Portraits in Play, assim se chama o trabalho coletivo dos/as alunos/as do 1.º Ciclo que foi premiado no concurso International Children's Exhibition of Fine Arts Lidice 2025. A edição de 2025 deste concurso, que teve como tema o “Jogo”, recebeu 12.723 trabalhos, de 70 países.

No dia 22 de janeiro, fomos visitados pelo Senhor Embaixador Martin Pohl, da Embaixada da República Checa em Portugal, que entregou pessoalmente o diploma do prémio, uma Menção Honrosa, aos/as alunos/as autores/as do trabalho.

O International Children's Exhibition of Fine Arts Lidice é uma das maiores e mais antigas exposições/concursos de arte infantil do mundo. Organizada pelo Lidice Memorial, na República Checa, esta iniciativa foi criada em 1967 para homenagear as crianças vítimas da guerra, em particular as vítimas do massacre da aldeia de Lidice durante a Segunda Guerra Mundial.

Alunos do 6.º ano Assistem à Peça de Teatro A Aventura de Ulisses

No início do segundo período, os/as alunos/as do 6.º ano viveram uma manhã diferente e cheia de aventura ao serem convocados/as pela disciplina de Português para assistir à peça A Aventura de Ulisses, apresentada pela companhia Teatro Cultural Kids.

Esta iniciativa proporcionou uma experiência cultural enriquecedora, que complementou o trabalho desenvolvido em sala de aula, com a leitura da obra Ulisses, de Maria Alberta Menéres, transportando os/as alunos/as para uma verdadeira viagem pelo universo da mitologia grega e da narrativa épica.

Atelier de Escrita Visual, com Antonio Nicolò Zito

No Atelier de Escrita Visual do 1.º Ciclo, os/as alunos/as foram desafiados/as a dar forma ao tema “Livro” para a 54.ª Exposição Internacional de Arte Infantil de Lidice 2026. A iniciativa foi dinamizada pelo artista visual e contador de histórias italiano Antonio Nicolò Zito, que orientou as crianças numa experiência criativa e sensorial.

Recorrendo a materiais reciclados e a técnicas mistas como colagem, têmpera e aquarela, os/as alunos/as construíram um original livro 3D em formato carrossel, uma viagem mágica onde a leitura nos eleva como uma nuvem através das palavras, imagens e emoções. A peça transforma a leitura numa viagem imaginativa, onde páginas se abrem como cenários e as histórias ganham movimento.

O resultado é uma obra coletiva que celebra a liberdade de expressão artística, a sustentabilidade e o poder dos livros.





Mitos da Grécia Antiga

Na disciplina de História, os/as alunos/as do 7.º ano deram asas à criatividade e transformaram a sala de aula num verdadeiro festival de mitos gregos.

Entre teatro, teatro de sombras, fantoches, entrevistas, contos e apresentações, houve espaço para trabalhar em equipa, estimular a criatividade e aprender de forma divertida e envolvente. A atividade permitiu aos/às alunos/as viver a História com entusiasmo e muita imaginação, realçando que aprender é um processo que deve ser marcado pela criação, pela experimentação e pela partilha.



Os Rostos dos Direitos Humanos

O projeto “Os rostos dos Direitos Humanos”, uma iniciativa da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, desafiou os/as alunos/as do 7.º ano a retratarem-se como personalidades marcantes que se destacaram na luta pelos Direitos Humanos.

A exposição destacou figuras que mudaram o rumo da história e deixou uma mensagem forte: os direitos humanos existem graças à coragem de quem os defende e dependem das novas gerações para continuarem vivos.

O projeto recordou ainda um momento decisivo: em 1948, a Organização das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecendo, pela primeira vez, direitos universais para TODAS as pessoas.

Foi uma iniciativa que se integrou no programa dos Dias dos Direitos Humanos.

Valsassina Solidário: Juntos por Fátima e por Leiria

O mau tempo que se fez sentir em Portugal nas últimas semanas deixou marcas profundas no Centro de Fátima da Comunidade Vida e Paz e no Apartamento de Reinserção de Leiria, provocando danos significativos e agravando uma situação já exigente.

Apesar das dificuldades, a resposta solidária não tardou: já chegaram lonas, telhas e roupa ao centro de Fátima. Ainda assim, permanece um desafio urgente: garantir alimentação diária para cerca de 900 pessoas acompanhadas, incluindo 70 residentes em Fátima e 7 em Leiria.

Perante este cenário, promovemos uma campanha de angariação de alimentos, apelando ao espírito de união da comunidade Valsassina. Cada contributo conta e pode fazer a diferença num momento crítico.

Mais do que reconstruir espaços, esta mobilização pretende reforçar esperança, dignidade e novas oportunidades para quem mais precisa.

Dia da Internet Mais Segura

No dia 11 de fevereiro, o Colégio assinalou o Dia da Internet Mais Segura de uma forma especial. Os/as alunos/as do Clube do Erasmus+ do 7.º ano assumiram o papel de embaixadores digitais e levaram a mensagem diretamente aos colegas dos 4.º, 5.º e 6.º anos.

Através de apresentações curtas, claras e dinâmicas, falaram sobre cidadania digital, proteção da privacidade, segurança *online* e prevenção do *cyberbullying*, despertando a atenção dos mais novos para riscos e boas práticas na internet.

A ação integrou o projeto Erasmus+ do Valsassina e reforçou uma ideia central: usar tecnologia não é apenas saber clicar, mas também (ou acima de tudo) saber respeitar, proteger e agir com responsabilidade.

Entre Páginas e Cenários Reais: 12.º ano mergulha no universo de Memorial do Convento

Os alunos e as alunas do 12.º ano partiram rumo a Mafra para assistir à representação teatral de *Memorial do Convento*. A iniciativa, promovida pela disciplina de Português, integrou-se no estudo da obra homónima de José Saramago, que faz parte dos conteúdos programáticos e do exame nacional da disciplina.

Mais do que assistir a uma peça, esta atividade teve como principal objetivo aprofundar o conhecimento da obra. A visita proporcionou ainda o contacto direto com o espaço emblemático onde decorre parte da ação narrativa, o Convento de Mafra, permitindo aos/às alunos/as relacionar a ficção com o cenário real e compreender de forma mais clara e envolvente o universo criado por Saramago.

Assembleia das Crianças

O **Xavier Enes**, a **Maria Lourenço** e o **Manuel Gil**, do 5.º ano, foram os representantes do Valsassina na Assembleia de Crianças da Freguesia de Marvila. No evento, que se realizou no dia 4 de março, tiveram a oportunidade de se pronunciar sobre políticas públicas que envolvem as crianças, como educação, desporto, habitação, espaço público, cultura, direitos sociais e segurança.

Esta atividade visa promover o acesso das crianças a novas oportunidades de aprendizagem cívica e política, desenvolver competências de comunicação, relacionamento interpessoal e reflexão crítica e proporcionar diálogo direto entre crianças e decisores políticos, incentivando a sua participação no governo da cidade e integrando a perspetiva infantil na tomada de decisões.

A Assembleia das Crianças da Freguesia de Marvila é uma iniciativa da Junta de Freguesia que promove a cidadania ativa e a participação jovem, permitindo que alunos/as de várias escolas da freguesia apresentem propostas para a comunidade. É uma iniciativa enquadrada na Assembleia de Crianças de Lisboa, promovida pela Assembleia Municipal, em parceria com a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia e as escolas da cidade.



Programa Academia Valsassina 10.º ano: Ferramentas para o Futuro

Academia Valsassina 10.º ano: Ferramentas para o Futuro é o nome de um programa dirigido para todos/as os/as alunos/as do 10.º ano, onde se pretende promover as *soft skills*. Realiza-se entre fevereiro e junho de 2026, em horário letivo, sendo complementar da componente curricular dos/as alunos/as.

Em complemento às aprendizagens relacionadas com os conteúdos disciplinares e conhecimentos científicos e técnicos (*hard skills*) adquiridos ao longo do percurso escolar, a Academia Valsassina 10.º ano tem como objetivo capacitar os/as alunos/as com (novas) ferramentas “não-técnicas”, também designadas por *soft skills*, consideradas fundamentais para a formação pessoal e para o sucesso académico e profissional.

A edição de 2026 deste programa iniciou-se no dia 23 de fevereiro com o módulo “Comunicação e *Public Speaking*”.

Este programa é composto por um total de 11 módulos. Até junho há ainda muitas experiências por realizar e aprendizagens para adquirir.



ACONTECEU

no desporto

Mega Sprinter

No passado dia 2 de março, os/as alunos/as do Valsassina marcaram presença nas provas Mega Sprint e Mega Km, numa jornada dedicada ao atletismo e à superação. A iniciativa, promovida pela Coordenação do Desporto Escolar de Lisboa Cidade, contou com a colaboração da Federação Portuguesa de Atletismo e da Fundação INATEL e teve lugar na Pista do Estádio 1.º de Maio, em Lisboa.

Entre momentos de grande velocidade e desafios de resistência, os/as alunos/as colocaram à prova a sua preparação física, demonstrando determinação, espírito competitivo e paixão pelo desporto.

Ao longo das provas, os/as alunos/as representaram o Colégio com grande empenho, respeito pelos adversários e espírito de *fair play*, num ambiente marcado pelo entusiasmo e pela energia.



Corta-mato Regional

Numa prova marcada por condições atmosféricas atípicas, os/as alunos/as do Colégio participaram com grande dedicação no Corta-Mato Regional.

Merece destaque o empenho, a atitude e o irrepreensível espírito desportivo demonstrado por todos/as ao longo da prova. Vários/as alunos/as conquistaram lugares no Top 10, registaram-se excelentes classificações coletivas e uma parte significativa dos/as atletas terminou a prova na primeira metade da tabela classificativa.

A prova foi promovida pela Coordenação do Desporto Escolar, com a colaboração da Federação Portuguesa de Atletismo.

Torneio de Xadrez Inter-escolas

No passado dia 27 de fevereiro, o Colégio foi palco de um animado torneio de Xadrez que colocou frente a frente duas equipas do Colégio Valsassina e duas da Escola Secundária de Odivelas. A iniciativa teve como principal objetivo promover o gosto pelo jogo em ambiente competitivo, reunindo dezasseis jogadores e jogadoras de diferentes idades numa tarde marcada pela estratégia, concentração e espírito desportivo.

Ao longo das várias rondas, os/as participantes demonstraram um grande empenho e qualidade nas partidas disputadas. A Equipa do Colégio Valsassina formada pelos/as alunos/as **Henrique Ré** (7.º D), **David Louro** (7.º D), **Francisco Prata** (8.º D) e **Vitória Wu** (8.º D) destacou-se ao vencer todas as rondas do torneio, garantindo assim o 1.º lugar da classificação. Também em excelente plano esteve a segunda equipa do Colégio Valsassina, composta por **Santiago Martins** (6.º D), **Tiago Jin** (8.º B), **Guilherme Baptista** (8.º D) e **Afonso Bouça** (10.º 1A), que conquistou o 2.º lugar após uma prestação muito consistente ao longo da competição.

O torneio foi uma oportunidade para partilhar a paixão pelo xadrez, reforçar laços entre escolas e proporcionar aos/às alunos/as uma experiência enriquecedora, num ambiente de *fair play* e entusiasmo.

Agradecemos à Escola Secundária de Odivelas pela parceria e entusiasmo demonstrado.

OUÇA E SIGA OS PODCASTS DO COLÉGIO VALSASSINA



O podcast *Gazeta Valsassina* junta notícias do Colégio a textos criados pelos/as alunos/as em resposta a variados desafios e a registos sonoros de eventos em que vários convidados partilham conhecimentos e experiências com a comunidade Valsassina.

O podcast *Temos de Falar* é um espaço de entrevistas, novidades, opinião, debate e reflexão da vida no Colégio Valsassina.

Pode ouvir e seguir os nossos podcasts no Spotify, na Apple Podcasts, ou na aplicação onde já ouve e segue os seus podcasts favoritos.

Encontre-os aqui:



Vai acontecer...

abril

- Viagem de finalistas 9.º Ano
- Viagem de finalistas 12.º Ano
- Semana do Mar/*Blue Week*
- Conferências do Ciclo Valsassina

maio

- Conferências do Ciclo Valsassina
- Dia Escola Azul
- Dia da Música
- Um Dia na Escola

junho

- Conferências do Ciclo Valsassina
- Concerto da Primavera
- Primeira Comunhão
- Jantar de finalistas 9.º ano
- Jantar de finalistas 12.º ano
- Academias Valsassina 10.º ano
- Programa "A minha primeira experiência no mundo do trabalho"



COLÉGIO VALSASSINA



 Largo Frederico Valsassina, 1959-010 Lisboa  21 831 09 00